



Comunicações do ISER

Número 73 - Ano 40 - 2021

EVANGÉLICOS À ESQUERDA NO BRASIL



ENTREVISTAS COM
LIDERANÇAS E
COLETIVOS NAS
ELEIÇÕES DE 2020



COMUNICAÇÕES DO ISER Nº 73

PUBLICAÇÃO SAZONAL DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA RELIGIÃO
Rio de Janeiro - dezembro - 2021 / www.iser.org.br

Diretora executiva

Ana Carolina Evangelista

Diretor executivo adjunto

Clemir Fernandes

Diretora de operações

Luna Rozenbaum

Coordenação acadêmica

Regina Novaes

Assistente editorial

Lucas Bártolo

Secretária

Helena Mendonça

Conselho do ISER

Pedro Strozenberg
(presidente)

Alice de Moraes Amorim
Vogas

Barbara Musumeci Mourão

Ronilso Pacheco da Silva

Vilma Maria dos Santos Reis

Conselho editorial

Bruna Portela

Lívia Reis

Isabel Pereira

Moema Salgado

Organizadores deste número

Christina Vital da Cunha

João Luiz Moura

Assessoria editorial

Brenda K. Souza

Diagramação

Luan Cândido

Capa

Fernanda Xavier Maia

Iniciativa apoiada por



FORD
FOUNDATION

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)

C741 Comunicações do ISER / Organizadores Christina Vital, João Luiz Moura. – Ano 40, n. 73 (dez. 2021). – Rio de Janeiro RJ: ISER, 2021.

30 x 22 cm

ISSN 0102-3055

1. Instituto de Estudos da Religião – Correspondências. 2. Eleições – Brasil. 3. Evangélicos – Esquerda e Direita (Ciência política). I. Vital, Christina. II. Moura, João Luiz.

CDD 361.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

EVANGÉLICOS À ESQUERDA NO BRASIL

ENTREVISTAS COM LIDERANÇAS E COLETIVOS
NAS DE ELEIÇÕES DE 2020

SUMÁRIO

Apresentação

“Identidades, números e histórias de evangélicos nas eleições 2020” Christina Vital e João Luiz Moura	7
--	---

Entrevista com Arioaldo Ramos

Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito	14
--	----

Entrevista com Nilza Valéria

Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito e Rede de Mulheres Negras Evangélicas	30
---	----

Entrevista com Samuel Oliveira

Movimento Bancada Evangélica Popular	43
--	----

Entrevista com Tiago Santos

Movimento Cristãos Contra o Fascismo	53
--	----

Entrevista com Jonatas Arêdes, Fellipe Gibran, Djenane Vera e KeniaVertello

Integrantes da Candidatura Coletiva Plural (MG)	66
---	----

Epílogo

“Evangélicos e eleições: anotações para uma agenda de pesquisa” Regina Novaes	80
--	----



APRESENTAÇÃO

COMUNICAÇÕES DO ISER

IDENTIDADES, NÚMEROS E HISTÓRIAS DE EVANGÉLICOS NAS ELEIÇÕES 2020

Christina Vital da Cunha¹
João Luiz Moura²

O fascículo *Evangélicos à esquerda no Brasil* traz entrevistas com lideranças e coletivos nas eleições 2020, de *Comunicações do Iser*, traz para um público amplo reflexões de atores religiosos, notadamente evangélicos e evangélicas, sobre as eleições 2020. Desde a movimentação orgânica de católicos e evangélicos para elegerem representantes ao Congresso Nacional naquela legislatura (1987-1990) que seria marcada pela elaboração da nova Constituição, após 21 anos de ditadura militar no Brasil, o conservadorismo religioso ganhou destaque em trabalhos acadêmicos e na mídia secular. Contudo, a partir das eleições presidenciais de 2010, a ênfase na participação desses atores religiosos se avolumou atingindo uma espécie de culminância nas eleições 2018, quando parte dos evangélicos foram identificados como o principal grupo de apoio a Jair Messias Bolsonaro, vitorioso naquele pleito. Na maior parte das abordagens, uma forma de pensamento binário se pronunciava tornando opaca a diversidade de posicionamentos políticos, sociais e até mesmo doutrinários/teológicos/cosmológicos presentes no interior dos grupos religiosos no Brasil. Certamente, o Brasil, assim como outros países das Américas e da Europa, passou por uma efervescência conservadora (Soares, 2019; Saad Filho, Morais, 2018; Guadalupe e Carranza, 2020; Fonseca, 2019) que fez desmoronar conquistas de grupos sociais minoritários, políticas públicas inclusivas, programas de assistência social, (Natividade, Sousa, Rocha, 2021; Natividade 2021 entre outros) um modelo de gestão no qual a participação popular era incentivada.

Na América Latina e nos Estados Unidos, essa efervescência conservadora contou deliberadamente com o incremento de líderes e empresários evangélicos e com parte da cúpula católica. Já os fiéis dessas e outras tradições no Brasil vinham fazendo suas escolhas eleitorais cada vez mais guiados por sentimentos de ameaças que se apresentavam sobre vários âmbitos de suas vidas (renda/empregabilidade, patrimonial, física - com o aumento da violência no campo e na cidade, moral/valores de referência). Nesse contexto, narrativas que acentuavam as perdas partilhadas por diferentes grupos sociais diante de sucessivos governos identificados com a esquerda tiveram sucesso. Uma retórica da perda³ (Vital da Cunha, 2020) foi sendo elaborada com vistas às eleições ganhando mentes e corações. As disputas não eram tão somente no campo das objetividades políticas, mas na construção e consolidação de uma ética conservadora aquecida paulatinamente desde os anos 1990 por atores diversos (Rocha, 2020). Em contraposição a essa retórica da perda

¹ Professora Associada do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia, coordenadora do LePar-Laboratório de Estudos Sócio Antropológicos em Política, Arte e Religião, na Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Mestre em Ciências da Religião, pesquisador visitante no Instituto de Estudos da Religião (Iser), membro do grupo de pesquisa Estado e Direito no Pensamento Social Brasileiro sob coordenação do professor Doutor Silvio Almeida (Mackenzie). Membro do grupo de pesquisa A Crítica do Direito e a Subjetividade Jurídica, sob coordenação do professor Doutor Alysson Mascaró (USP).

³ A retórica da perda "pode ser considerada como uma tática discursiva articulada por diferentes lideranças sociais e políticas (dentre elas, religiosas) baseada em um imperativo: o retorno da ordem, da previsibilidade, da segurança, da unidade, da autoridade. É um discurso que se contrapõe a mudanças sociais experimentadas socialmente no mundo a partir dos anos 1990 e, no Brasil, especialmente a partir de meados dos anos 2000. A insegurança moral e até ontológica produzida por mudanças em paradigmas sobre corpo e sexualidade, somado ao aumento da violência armada no campo e na cidade produziu em um contingente significativo da população um desejo de retorno a um status quo ante no qual não se sentia tantas ameaças físicas, morais e patrimoniais" (Vital da Cunha, 2020:34).

⁴ Para acessar uma discussão sobre o “cristianismo da batalha” e o “cristianismo motivacional” a partir da arte urbana na qual grafiteiros evangélicos e católicos cobriam muros da cidade com palavras, cores e formas nas quais o amor se pronunciava, ver Vital da Cunha (2014).

⁵ Link <https://cpadnews.com.br/assembleia-de-deus/45558/cgadb-conclama-assembleianos-a-orar-pelo-pais.html>. Publicado em 6 de setembro de 2018. Acesso em: 22 jun. 2019.

⁶ Vale lembrar que há um quantitativo de candidaturas de religiosos que militam politicamente levando em conta sua identidade religiosa, mas que não se apresentam a partir dela em seus registros no TSE.

(Vital da Cunha, 2020) e do ódio (Rocha, 2020), uma narrativa amorificada⁴ que explorava sentimentos de esperança, utópicos, tornava-se proeminente em diferentes grupos sociais de esquerda e centro esquerda, religiosos ou não. Entre religiosos cristãos, notadamente católicos e evangélicos, essa narrativa amorificada emergia como um reflexo natural da (segundo eles, como veremos nas entrevistas que integram este volume) correta leitura do Novo Testamento, dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Um estímulo ao voto pela lealdade à fé evangélica tornou-se imortalizada no livro *Irmão vota em Irmão* (Sylvestre 1986). Nele, o autor, líder assembleiano e assessor no Senado Federal, exortava a vida política com elaborações do tipo: “Bastaria o argumento do amor cristão para fazer com que os crentes votassem nos crentes. Porque quem ama não quer ver o seu irmão derrotado (...). Crente vota em crente, porque, do contrário, não tem condições de afirmar que é mesmo crente” (Sylvestre, 1986:53-54). Algumas décadas se passaram e sucessivos pleitos iam ganhando seus próprios contornos, contudo, conservadores evangélicos identificados pela bibliografia especializada como hegemônicos (Burity; Giumbelli, 2020), foram marcando socialmente, e no interior das igrejas, o que era ser evangélico “de verdade” e como deveria ser o voto desse segmento religioso.

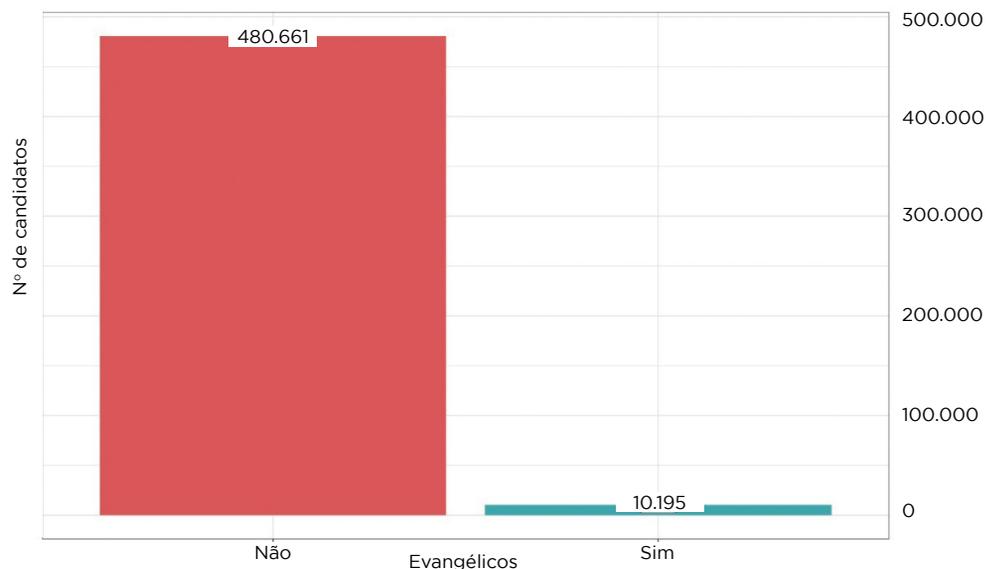
Em 2018, vimos a importante atuação de líderes evangélicos de perfil moderado e mais à direita levantarem campanhas de oração, incentivo à sensibilização política dos membros de suas igrejas como se toda a nação estivesse sob uma ameaça. Nas redes sociais da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB) liamos:

Uma crise moral, social, econômica e política, tem assolado nossa nação nos últimos anos, e a nossa principal esperança de mudança é o Senhor Jesus. Por isso, nestes trinta dias que antecedem as eleições majoritárias, a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), convida você Pastor, Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus a fazer parte de uma Campanha Nacional de Jejum e Oração. Serão trinta dias ininterruptos [...] clamando ao Senhor, jejuando, orando por nosso país; em seu lar, sempre que estiver reunido com sua família em um momento de adoração a Deus, clame pelo Brasil; em todos os cultos e reuniões da Igreja que está sob seus cuidados, de igual modo, faça uma oração especial pelo Brasil. Oremos para que Deus nos direcione a votar em homens, mulheres comprometidos não só com o bem e o futuro da nação, mas acima de tudo, comprometidos com Deus e a sua palavra, que afirma “Quando os justos governam, o povo se alegra” Pv. 29:2a; não fique de fora deste projeto, mobilize a Igreja do Senhor no seu bairro, município, estado, a fazer parte deste momento especial.⁵

Nas eleições seguintes, em 2020, o clima era de grande expectativa entre diferentes segmentos sociais que lhes atribuíam um caráter fatal: ou a direita autoritária estabelecida no governo federal ganharia capilaridade tornando a vida democrática no país uma quimera ou a esquerda organizada em diferentes arranjos se reergueria nas urnas e produziria uma barreira ao crescimento das forças políticas antagônicas com vistas a uma inversão do jogo nas eleições presidenciais de 2022 (Vital da Cunha, 2021).

No campo religioso, uma intensa disputa por mentes e corações estava sendo travada. Do ponto de vista quantitativo, essa disputa se revelou, por exemplo, em um percentual maior de candidaturas registradas com título religioso para vereança no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Um total de 12.269 para as eleições de 2020. Desse total, 10.195 eram evangélicas (autoidentificadas como pastor, pastora, irmão, irmã, missionária, missionário, diácono, diaconisa, entre outros).⁶

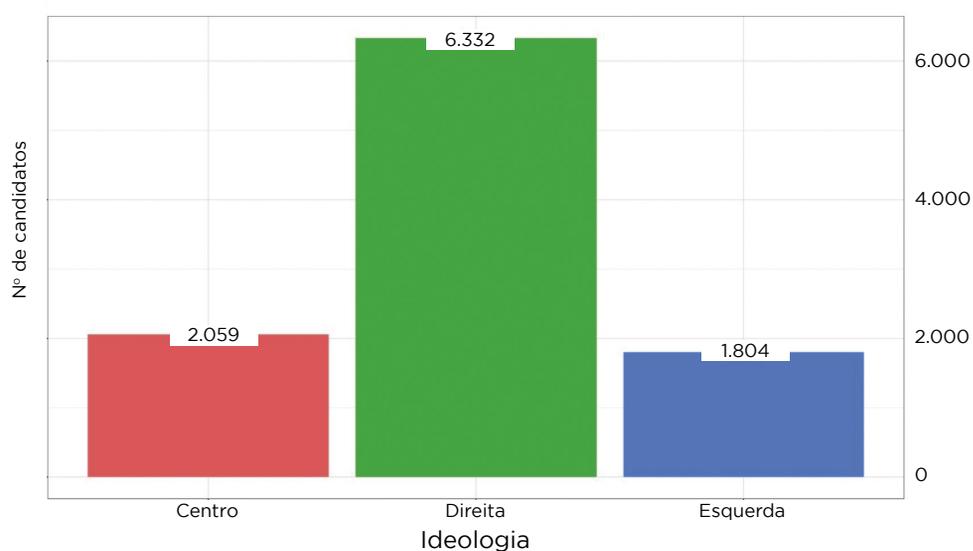
Gráfico 1 - Total de candidaturas com registro como evangélicas para a vereança no TSE em 2020.



Fonte: Pesquisa Esquerda evangélica nas eleições 2020 - Iser/HBS. Gráfico de Matheus Pestana.

Foi nesse ambiente que se organizaram diferentes atores e grupos de esquerda evangélicos para ganhar espaço na sociedade, na política eletiva e disputar o que seria a identidade evangélica com seus irmãos de fé conservadores. Essa espécie de levante culminou em 2.152 candidaturas de evangélicos em partidos de esquerda nas eleições 2020. Desse total, 1.804 concorreram à vereança.

Gráfico 2 - Número de candidaturas à vereança por segmento ideológico.



Fonte: Pesquisa Esquerda evangélica nas eleições 2020 - Iser/HBS. Gráfico de Matheus Pestana.

⁷ A pesquisa teve início em julho de 2020 e encerrou o período de coleta de dados em dezembro do mesmo ano. A sistematização desse material se encontra em curso. A equipe diretamente envolvida no projeto contou comigo como proponente do projeto e coordenadora e com João Luiz Moura como assistente direto. Durante a realização de entrevistas e para suas transcrições contamos com integrantes do LePar (Gabrielle Herculano, Rafaela Marques e Wallace Cabral). Gabrielle Abreu e Matheus Pestana trabalharam diretamente no acompanhamento das campanhas de candidatos de direita e de esquerda evangélicos nas mídias sociais, sob a coordenação de Magali Cunha. Matheus foi ainda responsável pela elaboração de vários bancos de dados, alguns já disponíveis na plataforma Religião e Poder, do Iser. Semanalmente havia a reunião de todos os integrantes dessas pesquisas como àquela dedicada à investigação sobre as candidaturas de direita evangélicas, realizada pelo Iser com apoio da Fundação Ford, sob coordenação de Livia Reis. Nessas oportunidades todos, de modo integrado, partilhávamos achados de pesquisa, reflexões e leituras. Em cada encontro, Regina Novaes, Ana Carolina Evangelista e Clemir Fernandes nos brindavam com importantes comentários sobre os temas levados ao debate.

⁸ Além do acompanhamento desses dois grupos e de algumas outras candidaturas em diferentes regiões do

Evangélicos de esquerda nessas eleições se apresentaram em candidaturas individuais e coletivas, umas independentes de denominações ou do movimento social, outras ligadas a coletivos como a Rede de Mulheres Negras Evangélicas do Brasil, Movimento Negro Evangélico, Frente de Evangélicos Pelo Estado de Direito, Cristãos Contra o Fascismo etc.

As entrevistas a seguir são resultado da pesquisa Esquerda evangélica nas eleições 2020, realizada pelo Instituto de Estudos da Religião (Iser) em parceria com a Fundação Heinrich Boll (SHB).⁷ Inicialmente, tínhamos como objetivo acompanhar em profundidade o movimento Bancada Evangélica Popular (BEP), resultado de uma articulação da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito com outras organizações ligadas ao movimento social evangélico e os Cristãos Contra o Fascismo (CCF), um coletivo formado por cristãos (evangélicos e católicos) decididos sobre a importância de interferir no processo político a partir do oferecimento de candidaturas de esquerda militando pela afirmação da democracia e da vida plena, conforme sua leitura da Bíblia.⁸

O material reunido neste número de Comunicações do Iser conta com cinco entrevistas realizadas com lideranças evangélicas, algumas concorrendo às eleições 2020 em candidaturas individuais, outras em candidaturas coletivas. São eles: Ariovaldo Ramos, Nilza Valéria, Samuel Oliveira, Tiago Santos e os integrantes da Candidatura Coletiva Plural. Ari, como é mais conhecido, ministra na Comunidade Cristã Reformada, em São Paulo. À época da entrevista, era o coordenador nacional da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, ao lado de Nilza Valéria, nossa segunda entrevistada. Eles foram fundadores do movimento em 2016, logo após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Valéria atuou na Visão Mundial Brasil, no mandato da deputada estadual Mônica Francisco (PSOL-RJ), e atualmente integra a Rede de Mulheres Negras Evangélicas. Samuel de Oliveira é coordenador do movimento Bancada Evangélica Popular e foi candidato pelo PCdoB à Câmara de Vereadores de São Paulo em 2020. Tiago Santos é idealizador e coordenador do movimento Cristãos Contra o Fascismo, criado em 2018. É teólogo de formação e concorreu nas eleições de 2020 pelo PSOL-RS a uma cadeira na Câmara Municipal de Porto Alegre, em uma candidatura coletiva. Por fim, contamos com a colaboração de Jonatas Arêdes, membro da 2ª Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte e pequeno produtor rural, Fellipe Gibran, pastor, advogado e integrante da Comunidade Evangélica Unidade em Cristo, Djenane Vera, professora de artes plásticas na rede pública de ensino, ceramista e frequentadora da Igreja Cristã Maranata e KeniaVertello, estudante de pedagogia e membro da Igreja Batista Connect. Esses quatro jovens integravam o Coletivo Plural, candidatura que concorreu naquelas eleições a uma vaga na Câmara Municipal de Belo Horizonte pelo recém-criado partido Unidade Popular.

Agradecemos aos entrevistados pelo tempo dispensado à interlocução conosco neste trabalho de pesquisa, a toda a equipe do Iser, aos integrantes do Laboratório de Estudos Socioantropológicos em Política, Arte e Religião (LePar – UFF) e ao apoio da Fundação Heinrich Boll, em especial à Annete Von Schönfeld e Marilene de Paula.

Referências

- BURITY, Joanildo; GIUMBELLI, Emerson. “Minorias Religiosas: identidade e política em movimento”. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 40(1): 1-246, 2020.
- FONSECA Alexandre Brasil. *Discursos evangélicos de uma nova direita cristã à brasileira*. São Paulo: Editora UNIFESP, 2019.
- GUADALUPE, José Luis Pérez. CARRANZA, Brenda (org.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.
- NATIVIDADE, Marcelo; SOUSA, Bruno Alves; ROCHA, Rômulo do Nascimento. “Políticas sexuais, saúde e violência em tempos de pandemia da Covid-19”. n. 39, jul./dez. 2021.
- NATIVIDADE, Marcelo. “Refazendo centros e margens: notas de pesquisa para avaliação da política sexual no Brasil atual”. *Revista Aval*. v. 5, n. 19, 2021. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/aval/article/view/71624/197173>. Acesso em: 20 de novembro de 2021.
- SAAD FILHO, Alfredo; MORAIS, Lecio. *Brasil: neoliberalismo versus democracia*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- SOARES, Luiz Eduardo. *O Brasil e seu duplo*. São Paulo: Todavia, 2019.
- SYLVESTRE, Josué. *Irmão vota em irmão*. Brasília: Pergaminho, 1986.
- VITAL DA CUNHA, Christina. “Retórica da Perda nas eleições presidenciais brasileiras em 2018: religião, medos sociais e tradição em foco”. *Revista Plural: Antropologías desde América Latina y el Caribe*. Año 3, n. 6, p. 123-149, 2020.
- VITAL DA CUNHA, Christina. “Irmãos contra o império: evangélicos de esquerda nas eleições 2020 no Brasil”. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 21, n. 39, p. 13-80, jan./jul. 2021.
- VITAL DA CUNHA, Christina; LOPES, Paulo Victor Leite e LUI, Janayna. *Religião e Política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições 2014*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll: Instituto de Estudos da Religião, 2017.

Brasil ao longo da campanha eleitoral oficial, monitoramos também outro grupo de atores políticos naquelas eleições: candidaturas evangélicas de esquerda em oito cidades brasileiras (Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador, Goiânia e Belém). Essa coleta de dados foi realizada em uma parceria entre Iser, Núcleo de Estudos da Religião (NER-UFRGS) e Grupo de Estudos Afro (GeAfro - UFRGS) nas pessoas de Ari Pedro Oro e Érico Carvalho. As análises sobre esse material serão publicadas em uma coletânea com outros produtos relativos à pesquisa maior sobre religião nas eleições 2020 realizada pelo Iser com apoio da HBS e Fundação Ford sob coordenação de Livia Reis.



**ENTREVISTAS COM
LIDERANÇAS E
COLETIVOS NAS
ELEIÇÕES DE 2020**



Crédito da imagem de fundo:
Rede de Mulheres Negras Evangélicas (2019).

ENTREVISTA COM ARIOVALDO RAMOS

COORDENADOR NACIONAL DA FRENTE DE EVANGÉLICOS PELO ESTADO DE DIREITO (FEED)

Por Christina Vital,⁹ Wallace Cabral Ribeiro,¹⁰
João Luiz Moura,¹¹ Gabrielle Herculano¹²

⁹ Professora Associada do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia, coordenadora do Laboratório de Estudos Socioantropológicos em Política, Arte e Religião (LePar), na Universidade Federal Fluminense (UFF).

¹⁰ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), mestre e bacharel em Sociologia pela mesma instituição, membro do LePar e do Núcleo de Estudos Friedrich Engels (Nefe).

¹¹ Mestre em Ciências da Religião, pesquisador visitante no Instituto de Estudos da Religião (Iser), membro do grupo de pesquisa Estado e Direito no Pensamento Social Brasileiro, sob coordenação do professor doutor Silvio Almeida (Mackenzie). Membro do grupo de pesquisa A Crítica do Direito e a Subjetividade Jurídica, sob coordenação do professor doutor Alysson Mascaro (USP).

¹² Assistente Social, mestranda pelo PPGS-UFF e membra do LePar.

Ariovaldo Ramos (63 anos) é um líder evangélico com uma ampla história de atuação em movimentos sociais. Integrou o Movimento Progressista Evangélico nos anos 1990, foi presidente da Associação Evangélica Brasileira (AEVB), missionário do Serviço de Evangelização para a América Latina (Sepal) e presidente da Visão Mundial Brasil. Mais recentemente, em 2016, fundou a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito. Foi seu coordenador, ao lado de Nilza Valéria, até os meses iniciais de 2021. Atualmente ministra na Comunidade Cristã Reformada, em São Paulo, além de ser escritor, articulista e conferencista.

Nesta entrevista, realizada em setembro de 2020, tivemos a oportunidade de ouvi-lo sobre os movimentos evangélicos de esquerda nos últimos 50 anos destacando pontos de contato e de fricção entre as agendas que organizavam os ativistas no passado e no presente. A temática da espiritualidade e a agenda política nacional também foram alvo de sua reflexão apresentando questões relativas à identidade evangélica progressista, às teologias que são mobilizadas entre líderes evangélicos ontem e hoje e a renovação dos modos de fazer e estar na política no tempo presente.

Christina Vital - Ariovaldo, agradeço, em nome do grupo de pesquisa, por aceitar nos conceder esta entrevista. Gostaríamos de começar ouvindo você sobre a Bancada Evangélica Popular (BEP). O que é esse movimento e como ele se formou? Quais as pretensões para as eleições de 2020? Quem são as pessoas que compõem esse movimento?

Ariovaldo Ramos - Quando a gente começou a Frente, em 2016, algo que ficava claro era que tínhamos tomado uma posição, não só contra o golpe de Estado, mas também contra a tentativa de hegemonia da

Bancada Evangélica, principalmente, a tentativa de desenhar um perfil único para os evangélicos. Então, protestamos e fizemos questão de disputar a narrativa, mas, desde o início, percebemos que uma disputa, mesmo de narrativa, aconteceria se nos opuséssemos a eles como alternativa político-partidária. Não era função da Frente nem era possível, porque a Frente desde o início, se estabeleceu como suprapartidária justamente para poder enfrentar os vários embates e não produzir desconfiâncias injustas e desnecessárias. Eu acho que nós escolhemos bem, e, por isso, qualquer

possibilidade de ajudar a formar um grupo partidário, pluripartidário, no caso, estava distante, até porque não havia esse engajamento evangélico com a formação da Frente, e seu consequente crescimento sem número de evangélicos começou a se dar conta da necessidade de envolvimento político-partidário. Então, faltava o quê? Uma referência para enfrentamento das eleições propriamente dita. E aí que nasce a Bancada Evangélica Popular, que não é ligada à Frente – tem muita gente que saiu ou que foi despertada pela Frente –, outros que já tinham prática político-partidária, mas estavam ali soltos.

Muitos evangélicos que tinham prática partidária estavam soltos, a Igreja é alheia a isso, e a Igreja majoritariamente só aceitava aqueles que se comprometiam com algumas teologias: teologia da prosperidade, teologia da batalha espiritual, e que se submetessem aos caciques. Então, você tem de fazer valer o que o cacique quer. Eu me lembro uma vez em que eu estava pregando em uma igreja, em uma série de pregações durante a manhã, em uma grande denominação, e, terminada a pregação, outros pregadores e eu, um elenco, fomos almoçar, e o líder máximo da denominação levou um deputado estadual e a sua esposa, que seria candidata à vereadora. E, aí, ele começou, sem nenhum pudor mesmo, vendo ali outros que não eram da denominação dele, a escalar os pastores quantos votos queria de cada um e a dar tarefas: “você vai conseguir tantos votos na vereadora, você tanto, tanto, tanto, tanto.” E eu fiquei chocada que a senhora candidata à vereadora não dizia uma palavra, o marido dela é que falava o tempo todo, conversava, era um interlocutor dela com o pastor, com o líder da denominação, não é só o pastor local, que é um líder também, mas... Eu

fiquei tão chocada com aquilo, tão envergonhada, tão ofendida como cristão que disse: “gente, se nós não nos contrapusermos, isto aqui vai virar uma ‘bandalha’, isto aqui vai virar uma loucura, a gente tem que achar um jeito de se contrapor.”

Naquela época, ainda não era possível, mas ali eu comecei a perceber que a direita tinha ido muito mais rápido do que todos nós pensaríamos, e que os pastores líderes tinham perdido totalmente o pudor e decidiram usar as suas denominações como peso e moeda de troca no mundo político partidário. Então, acho que ali eu fiquei consciente, “se a gente não se organizar...” E quando veio o golpe de estado, era hora de gritar, a gente gritou um pouco antes, mas as pessoas que estavam apoiando o grito refluíram e aí nasceu a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito. A gente, desde então, já tinha essa consciência, “nós precisamos fazer esse enfrentamento nas urnas”; se a gente não fizesse enfrentamento nas urnas, todo o nosso discurso “morre na praia”. E foi quando o Samuel Oliveira, que já era um cara envolvido com o Partido Comunista do Brasil, veio conversar comigo, era da Frente. Eu comecei, conversei com ele sobre o que estava no meu coração desde sempre: criar um movimento de apoio aos irmãos e irmãs que quisessem ir para via político-partidária e que precisavam de formação antes de mais nada... E precisava de apoio porque o sujeito vai para essa cena, para esse campo, e não está minimamente preparado.

Em primeiro lugar, ele está sozinho, inclusive para se manter na fé, para ser protegido das várias tentações que o mundo político partidário brasileiro oferece, porque você sabe, tanto quanto eu, ou mais, certamente, que você tem dois ou três partidos no Brasil, o resto é aluguel, o resto é... negócios, negócios... É assustador, é vergonhoso, é antidemocrático, mas

há mais de 30 partidos no Brasil, e você pode separar quatro, cinco sobre os quais pode dizer: “não, isso aqui são partidos, esse aqui é de direita, esse aqui é de centro, esses aqui são de esquerda, eles têm ideologia, têm programa, disputam o poder etc.” A maioria dos outros são negócios, é só isso. Tem umas novas tentativas chegando, alguns rapidamente viraram um negócio também (*risos*), são os “Novos” da vida, rapidamente ficaram envelhecidos.

Então, nasceu a ideia, que conta com o apoio de uma formação do Rudá Ricci, que tem muita qualidade. O Rudá cria um curso de formação para quem quer a militância político-partidária. E, a gente pede que todo mundo da Bancada faça esse curso. E a ideia da Bancada é primeiro ser um abrigo para quem está chegando... está tentando conseguir a legenda no seu partido, mas é minoritário, obviamente, acabou de chegar, não tem ambiente e precisa de apoio, precisa de formação, precisa de apoio na sua fé, inclusive para o desenvolvimento de uma espiritualidade que eu chamo de espiritualidade progressista, precisa ter um projeto. Eu tenho ministrado para o pessoal sobre o que chamo de ecossocialismo cristão dentro da espiritualidade progressista.

Então, precisa ter um lugar para voltar todo dia, toda hora. Funcionaria dentro desse espírito dos “gabinetões”, que o pessoal está falando por aí... É mais ou menos nessa linha. E nasceu, assim.

Quem cuida de verdade é o Samuel Oliveira, eu fui só o sujeito que deu a ideia, e disse “vai em frente e faz, eu não tenho vocação político-partidária, então, não vou estar lá, mas, se eu puder ser útil, é só me avisar, o que precisar de mim estou aqui”.

Assim, eles fizeram um manifesto, alinharam, mais ou menos, as suas

posições, puseram o nome popular para não despertar ou irritar suscetibilidades desnecessariamente, mas são todos progressistas, até porque vêm desse movimento progressista evangélico que se estabeleceu no país de uma forma maior do que eu imaginava.

Quando a gente estava no saguão do sindicato, o Anivaldo [Padilha] disse para mim “olha, nós podemos conversar com os senadores, mas precisamos de um movimento, alguma coisa assim, de uma frente”. Eu falei: “a gente fez um manifesto fantástico, mas o pessoal que estava comigo saiu, eu fiquei ‘pendurado no pincel’, os caras levaram a escada, então, não tem nada aqui que você sugere?” Aí, estava a Nilza [Valéria], ele e eu... “não, vamos fazer uma frente, então, vamos fazer uma frente”. Aí, nasceu, ali, uma frente de evangélicos para não cair no erro da bancada evangélica. “Mas quem vocês representam? Nós e todos os que concordam que isso aqui é um golpe de estado e que o país foi entregue, nós precisamos reagir, todo mundo que pensa assim a gente representa”. E a ideia embrionária estava lá o tempo todo esperando nascer. Nasceu e deu mais repercussão do que eu imaginava – inclusive, acho que o próprio pessoal imaginava, e tem boas chances, tem gente em várias partes do país já fazendo parte. A ideia é... alimentar esse pessoal o tempo todo com textos, com ajuda, com análises de conjuntura e até porque não sabemos quantos conseguiram mandato, mas a ideia não é ter só o movimento se houver mandato, porque isso é uma caminhada que pode levar dois, três, quatro pleitos, importante é isso. Agora não vão falar em nome da Bancada, é popular, Bancada Popular é só um movimento de apoio, eles vão falar em nome de seus partidos... votos nas suas áreas de atuação dentro das

suas respectivas representatividades e estão fechados na questão do Estado laico e na questão de uma ênfase cristã, que, naturalmente, pelo menos para esse ciclo, esse grupo, se inclina para o socialismo.

CV - Ariovaldo, gostaria que você falasse um pouco mais sobre essa questão da “espiritualidade progressista”. Se puder falar um pouco mais sobre o curso mencionado anteriormente e sobre a articulação das candidaturas seria ótimo.

AR - Bom, em relação à espiritualidade progressista, foi algo que trabalhei bastante com a Frente em São Paulo, e nos encontramos em várias sextas-feiras para falar sobre o assunto. Então, com base em que nossa espiritualidade é progressista? Porque o progressismo é naturalmente cristão, a fé cristã é naturalmente progressista... E até trabalharmos a questão do ecossocialismo como parte dessa espiritualidade... Sobre isso falei basicamente com a Frente, foram três ou quatro encontros só para falar desse tema.

Em relação a candidaturas, por exemplo, tem o Felipe Gibran, de Minas Gerais, que está se candidatando pela UP, União Popular pelo Socialismo, esse é o nome que eu me lembro, assim, de primeira. Em São Paulo é onde tem mais, naturalmente, porque o movimento nasceu aqui, mas tem outros estados já. O Samuel [Oliveira] tem essa relação de nomes, eu, infelizmente, não a tenho, mas, pelo menos um eu lembrei agora. E tem o curso do Rudá Ricci, que eu acho que vale a pena conversar com ele, porque é um curso de muita qualidade de formação de candidatos e candidatas à militância político-partidária especificamente.

CV - Existem algumas interpretações que sinalizam que a Teologia da Missão Integral e a Teologia da Libertação teriam perdido espaço nas igrejas e entre fiéis

católicos e evangélicos por enfatizar a dimensão política e econômica em detrimento da dimensão emocional e espiritual. Como você enxerga essa questão e em que medida a dimensão da sensibilidade (o emocional) está sendo tratada no BEP?

AR - Bom, é verdade, principalmente no caso da Teologia da Libertação, eles não conseguiram fazer essa ponte, eles, na verdade, terceirizaram a revolução, apoiaram a revolução proletária e apareceram em um segundo momento, dizendo o lado que Deus está e todas as leituras bíblicas deles, que são maravilhosas, diga-se passagem, de uma qualidade impressionante, aquela série deles, como ler Efésios, como ler Atos... Aquilo é extraordinário, mas é sempre como o momento segundo.

Eu ouvi uma vez uma ilustração do Hugo Assmann que, para mim, sintetiza a questão. Quando perguntado sobre o que era a Teologia da Libertação, ele ilustra dizendo que: imagine um grupo de proletários trabalhadores e trabalhadoras indo ao encontro, na luta dos seus direitos, de encontro ao palácio de governo, indo para atacar mesmo, para tomar o palácio, e eles veem aquela composição fantástica, mas quando entram na avenida que vai desembarcar no palácio do governo, eles dão de cara com os policiais da tropa de choque, armados até os dentes, esperando por eles no meio da avenida. E... param, tem aquele impasse, aquele momento de silêncio, ninguém sabe quem vai tomar a iniciativa, e, então, alguém pega o megafone e dá a palavra de ordem dizendo “companheiros, avancemos, porque Deus está ao nosso lado”. E o Assmann diz: “isso é a Teologia da Libertação.” Então, isso é fantástico, eu lembro, eu ouvi isso saindo do seminário, faz muito tempo (*risos*)... Então, todos nós que ouvimos aquilo saímos com “sangue nos olhos”, só

que era um segundo momento, nós não éramos os estimuladores da revolução, nós éramos os apoiadores da revolução. Nesse sentido, a Teologia da Missão Integral se saiu melhor, porque chama o teólogo, a teóloga, para ser o estimulador da revolução, o que dá o tom, que dá as bases bíblicas para a revolução, não apenas aquele que diz que Deus está a favor da revolução, mas que abre o texto e diz: “ó, Deus está a favor da revolução só não, Deus é o revolucionário.” E... se saiu melhor e conseguiu ligar isso com oração, conseguiu ligar isso com busca pelo Espírito Santo, converteu na Teologia da Libertação, converteu a revolução, a Teologia da Missão Integral converteu a trindade, a trindade virou revolucionária, a construção trinitária é revolucionária, e ação trinitária é revolucionária, e isso se manifesta nos profetas. Então, a Teologia da Missão Integral busca, nos profetas, essa conversão da trindade, na verdade, conversão é só uma forma de dizer, vai lá dizer que a trindade é revolucionária, a trindade é revolucionária como dizia aquela filósofa anglo-americana, Karl Marx é o último dos profetas hebreus. Então, tem essa coisa de que você coloca, não a gente com o segundo momento, mas a revolução como desembocar natural do movimento profético. Essa mudança é crucial, porque chama você à oração, quer dizer, a oração, agora, é revolucionária, a espiritualidade é revolucionária, o batismo com o Espírito Santo é revolucionário, a trindade se converteu em emuladora, estimuladora da revolução. Trindade propõe a revolução. Então, isso é uma tentativa da Missão Integral, agora, claro, quando eu falo isso, estou pensando nos valores originários. Porque, depois do [René] Padilha, do [Samuel] Escobar e [Orlando] Costas, pouco se mantiveram fiéis à proposta

revolucionária da Missão Integral, até porque virou moda, e virar moda é uma desgraça, Mas a Teologia da Missão Integral tem essa pegada que a Teologia da Libertação não conseguiu. Primeiro, porque o movimento já se propôs a ser um segundo movimento, e, em segundo lugar, mais importante, é que quando os teólogos da libertação se deram conta disso e começaram a fazer a mudança necessária – porque não pode esquecer que a Teologia da Libertação começa a reagir a essa ausência dessa ponte e começa uma construção dessa ponte –, mas quando eles começam isso, você vê, principalmente no Leonardo Boff e outros que vão até mexer com a sistemática, com a dogmática etc., e vão tentar fazer essa ponte entre a trindade e a revolução, eles são tolhidos pelo João Paulo II, são tolhidos pelo Bento XVI, aí, eles perderam, porque são “romanos”, e a Igreja de Roma detém a salvação deles, e o Papa é o magistério da igreja e acabou, eles não vão escapar disso, porque eles não querem ser excomungados. Então, essa virtude protestante entre todas, que no mundo protestante a redenção não é da instituição, a redenção é sua, não há nenhum mediador entre você e Deus além do próprio Deus em Cristo Jesus. E ninguém pode ameaçar o que lhe é mais caro que a sua redenção, enquanto, nos “romanos”, eles podem ter a redenção ameaçada, o camarada diz: “você vai ser excomungado”, o cara treme, porque o cara é como eu, ele crê como eu, só que ele crê que a redenção dele está na mão da Igreja, e eu creio que a Igreja não é a senhora da redenção e o resultado da redenção... E faz uma diferença do tamanho do mundo. Então, essa é uma questão séria nessa construção da espiritualidade. Esse trabalho, inclusive, que eu tive a graça de desenvolver junto com a Frente de São Paulo sobre a

espiritualidade progressista cristã, evangélica progressista, e é importante o título evangélico, não só para fazer a disputa da narrativa, mas é porque o princípio é protestante. No mundo protestante, a trindade não pode ser senhoreada por ninguém, inclusive, a trindade consegue ser 100% abscondita sem deixar de ser a protagonista natural da história da redenção. Então mais ou menos nessa linha que a gente trabalhou... E acho que essa questão da espiritualidade estar sempre em jogo, porque a questão emocional, com você diz, é tão cara quanto qualquer outra questão humana, você não pode desprezar isso, os seres humanos choram, os seres humanos têm filhos, os filhos ficam doentes, os seres humanos precisam comer, precisam beber, precisam de trabalho, precisam de casa e, mesmo que você estabeleça um sentido de vida simples, mesmo o mais simples dos estilos de vida, ainda vão necessitar comer e beber, vão precisar morar em algum lugar, precisar se esconder da tempestade, vão ter que fugir do calor, fugir do frio e vão ter filho, e vão ter o futuro, e o futuro é amedrontador, simples assim, você não tem como controlar o futuro, mas também não tem como fugir dele, então, quem cuida disso? Quem cuida disso? Quem me ajuda no meio dessas intempéries todas? Quem sabe no universo? Quem pode me responder? Quem pode vir aqui em casa? Quem está em todo lugar? Quem está aqui? Então, isso é importante e você não pode reduzir isso à luta de classes, que é absolutamente válida, absolutamente clara, cada dia mais visível, mas o trabalhador chora, olha para o filho, olha para a filha, olha para sua ausência de possibilidades e, principalmente, olha para a enfermidade, tem que ter alguém no universo que se importe, não pode ser... Eu sempre posso dizer para o

camarada ficar tranquilo, quando a revolução acontecer isso acaba, todo mundo ter acesso a tudo, legal, isso é utopia, como dizia o [Eduardo] Galeano, é o que faz a gente andar, mas o cara não... nessas horas, o cara não quer utopia, ele quer escatologia, ela quer a certeza de que tem alguém que administra a história da redenção, que é capaz de interferir, aqui e agora, porque, aqui, agora, “meu filho está morrendo”. Tem que ter alguém que guiou seu choro, do meu filho, quando como ouviu o choro de Hagar. Eu quero a revolução, mas eu não posso esperar a revolução para resolver isso. É essa ponte que a gente não pode perder, eu me lembro de ter conversado com um colega, e ele disse assim: “mas é injusto você estar no mundo ocidental, que é dos males o menor, acabando por Deus, quando tem tanta gente passando fome etc.” Olhando de um ponto de vista eminentemente pragmático, é verdade, mas olhando do ponto teológico não é, porque Deus é bastante suficiente para todo o mundo, ele é bastante suficiente para o sujeito que está aqui no Brasil, como o sujeito que está no Butão, como sujeito que está agora no lêmén desesperado, naquela loucura que a Arábia Saudita está fazendo, que ninguém fala – diga-se de passagem – e o camarada que está angustiado na Coreia do Norte, e passando fome nos Estados Unidos... Então, tem um Deus que é bastante suficiente para toda essa gente, e o segredo é ter realmente a prática da oração, a certeza de que estou orando pelo cara do lêmén, eu estou dizendo para a trindade “em nome de Jesus, ouve o grito de um cara que acha que ninguém mais ouve”. E eu falo isso aqui no Ocidente com a fé de que a trindade que está no universo vai fazer isso, vai interferir na história e um homem que está gritando e ninguém ouve vai ser ouvido, e a trindade vai fazer alguma

coisa enquanto nos estimula à revolução. Então, se não souber fazer essa ponte aí, você perde a pessoa, você pega o ser humano, porque o ser humano tem Teologia, tem escatologia, mas tem o dia a dia.

João Luiz Moura – Ariovaldo, como o BEP articula a disputa teológica e política? Nesse sentido, como o BEP tem trabalhado e articulado entre seus integrantes e no debate público questões como orientação sexual, gênero, questão racial, entre outros presentes na agenda de esquerda?

AR – Bom, é a mesma pegada que a gente tem na Frente. A gente diz o seguinte: a Frente é de evangélicos. Só que quem define se a pessoa é ou não evangélica é ela, então, eu pergunto para a pessoa: “você é evangélica?” “Sou”. “Temos uma frente de evangélicos, você é bem-vindo”, “ok?” “Tá”, tudo certo. “Não, mas eu sou do gênero X”. “Não foi isso que eu perguntei para você, perguntei se você se considera evangélico?” “Se alguém perguntar para você, você diz o que sobre a sua fé?” “Ah! eu sou evangélica ou eu sou evangélico”. “Bom, é só isso que precisa dizer, a Frente de Evangélicos.” Segunda pergunta é: “você é progressista? você é contra a quebra do estado de direito? Você é contra o liberalismo? Você é contra esse movimento escravista que está por detrás desse golpe de estado?” “Sou”. “Olha, então, você está no lugar certo”. “Só não dá para vir aqui se você apoia isso aí, se você apoiar, não importa se você é evangélico, nós somos evangélicos contra você, mas se você aceita isso, essa é sua luta, olha, essa é a nossa, seja bem-vindo.” Na Bancada, as coisas continuam na mesma pegada: “você é evangélico? Sou, pronto.” Então, essa é a pegada da Frente e a mesma pegada da Bancada, agora qual vai ser o grande acompanhamento da Bancada é o de ajudar o camarada se manter progressista, entende? A irmã e o

irmão a se manterem fortes, diante das pressões que virão, vocês sabem como é que funciona este país, haverá pressão de tudo quanto é lado. E eu me lembro de uma história de um vereador na cidade de Campinas, o primeiro vereador evangélico na história deles, e aí, ele está no saguão ou no corredor da câmara, e um colega chega para ele e pergunta se ele já tinha recebido os dois lotes dele, e ele disse “que lotes?”, “Ah, da construtora, Incorporadora XYZ”. “Como assim recebido os dois lotes?” Aí, o homem diz: “aqui as leis de loteamento são muito complexas...” Ou seja, o cara nunca vai conseguir, elas foram criadas para isso mesmo, então... O que que ele precisa? “Ele precisa vir à câmara e, aí, a gente aprova. E, como parte do acordo, a gente aprova loteamento, e eles dão lotes para nós, cada um pega um ou dois, dependendo da sua força na decisão”. Aí, ele vira para o colega e diz assim – ele, bem evangélico, e assim: “não, eu não quero lote nenhum, tem mais, eu vou denunciar qualquer um que pegar um lote aqui, eu vou denunciar, eu vou pôr a boca no trombone, eu vou espalhar para toda a cidade o que está acontecendo aqui.” Conclusão, ele impediu o movimento, porque ninguém quer ser denunciado, ainda mais de dentro da casa, mas, em compensação, ele não conseguiu mudar nome de rua, então, ele passou quatro anos sem conseguir alterar o nome, dar nome para uma rua, porque os caras o fecharam. Não é assim “eu vou lá”, você tem que estar nas comissões, você tem de ter apoio do seu próprio partido, você tem que ter força partidária para que seus projetos possam ser levados à discussão... Sozinho, isolado, você não faz mesmo.

Conclusão, ficou quatro anos sem poder dar nome de rua, terminou o mandato, ele tenta a reeleição, e os eleitores não votaram nele porque ele não fez nada, na verdade, ele foi, de

fato, o único que fez algo lá. Agora, por que isso aconteceu? Porque ele estava sozinho, porque os irmãos não sabiam o que ele estava passando, não tinha mais ninguém sabendo, ele não tem ninguém apoiando ele que pudesse fazer mobilização popular, que pudesse ocupar as salas na câmara, que pudesse fazer discussões nas salas da câmara, nas audiências públicas, estava sozinho, é isso que não queremos que o cara esteja, que a moça, o moço, o irmão, a irmã, esteja. Sempre que estivermos sozinhos, eles vão ser tragados pelo sistema, porque o problema todo é isso que as escrituras já dizem, “que o mundo jaz do maligno”, os evangélicos entendem “que o mundo que jaz no maligno” são as pessoas, mas o que você lê lá é o sistema, se o sistema é maligno, se você não enfrentar o sistema na sua malignidade, não avança, e você não vai enfrentar o sistema na sua malignidade, você não vai enfrentar o império, porque disso que Jesus estava falando, é disso que os apóstolos estavam falando do império, o império é maligno, o sistema é maligno, esse sistema socioeconômico político é maligno, é preciso enfrentar esse sistema. Mas você não vai enfrentar sozinho, você tem de criar comunidades de amor, como Cristo ensinou, que apoiam as lutas intestinas no sistema. Porque, de fato, ou a fé cristã propõe um outro sistema... a fé cristã não é ingênua, no sentido de não compreender que você precisa ter organização, que precisa ter estrutura, como você vai administrar sem estrutura? Você tem que ter uma estrutura, que pode e deve ser mínima possível, mas ela existe, e essa estrutura do céu enfrenta a estrutura do inferno, sozinho... É a ideia do Reino de Deus como um sistema que se opõe ao império. Então, você resiste ao Aeon mudando os seus paradigmas, e quando você muda os seus paradigmas o que você está fazendo? Está mexendo outro

Aeon, outro sistema, outra era, que é a era do reino de Deus, que se opõe ao sistema vigente, senão você fica pensando que a História se resolve na ausência da História, isso não é verdade, isso é alienação. Então, na medida em que você vai trabalhando, você tem que ter apoio, porque você vai entrar na vereança, tem um bocado de lei lá que é absolutamente injusta, é legal, mas é injusta. Por quê? Porque é construtora de um sistema maligno, que não é a mera ocupação de satanás de mentes e corações, não, mais do que isso: é construção de estrutura, da qual você não escapa, você não escapa da estrutura.

CV - Você acredita que o BEP tem uma linha de continuidade, uma atuação próxima a do MEP (Movimento Evangélico Progressista) na década de 1990?

AR - Bom, o BEP foi uma evolução, ele começou chamando MCDC - Movimento Cristão Democrático de Centro, depois ele evolui pra MEP e finalmente termina em EPJ (Evangélicos Pela Justiça), embora ainda exista o MEP, mas ele evolui para o EPJ. Então, é um movimento, o MCDC e o MEP têm a figura do Robinson Cavalcanti como grande pensador do movimento, e o Robinson, no momento em que começa o retorno pluripartidarista no Brasil, assume a posição de centro, inclusive, se aproxima do antigo PP, que não existe mais, que era do Tancredo Neves, do cara do Itaú, que eu não lembro mais o nome, e era um movimento de centro, liberal democrático. Aí, ele vai andando e vem para o MEP, onde o Robinson [Cavalcanti] já tinha perdido a ilusão com o movimento de centro, já tinha perdido com o PP, com o PSDB e, agora, ele já está com Partido dos Trabalhadores e todos nós estamos migrando para a esquerda. Então, é um caminho, e depois o MEP dá ensejo ao EPJ, que é uma tentativa de ser mais abrangente, mas que

se torna, na verdade, movimento de intelectuais e muito menos um movimento de construção de uma alternativa política evangélica para as massas. Eu sei disso porque acompanhei tudo, eu estava nesse negócio... Eu tinha um profundo, e ainda tenho, respeito pela figura do Robinson [Cavalcanti]. E, aí, quando ele migra para o MEP, começa a trabalhar a lógica da missão integral, que rompe com a teologia da libertação. Eu estava lá vendo tudo isso e participando ativamente, eu estava sempre ao lado do Robinson [Cavalcanti], na medida do possível. Desde o início, sempre fui mais à esquerda do que ele, então, eu tinha certa dificuldade com algumas coisas, mas eu entendia a lógica dele, que é: “precisamos criar uma coisa que tudo quanto é crente não se sinta inviabilizado.” Com o tempo, fui descobrindo que isso é possível e que você tem que fazer escolha, e tem de se sentar na cadeira que você construiu e chega. E, aí, você diz: “ó, essa cadeira aqui é nossa, se você quiser tem espaço para um montão de gente, se você não quiser, a cadeira está definida”. Então... é uma evolução, a Bancada Evangélica Popular, o BEP, como você fala, ela tem, sim, ligação, não como um intercessor lógico, mas é o mesmo espírito de que mais cedo ou mais tarde a gente tem que se envolver com a política partidária. Isso era inevitável, é lógico, com o crescimento da população evangélica, era inevitável que a gente se envolvesse com a política partidária, inevitável. E a gente precisava construir um pensamento comum, que foi o grande equívoco dos movimentos evangélicos mais progressistas, como a Associação Evangélica Brasileira, e depois da AEVB, do Caio Fábio. Nós não construímos um pensamento comum e fomos trabalhando essa coisa eclética sem nos dar conta de que a

igreja estava se dividindo e que mais cedo ou mais tarde essa divisão seria inevitável. Então, a Bancada já nasce progressista, ela já nasce nessa pegada, o espírito de que vamos ter que participar dessa história é o mesmo.

Eu lembro, há anos, quando o Davi Alencar era pastor na Igreja Batista, em Santo André, e convidou uma “pá” de pastores para conversar com o frei Betto, e o crescimento evangélico já estava se manifestando com essa velocidade que demonstrou ter. E eu me lembro que eu perguntei ao frei Beto: “logo, logo, nós vamos estar ao lado de vocês como responsáveis pelo pensamento ético brasileiro, o que você me aconselharia? O que que você nos aconselharia? Já que vocês estão aí há quatro séculos, cinco séculos se responsabilizando sozinhos pela ética brasileira e agora nós estamos chegando e dividindo espaço, o que que você aconselha?” E, aí, ele disse a mesma coisa que os irmãos de Jerusalém disseram para Paulo e Barnabé: “não se esqueçam dos pobres, não se esqueçam dos pobres, vocês têm de tomar posição ao lado dos pobres.” E isso se tornou, naquele dia, a minha divisa, porque era o mesmo que eu tinha ouvido quando eu li a palavra do primeiro Concílio, “não se esqueçam dos pobres”, Jesus disse que o passe dos pobres era sinal do reino. Então, a Bancada já nasce nessa pegada, enquanto o MEP vem de uma batalha intestina, da gente... aquela lógica evangélica de ser amigo de todo mundo, então, é melhor ser de centro, porque no centro, pelo centro, e até que a história se impôs a nós, o sistema maligno se impôs a nós, e nós chegamos à conclusão de que o centro não é um lado, o centro não é nada aqui, o centro e nada é mesma coisa, o centro vira só uma desculpa para enriquecimento sem responsabilidade e para a exploração, não tem nada, não tem

proposta nenhuma. Então, a gente tinha que tomar uma posição, eu acho que a tendência do Robinson [Cavalcanti], na época, foi tomar posição trabalhista, que era o melhor naquele quadro, mas o primeiro movimento trabalhista no Brasil foi de conciliação de classes, e a história demonstrou que isso foi um equívoco, então, agora, temos de trabalhar como nós vamos escapar desse equívoco.

E a Bancada vai nessa pegada, agora, é claro, você sabe como é trabalhar com evangélico... evangélico é gente boa toda vida, mas, assim, é superficial, é movido por modas. Então, você tenta falar para ue o fundo é mais embaixo, mas o cara anda... toca na parede e pensa que já chegou no fundo e você diz “não, não, o fundo é mais embaixo, não é aí”. E, aí, escolhe as bandeiras da época, escolhe as bandeiras da moda, e, aí, você diz: “olha, isso é legal, é legítimo, mas cuidado, isso aí não é o fundo, isso não vai mudar nada na luta de classe, e, se não mudar na luta de classes, não mudou nada, não pode perder isso de alvo, você tem de alterar a relação das classes, senão você não mudou nada.” Então, essa conciliação das classes foi um equívoco, agora, se o governo popular voltar, certamente volta diferente. Então, a bancada já vai com essa pegada, tem que ser diferente, não é possível conciliação de classes. E, no Brasil, então, com essa elite econômica, mas não é possível mesmo... Essa elite é escravista.

CV - Para finalizar, gostaríamos de fazer uma pergunta relacionada ao tema da corrupção. Mesmo com o pleito de 2020 sendo municipal, as questões tendem a ganhar dimensões mais gerais, em vista da centralidade que a política assumiu na sociedade diante de fatos que se avolumam desde, pelo menos, a campanha presidencial de 2014. Em

sua opinião, qual a importância que o tema da corrupção terá nestas eleições?

AR - Pois é, o ponto básico é que a direita - e a maioria dos evangélicos está à direita -, não se ocupa da corrupção de jeito nenhum, a direita é corrupta, ponto. A direita só usa a corrupção como desculpa para alienação do povo, principalmente porque fica trabalhando a corrupção como um problema atinente a um partido ou outro. Então, elege o partido da corrupção, partidos da vez para ser combatido por causa da corrupção. Mas, na verdade, a corrupção é um desvio de caráter, e os partidos de direita têm demonstrado ser um reduto de corruptos e de corruptores. Os partidos de esquerda, principalmente os mais bem organizados, são os mais resistentes a esse desvio de caráter, porque eles são mais bem organizados, então, o sujeito sabe que está sendo vigiado. E, nos partidos de direita, o sujeito não é vigiado, porque ele não serve aos interesses populares, eles servem a interesses da elite, que está pouco preocupada com a corrupção, desde que os seus interesses sejam satisfeitos. E os evangélicos se acostumaram à corrupção, principalmente os fundamentalistas, eles se acostumaram à corrupção, eles mudam estatutos para manterem o mesmo presidente por vários mandatos, eles aceitam pastores ladrões, eles permitem que esses pastores se locupletem, eles fazem vistas grossas ao enriquecimento ilícito desses pastores, eles fazem vistas grossas aos desvios morais desses pastores, eles, que tanto falam de moralismo, fazem vistas grossas às violências machistas, aos movimentos misóginos, os evangélicos se corromperam, com raras exceções, que são os que resistem, mas eles se corromperam. Quando você vê denominações que,

para quem antes a divisão entre o Estado e a Igreja era dogmática, “não pode, não tem nada a ver, liberdade de consciência” etc., irem para os vídeos “dizerem”: “não vota nesse partido, vota naquele outro” etc. Você sabe, se não é corrupção, se corrompeu, e, assim, é uma corrupção que afeta uma história de séculos, a corrupção não pode, sua denominação não permite isso, está nos seus dogmas, não pode, mas faz. Quando você vir senhores, e... são senhores mesmo, verdadeiramente adornados de autoridade e com aquele ar circunspecto de seriedade absoluta, mudando o seu estatuto para que determinado sujeito seja presidente duas, três, quatro, cinco, seis vezes, quando você olha para tudo isso – e para tudo isso tem um nome só: corrupção. E os evangélicos se acostumaram à autocracia, os evangélicos abandonaram a democracia, que era própria da reforma protestante, que era grita da reforma protestante inclusive, e voltaram à autocracia, e disfarçaram isso dizendo que “a pessoa é ungida pelo Senhor”, disfarçaram isso dizendo que “é o que o Senhor quer para manter a igreja em pé”. As desculpas são muitas, mas o fato é: tudo isso é corrupção. E o sujeito ungido do Senhor pode tudo, homem e mulher, você está vendo as acusações de assassinato serem tratadas assim, as acusações de pedofilia serem tratadas assim, as acusações de violência contra as mulheres serem tratadas assim, ungido do senhor pode tudo, a ungida do senhor pode tudo. O camarada pode ser presidente *n* vezes, muda-se o estatuto quantas vezes for necessário... porque ele enseja... o nome disso tudo é corrupção. Não importa se isso foi decidido no concílio, o concílio foi comprado, o concílio foi contaminado, é corrupção, mudou a lei, mudou o Estado de direito.

A massa evangélica se corrompeu, as estruturas evangélicas se corromperam, viraram autocráticas. Nós passamos a sancionar tiranos, então, não tem nenhuma dificuldade mais para os evangélicos a convivência com a tirania. Se a tirania estiver dizendo o que eles querem ouvir, os fundamentalistas fizeram isso, o equívoco neopentecostal fez isso, a incapacidade pentecostal de sustentar a sua fé fez isso. Então, isso se degenerou. Então, as pessoas ficam assustadas, por exemplo, quando veem um presidente ir à Assembleia Geral da ONU mentir descaradamente e não ter uma reação dos evangélicos que o apoiam, da liderança evangélica que o apoiou, porque a liderança evangélica faz isso todo dia, todo dia as pessoas ouvem mentiras, vão às igrejas e aos púlpitos e destilam mentiras, a vida dos líderes é uma vergonha, e não porque eles pecam assim ou assado... é aquilo que Jesus dizia dos fariseus, “vocês dizem uma coisa e vivem outra”, “vocês colocam sobre o povo um peso que, para carregar vocês, não prestam um mínimo de força de vocês, um mínimo de esforço”, é corrupção o tempo todo, é mentira o tempo todo. Então, essa questão da corrupção não vai mexer com os evangélicos, os fundamentalistas, uma boa parte deles já foi convencida de que corrupto é o Partido dos Trabalhadores, e que todos os outros estão tentando corrigir a corrupção do Partido dos Trabalhadores.

Nós vamos ter que aprofundar a reforma protestante, porque esse modelo nacional naufragou, esse modelo denominacional naufragou, e mesmo modelo das igrejas independentes naufragou, porque, no fundo, as igrejas independentes, que no primeiro momento era um grito de libertação em relação às denominações, se tornou reino particular, entende? Na verdade, império particular, porque reino

é o do senhor Jesus, e, então, naufragou, inclusive. Entendo que nós progressistas vamos ter de aprofundar a reforma da reforma protestante, nós vamos ter de reinventar a reunião da comunidade, vamos ter de reinventar a lógica comunitária e retomar o evangelho de fato. Agora, é uma atividade hercúlea, e é uma atividade que não pode ter fim, para que não haja nenhum dono da verdade, ela tem que estar sempre em movimento, o tempo todo. Não é natural do ser humano fazer isso, porque nós queremos conforto, e o movimento constante não traz conforto. Então, eu acho que, nas eleições municipais, vamos ter retomada as eleições de 2018, a mesma lógica do “bolsonarismo”, estre aspas mesmo porque esse movimento de fato não existe, e com o agravante de que os partidos de esquerda estão indo para o pleito municipal, como se o Brasil estivesse em estado de normalidade, os partidos de esquerda não se deram conta de que estamos em regime de exceção, não se deram conta de que estamos sob uma ditadura disfarçada, mais bem disfarçada do que a ditadura de 1964, mas é a mesma ditadura, com os mesmos protagonistas. Vide o número de militares neste governo, são os mesmos protagonistas e com um discurso, agora, descarado, protagonizado por um filho de Belial e assumido por pastores, apoiado pelas Forças Armadas de modo cada vez mais indisfarçado, que já abriu mão do discurso da corrupção, porque já se acertou com o centrão, era só uma desculpa necessária para ganhar as eleições. Ganhou, se estabeleceu, colocou o seu sistema em ordem, protagonizou... acabou com a relação de trabalho, tirou os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, precarizou o trabalho, na verdade, precarizou o trabalhador, porque o trabalhador é substituível o tempo todo, ele é reciclável, trabalhadora virou um objeto reciclável. Se você não

se submete às condições análogas à escravidão, outros se submetem, “você está fora”. E o grande trunfo é “você precisa comer”, e foi criado um sistema de destruição da indústria, do parque industrial brasileiro, que já caiu 27%, que transformou a gente de 10ª força industrial do mundo em 16ª. Antes da pandemia, já tinha 17 declarações de falência por dia em São Paulo, na Fiesp, que transformou o Brasil num país extrativista, agrário, agropecuário, porque renunciou ao extrativismo mineral, porque passou o extrativismo mineral para as forças estrangeiras. Então, é o extrativismo agropecuário, que, para isso, não poupou os biomas e não vai poupar, haja vista o que está acontecendo. E o presidente mente de maneira insolente, ele retomou “novilíngua” de 1984, do George Orwell, ele redefine as palavras todo dia, e a esquerda não tem a menor noção disso, nenhuma noção. Primeiro, a esquerda atribui ao Bolsonaro uma liderança que ele não tem, eles acham que tem um bolsonarismo no Brasil, e não tem. O que tem no Brasil é uma elite retrógrada que quer ganhar tudo o máximo que puder e que colocou um papagaio lá na frente, e um papagaio que não tem medo de passar vergonha e de nos envergonhar, e que não tem projeto nenhum e que também muda porque gostou do poder – acho que isso a elite escravista não esperava, que ele gostasse do poder –, ele gostou, e, aí, de vez em quando, ataca os interesses da elite quando ataca o [Paulo] Guedes, que é o suprassumo do projeto desse governo. O projeto desse governo é esse liberalismo angustiante e deletério, destruição pela destruição, vai restar ao trabalhador e à trabalhadora o trabalho análogo à escravidão. Eu lembro que a primeira vez que eu fui chamado para falar sobre o que tinha acontecido no Brasil, logo no início do golpe, eu disse: “eles, a elite brasileira, estão com saudade

da escravidão e vão caminhar nessa direção.” Eu não sabia, mas eu estava fazendo uma profecia, porque foi isso que aconteceu, estão com saudade da escravidão e vão levar o Brasil de volta à escravidão, vão fazer isso da forma mais disfarçada possível, mais amparada possível na lei. Só que você não consegue convencer a esquerda disso. Os caras estão indo fazer eleições como se estivessem no governo popular, em que a democracia funcionava. Eles não têm noção de que estamos em um regime de exceção, que nós tínhamos de criar a Frente Democrática já, e denunciar já que só tem um regime de exceção, e, inclusive, já se precaver para a fraude e criar um sistema de vigilância, mas a esquerda não consegue pensar com essas categorias.

Eu me lembro, quando eu olho para a esquerda brasileira, com exceção do Lula, antigamente, com exceção do Lula e do Brizola, mas, agora, só do Lula... Sempre que eu ia falar com os pastores, eu chegava no conselho de pastores indignado, porque eu venho aqui e penso que estou falando com generais, mas estou falando com soldado raso. A vitória do soldado raso é voltar para casa vivo, soldado raso vai para a batalha e volta para casa vivo, ele venceu a guerra dele, voltou para a casa dele. O general só venceu a guerra quando o general inimigo depõe armas, vocês não pensam assim, não pensam estrategicamente, vocês não pensam taticamente, por exemplo, qual o projeto que vocês têm para chegar à universidade? Qual o projeto que vocês têm para chegar aos pobres? Qual o projeto que vocês têm para chegar às escolas? Qual o projeto que vocês têm para apoiar a transformação da cidade em uma cidade justa? Qual o projeto de vocês? Vocês não têm projeto nenhum, vocês têm projeto de adesão, então, é uma desgraça, porque adesão facilita a vida de todo mundo para aumentar a adesão

irresponsável, e que vai, no final das contas, destruir vocês, porque, daqui a pouco, a mensagem de vocês não significa nada. A esquerda brasileira é do mesmo jeito, a esquerda brasileira é de soldados rasos, então, o sujeito está feliz porque tem uma grande chance de o [Guilherme] Boulos ser o prefeito da cidade. Ótimo! Tomara que seja mesmo, mas quem está construindo a câmara municipal do Boulos? Onde está consciência popular? Quem disse que o prefeito, o governador e o presidente não fazem semipresidencialista? Como ele vai resistir às pressões que vai sofrer? Quem lida com isso? Quem está com ele? E essas rupturas todas na esquerda vão cobrar o que lá no legislativo? E você olha para tudo isso e diz “meu Deus, se o Senhor não tiver misericórdia de nós...”. Então, eu acho que nós vamos ter uma repetição de 2018, as pessoas naturalizaram tudo que o presidente falou, elas naturalizaram as mortes, nós temos quase 140 mil mortos, e as pessoas nem falam mais disso, e estão na rua sem máscaras, nas praias e nos bares, elas naturalizaram a morte. Quando você olha para uma população que naturalizou a morte, o que você espera disso? Que nível de consciência você espera disso? E que trabalho está sendo feito para isso? A corrupção já foi naturalizada também, porque a direita convenceu o brasileiro, a brasileira, que a corrupção acabou com a queda do PT, enquanto isso, eles corrompem e são corrompidos.

Então, o Brasil naturalizou tudo, Brasil naturalizou os filhos de [Jair] Bolsonaro, os milicianos, ou seja, nós estamos achando natural sermos governados pela máfia, nós naturalizamos o conluio entre as Forças Armadas, as forças auxiliares e a milícia. Assim como nós naturalizamos a corrupção. Então, embora pareça que eu esteja descrevendo um quadro terrível, sem esperança, isso não é coisa

de crente, muito menos de pastor, mas, na verdade, estou tentando construir uma esperança a partir da realidade que vejo. Primeiro, a fé, na intervenção divina, eu acredito nisso, e não no determinismo dos calvinistas, então, eu creio em um Deus que ouve oração, que interfere na História, isso em primeiro lugar. Em segundo lugar, entendo que só gente com absoluta consciência pode ter esperança. A esperança não pode ser ausência de consciência, de lucidez, a esperança tem que ser a grande contribuição da fé, a lucidez e a consciência, e ninguém pode lutar contra o que não sabe. Então, tem que saber contra o que nós estamos lutando, e eu acho que a esquerda está apostando que os fiascos do [Jair] Bolsonaro vão acordar nossa nação, mas, pensa comigo, você é presidente da república, você vai abrir Assembleia Geral das Nações Unidas, você sabe tudo o que está fazendo, você sabe e o mundo sabe, aí, você sobe à tribuna e mente descaradamente com um sorriso nos lábios, que mensagem você mandou para todo o mundo?

As pessoas pensam que o sarcasmo do [Jair] Bolsonaro é fruto da incompetência intelectual dele, mas todos os que pensam assim é porque fazem parte da elite, a elite acadêmica, que acha que só eles são inteligentes e só eles sabem e que só o saber deles é que vale, ou seja, isso se chama preconceito. Então, o mesmo preconceito que eles tinham com o Lula, eles têm com o Bolsonaro, com o Lula eles reparavam o preconceito, que, afinal de contas, o Lula é um trabalhador, mas eles ficavam todos incomodados com a falta de precisão do Lula, com a norma culta da língua. Mas era o Lula, é um líder, “esse aí é um imbecil”, dizem eles, só que esse imbecil está na presidência da república, esse imbecil derrotou o PSDB, quase anulou o partido, esse imbecil ridicularizou o PMDB, ou

MDB agora, de novo, não quis nem governar com eles, esse imbecil, fez uma droga de um “partideco” se tornar segunda bancada no congresso, esse imbecil tem o apoio do presidente da câmara, que nem é do partido dele, aliás, ele nem tem mais partido, ele não precisa de partido, imagina um presidente que prescinde do partido. Ninguém para e pensa nisso, como esse cara prescinde do partido e não perde apoio e continua governando? E bota um militar como chefe da Casa Civil, que é o cara que faz as relações político-partidárias do governo?

E a outra coisa que nós precisamos entender, nós progressistas, a democracia não interessa mais ao capitalismo internacional. A democracia era uma grande desculpa para atacar o Pacto de Varsóvia, depois da queda do muro em 1989, o capitalismo foi se tornando hegemônico, o nível de acumulação se exponencializou. A democracia não interessa mais, e não sou eu que digo isso, é o Elon Musk que disse “dei golpe mesmo, e vou dar golpe tantas vezes quanto precisar, eu quero o lítio deles, e daí? E a Bolívia não entrega de um jeito, entrega do outro”. E esse é um movimento hoje, por exemplo, o Brasil, em termos de PIB, vale menos do que a Apple. O que tem de normal nisso? Nada! Nada, mas todo mundo naturaliza, quantos economistas falam disso, nem de esquerda falam disso, nem de esquerda falam que, no tempo de Lula, em 2010, que o nosso PIB já estava em mais de 4 trilhões de dólares e agora é menos de dois. Então, é esse quadro que fica diante de mim o tempo todo, eu nem falo muito, porque não quero matar as pessoas de angústia, mas como vocês estão fazendo uma pesquisa...

CV - Muito obrigada por esta importante contribuição para a pesquisa e para a história dos movimentos de esquerda evangélicos no Brasil.

ENTREVISTA COM NILZA VALÉRIA ZACARIAS NASCIMENTO

COORDENADORA NACIONAL DA FRENTE
DE EVANGÉLICOS PELO ESTADO
DE DIREITO E FUNDADORA DA REDE
DE MULHERES NEGRAS EVANGÉLICAS

Por Christina Vital,¹³ Gabrielle Herculano,¹⁴
João Luiz Moura,¹⁵ Wallace Cabral Ribeiro¹⁶

¹³ Professora Associada do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia, coordenadora do LePar – Laboratório de Estudos Socioantropológicos em Política, Arte e Religião, na Universidade Federal Fluminense (UFF).

¹⁴ Assistente Social, mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia na PPGS-UFF e membra do LePar.

¹⁵ Mestre em Ciências da Religião, pesquisador visitante no Instituto de Estudos da Religião (Iser), membro do grupo de pesquisa Estado e Direito no Pensamento Social Brasileiro, sob coordenação do professor doutor Silvio Almeida (Mackenzie). Membro do grupo de pesquisa A Crítica do Direito e a Subjetividade Jurídica, sob coordenação do professor doutor Alysson Mascaro (USP).

¹⁶ Doutorando pelo Programa de Pós-

Nilza Valéria (50 anos), ou simplesmente Valéria, como é mais conhecida, é jornalista de formação, ativista e evangélica. Foi uma das fundadoras e, até o início de 2021, coordenadora nacional da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, ao lado de Ariovaldo Ramos, e fundadora da Rede de Mulheres Negras Evangélicas. Atuou na Visão Mundial Brasil, no mandato da deputada estadual Mônica Francisco (PSOL-RJ), e atualmente integra a Rede de Mulheres Negras Evangélicas. Em abril deste ano, valendo-se de sua *expertise* como especialista em comunicação comunitária e desenvolvimento transformador, passou a coordenar um projeto de comunicação de sua concepção, no âmbito do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, cujo objetivo é dialogar com a comunidade evangélica a partir de pautas do campo popular.

Nesta entrevista, realizada em setembro de 2020, tivemos a oportunidade de acompanhar suas reflexões aguçadas e provocadoras sobre o campo evangélico de esquerda no Brasil na atualidade. Valéria colocou em evidência ambiguidades, fragilidades, mas também a potência desses evangélicos que se apresentam, muitas vezes, pendularmente, como de esquerda, populares e progressista. Sua história de militância é apresentada nesta entrevista através de marcadores afetivos, familiares e teológicos. A experiência racial atravessa seu relato enriquecendo a complexa trama que marca a presença de negros e negras em igrejas evangélicas no país.

CHRISTINA VITAL – Valéria, muito obrigada por aceitar esta conversa conosco hoje. Gostaríamos de começar perguntando sobre quais são as suas expectativas para estas eleições 2020 e sobre como a Frente de Evangélicos pelo Estado de

Direito se posiciona em relação ao pleito.

NILZA VALÉRIA ZACARIAS – Em relação à Frente, quando a gente se posicionou na eleição de 2018, a gente entendia que o que tínhamos ali era o estabelecimento de um projeto não

democrático com a eleição de [Jair] Bolsonaro. No primeiro turno, a Frente se absteve, porque entendíamos que havia diversas candidaturas e todas elas eram válidas, desde que não representassem, obviamente, o aprofundamento do golpe. No segundo turno, a Frente girou o seu apoio para a candidatura, entendendo a importância de fazer esse confronto com o que era compreendido como o aprofundamento do golpe. A eleição de [Jair] Bolsonaro significava, então, mais uma fratura em nosso sistema democrático. Essa foi a nossa posição, e a Frente foi com tudo que nós tínhamos naquele momento para o segundo turno da eleição presidencial.

Desde o surgimento da Frente, em 2016, a gente foi percebendo figuras, pessoas, irmãos, crentes que estavam no movimento e que já demonstravam interesse pelo processo político-eleitoral. Então, estou falando de dois movimentos distintos, o de 2018 e dessa percepção que nós tínhamos ao longo do tempo, que se manifestaria com as eleições municipais. É muito curioso, porque, tanto eu quanto o Ari [Ariovaldo Ramos], entendíamos que a Frente podia endossar candidaturas.

Essa era a nossa posição até setembro de 2019: a gente tinha um movimento crescente na Frente e seria natural que endossássemos candidaturas. No entanto, em outubro de 2019, a gente conseguiu refazer um encontro nacional, trazer quem puxava o movimento em alguns estados para um encontro presencial no Rio de Janeiro. Foi um marco incrível a gente conseguir trazer 12 pessoas e nos reunirmos durante três dias, intensamente, para pensar um movimento naquele momento. Curiosamente, a minha proposta ou a proposta da coordenação nacional da Frente, que seria essa proposta minha e do Ari [Ariovaldo Ramos] de que

endossaríamos candidaturas, foi vencida pelo grupo que construía a Frente nos estados.

A gente criou um processo de tomar decisão, enfim, como são os encontros de movimentos. A gente tinha, ali, alguns temas para colocar na mesa, e definiu-se, então, que a Frente não endossaria candidaturas. Nesse momento, a gente tem alguns candidatos que, inclusive, por conta da militância na Frente, começaram a sua militância política e caíram nesse lugar político-partidário, mas que a Frente não está endossando suas candidaturas. Então, a gente tem percebido, e eu tenho percebido com muita curiosidade, porque tudo é muito novo ainda na Frente. A gente está falando de um movimento de 4 anos, e é a primeira vez que a gente está enfrentando uma eleição municipal. É a primeira vez que a gente está passando como movimento por isso. Então, os meninos de Belo Horizonte, que é a candidatura Plural, Jonatas [Arêdes], Fillipe [Gibran], eles surgem a partir da Frente; eles vão para a luta. Quando a Frente começa a juntar as pessoas nos estados, eles aparecem, eles se constituem como lideranças da Frente em Minas Gerais. Em torno dessa militância, cria-se a candidatura deles, e eles, agora, apesar de serem da Frente, não são os candidatos da Frente. Há outros candidatos da Frente em Belo Horizonte, o [Clecio] Dornellas, se não me engano, que é um candidato a vereador.

No Rio de Janeiro, posso dar três ou quatro nomes. No Rio, a gente tem o Sólon [Rubem], um rapaz da Maranata, candidato a vereador. Eu nunca imaginava que ele tivesse interesse na vida político-partidária. A gente tem o Igor Bonan, que é candidato a vice-prefeito de Friburgo. Tem o [Willian] Siri, que é candidato a vereador aqui no Rio, e têm alguns outros nomes. Eu posso fazer uma lista, porque

graduação em Sociologia da PPGS-UFF, mestre e bacharel em Sociologia pela mesma instituição, membro do LePar e do Núcleo de Estudos Friedrich Engels (Nefe).

a gente está acompanhando, eu peço para o pessoal dos estados, e eles vão me dando notícias, e alguns eu sei porque vejo e estão nos grupos. A Frente assumiu essa posição de que, como movimento, não endossa esse processo eleitoral, mas temos candidaturas, basicamente, de pessoas ligadas à Frente, que têm esse pertencimento em quase todos os estados que nós estamos... eu tenho dúvidas, agora, só sobre o Ceará, porque o rapaz desistiu da candidatura. Ele foi candidato a senador pelo PSOL-Ceará, e foi uma grande discussão na época, inclusive, porque ele veio com o título de pastor em uma candidatura de esquerda e foi o primeiro a lançar o “pastor” Simões [Jamieson Rodrigues Simões]. Ele se candidatou a senador, foi o nome que o PSOL precisava, mas a estratégia deles sempre foi a vereança. A meta dele era fazer o nome para ser vereador, só que ele teve que desistir da candidatura por problemas pessoais. Eu não sei se no Ceará a gente tem outra pessoa.

Em Pernambuco, eu tenho; na Paraíba, eu tenho; na Bahia, a gente tem a Elizabeth, que é da Frente e está dentro de um desses mandatos coletivos. Em Brasília, eu tenho; em São Paulo, tem o pessoal da Bancada Ativista, e alguns deles passam e têm a sua trajetória cruzada com a da Frente, o próprio Samuel [Oliveira]. Todo mundo, em algum momento, cruza com esse movimento. Então, voltando ao encontro do ano passado, a gente decidiu em uma decisão colegiada, que a Frente não iria apoiar candidaturas, e isso é uma quebra na minha posição pessoal aqui no movimento. Em um primeiro momento, entendi que a Frente podia endossar candidaturas, e todas as que vejo, a quantidade de pessoas que surgiram, eu continuo ainda em dúvida se a decisão colegiada foi de fato a melhor.

CV – Quais os argumentos centrais para não endossarem?

NVZ – Eu acho que o pessoal tinha medo de se comprometer, e parte do grupo tinha a compreensão do que a gente está falando. Que isso podia levar o movimento para um reducionismo de a gente se tornar somente um processo de apoio para um projeto eleitoral, quando, na compreensão de uma defesa da democracia, a nossa posição, a nossa relevância seria continuar contribuindo com o debate mais amplo. Lembrando que toda essa liderança que surgiu da Frente é gente que não tinha até então liderado processos, gente que começou a fazer militância porque era crente e acreditava em alguma coisa. Então, ali em 2019, a gente respeitou essa decisão para estas eleições, porque a gente propôs, naquele momento, uma decisão colegiada. Esse processo eleitoral tem sido observado por nós com muita atenção, primeiro pelo despertar popular de candidaturas evangélicas progressistas. Nesse momento, como isso se comporta? Eu não gosto mais do termo [progressistas], acho que banalizou muito, assim, o pessoal entender a questão da disputa de narrativas. Mas como a gente também vai continuar construindo o que se apropriou com essa narrativa? A gente, eu digo, todo esse campo de termos que são comuns e usados pela direita, a própria Bancada Evangélica Progressista [sic]. Em alguns casos, a titulação, que é algo que, historicamente, a gente rechaça, que os títulos sejam nomes eleitorais, a gente está vendo também o campo progressista se apropriar disso. Isso, nessa eleição, está muito espalhado. Você não sabe dizer quem é direita e esquerda, e o pessoal achando que, com isso, está ressignificando a narrativa (*risos*).

Com a questão da pandemia, eu não vou falar que o movimento

está em *stand-by*, mas acho que a gente acendeu só umas luzes de observação nesse processo eleitoral, sendo feito dessa forma, que, por definição, não pode ser feito na rua, né? Um processo eleitoral muito diferente, que não pode ser feito em rua. A Frente fez essa opção, mas não significa que encerrou o assunto. Acho que a gente só está olhando para esse tema de uma forma, com esse tanto de candidatura que gira, que passou e que atravessou o movimento. É um movimento que está se construindo e que ainda segue em construção.

CV - Valéria, em sua opinião, quais as questões que cercam essa identidade progressista entre evangélicos?

NVZ - Eu tenho preferido usar o termo “de esquerda” a “progressista”. Parece que ser progressista é comprar um pacote completo, inclusive de pautas, e eu não sou contra pautas identitárias, mas é como se, nesse momento, ser progressista significasse só olhar a partir das pautas identitárias. Não sei se isso faz sentido, mas tem sido um problemão para a gente que está muito tempo na luta dentro desse segmento, está fazendo uma bela confusão. Então, nesse encontro de 2019, a gente começou a pensar o quanto era interessante a Frente se assumir como “de esquerda”, porque, quando a gente surge em 2016, não é em uma perspectiva de direita ou esquerda, pensando ideologicamente. A gente surge como um movimento de defesa da democracia, e o nosso texto inicial, em 2016, era aberto, então, qualquer pessoa que defendesse a democracia, fosse ela, inclusive, um liberal, não tinha por que não aderir. Assim, com toda essa polarização que o país vive, que o mundo ou parte do mundo está vivendo, porque não é um problema exclusivo nosso, a defesa da democracia foi lançada no

campo da esquerda, ou melhor, no campo progressista. Ela foi lançada dentro desse tema, como muitos outros temas que não deveriam ser lançados com viés ideológico.

A questão ambiental foi lançada dentro do tema progressista e tem até um episódio que eu observei na semana passada com o Carlito [Paes], que é o pastor de uma grande Igreja Batista, em São José dos Campos. Ele começa com um modelo que deu muito certo nos Estados Unidos, que é a Igreja com Propósito. Então, ele foi aos Estados Unidos e é a pessoa que certifica a Igreja com Propósito no Brasil – algo que o mundo Batista entrou de cabeça. E o Carlito tem essa grande igreja, um negócio gigante em São José, e se manifestou pró-Bolsonaro desde a primeira hora. Foto com Bolsonaro, “eu oro pelo presidente”. Ele se manifestou pró-Bolsonaro com a história das queimadas, e eu falei: “alguns caras com o mínimo de noção, como defenderiam a posição do Salles?” Então, o Carlito gritou nas mídias sociais dele contra as queimadas, contra o governo, que ele está defendendo desde a primeira hora – isso não significa que ele mudou de lado –, mas ele fez uma crítica contundente à questão ambiental, à política ambiental do governo. Curiosamente, os seguidores dele o atacaram chamando o de “comunista”; foi uma reação imediata. E você pensar na figura do cara, que sempre foi quem criou parte desse movimento, que responde pela parte “limpinha” desse movimento, foi atacado, colocado no mesmo campo que a gente, porque fez a defesa da causa ambiental, ainda que momentaneamente.

Achei muito curioso, e tem a ver com esses termos. Então, tem me incomodado muito a terminologia “progressista”, a questão moral, a questão identitária, tudo foi jogado aí dentro e, se a gente não compra todo

o pacote, começam a dizer que nós já não somos mais desse campo. A Frente, especificamente, lida com isso desde 2016, a gente apanhou muito por conta disso, a gente recebeu muito “fogo amigo”, que insiste ainda. Tem um problema, uma bobagem que deu uma dorzinha de cabeça, quando alguém diz que a gente tinha que assumir um posicionamento de denunciamento contra um suposto, não que eu duvide da história, eu vou chamar de suposto abusador, porque ele não foi julgado. Eu sou de um movimento pela defesa do Estado Democrático de Direito, não posso nunca fazer um movimento de denúncia sem que todo o rito processual seja cumprido. E a gente foi duramente atacado nos últimos dias, porque não compreenderam ou não respeitaram a posição da Frente em dizer que a gente só podia fazer denúncia com o rito cumprido, sem rito, eu não posso. A gente sempre defendeu a questão do Lula Livre, por exemplo. Como movimento, a gente integra o comitê Lula Livre, que era justamente isso de dizer que até o cara ter todo o processo tramitado e julgado, ele não pode responder por isso. Mas movimentos identitários evangélicos começaram a exigir da Frente uma posição. Estou trazendo isso aqui à tona para mostrar, para mim, a confusão com a qual a gente está lidando com os termos e como esses movimentos todos se enlacaram num negócio muito doido. E isso esquentou muito a minha cabeça, inclusive, a minha voz está falhando. Gente, é estresse puro.

Há poucos dias, começaram a pipocar notas contra a Frente, porque a gente “não deu ouvidos à vítima”, sabe? E todos vindos de movimentos identitários. A gente monitorando, a nossa comunicação monitorando, era assim: “ah! se diz progressista, mas não acredita na palavra da vítima”, e eu falo: “gente, como a gente diz o que é defender

o Estado Democrático de Direito?” Esse pessoal estava gritando Lula Livre junto com a gente, como a gente explica agora que a gente está falando a mesma coisa.

CV - Poderíamos dizer que, historicamente, os segmentos de esquerda se levantaram contra o *establishment*, e isso, muitas vezes, se confundiu com um questionamento do Estado, uma confrontação da ordem social e até da democracia liberal. O jogo político no Brasil atual, pós-eleição de Jair Bolsonaro como presidente em 2018, desafia esse posicionamento das esquerdas que se veem mobilizadas pela conservação do Estado, da ordem social democrática, das conquistas populares espelhadas em políticas públicas. Como você analisa essa questão tendo em vista o posicionamento de evangélicos?

NZV - Está muito tensa toda a luta e estar nesse lugar, como evangélica, nesse momento, vendo toda essa construção. Também vem sendo um desafio de muito aprendizado, porque, para determinados grupos, isso virou o grande motivo. É como se ser evangélico e ser aliado desse projeto estivesse posto. Ninguém também se preocupou muito em fazer essas divisões, e o pessoal foi quebrando nessa lógica de quebrar o sentido das instituições. Se quebra também muito o valor da igreja como uma instituição.

Quando a gente vai para todos esses movimentos evangélicos, é praticamente inexistente os vínculos dessas pessoas que estão na luta com as suas igrejas locais. Isso é algo que a gente também tem observado nessas candidaturas evangélicas. Esses candidatos, tirando dois ou três, não têm mais vínculo com a igreja local. Aqui do Rio de Janeiro mesmo, dos que eu conheço, só o Sólon, que é esse rapaz da Maranata, que tem vínculo com a igreja local, os outros não têm mais

essa conexão. Os meninos de Belo Horizonte romperam com as suas igrejas, quando muito, estão em comunidades alternativas, essas que a gente chama de progressista ou alternativas, ou grupos fora da igreja institucional. Isso é algo que a gente foi percebendo e, agora, lá na Paraíba, a gente alterou um pouquinho essa situação. O pessoal, a liderança da Frente até encontrou uma igreja lá e começou a frequentar. Mas teve um tempo, na Paraíba, que eu achei que até o grupo da Frente não iria vingar, porque todo mundo que chegava – e chegou muita gente – não tinha vínculo com a igreja local. Então, a gente vai falar com quem? Qual é o sentido? Se é para dialogar, a gente está dialogando com quem? Isso não significa que a pessoa está obrigada a ir à igreja, não (*risos*), mas qual é o nosso *link*? A gente está falando para quem ouvir a gente, se eu também não gosto? Eu disse isso algumas vezes em reunião da Frente.

A minha preocupação era se todo mundo que estava nesse negócio, de fato, gostava de crente ou não. Porque está na moda não gostar de crente. Ninguém gosta de crente, e se a gente não gosta de crente, qual é o sentido do que a gente faz e para quem? Porque espaços de militância sempre existiram, então, se é só mais um espaço de militância, eu não preciso. Eu tive minha formação política nova. Eu não precisava da Frente para militar, minha militância se dava em outros espaços, e eu não precisava ser crente e militante, eu posso militar por outros grupos, como eu fazia antes.

Eu fui do movimento estudantil uma boa parte da minha vida, e a minha condição religiosa não atravessava isso, não mudava o fato de que eu era crente. Quando a gente começou com a história da Frente, começou a organizar um movimento, a gente chegava em sindicato e vinham assim: “ah! eu sou crente, ah!

eu sou crente, ah! eu sou crente”; e essas pessoas estavam militando. Então, essa questão do vínculo com a igreja local é algo, para mim, muito sensível, e é o que dá sentido a toda essa luta, porque, se eu não tenho esse vínculo, estou falando o quê? No espaço acadêmico? Estou falando com quem? Estou gerando minha comunicação com quem? Então, essa é uma questão para mim, sei que para o Ari [Ariovaldo Ramos] e outras lideranças locais da Frente é muito sensível que a gente consiga dialogar com crentes, senão não faz sentido.

CV – Tem uma questão geracional envolvendo esta da vinculação ou não institucional evangélica, Valéria?

NZV – Dos que eu conheço que estão dentro desse processo, é a pastora Eliad [Dias], da Metodista da Luz. É uma mulher que tem mais de 40 anos e que está numa igreja institucional. Mas uma igreja... eu vou falar, assim, em confiança... uma igreja dessas sem membresia. A Igreja Metodista da Luz não reúne 15 pessoas nas celebrações dominicais, e isso é um dado muito importante, porque a gente está falando de uma igreja, de uma pessoa, que soma nessa luta, mas a gente está falando de 15 contra o cara que reúne 2 mil na igreja dele no domingo de manhã. Esses projetos que estão associados ao [Jair] Bolsonaro, e eu não vou nem para o mundo neopentecostal, eu vou falar do conforto do meu mundo de Batista. Se eu pegar a Igreja Batista Atitude, que é a igreja da mulher do [Jair] Bolsonaro, todo domingo de manhã, no mínimo, são 2 mil pessoas. Eu fui lá no templo deles, não sei a capacidade, talvez 2 ou 3 mil pessoas ali dentro. Eu não sei se o João [entrevistador] conhece a igreja da Barra [da Tijuca], mas deve ser em torno disso, e cheio aos domingos de manhã. Estou falando da igreja do Carlito, que tem, sei lá, 6 mil membros, então, aos domingos de manhã, ele reúne, no mínimo,

2 mil pessoas. E eu fico surpresa de a gente achar vitória quem está reunindo 15. E estou em uma igreja nova, que tem uma perspectiva de manter o vínculo dela, mas eu sempre brinco com isso, é um ponto de tensão meu com meu marido, eu falo: “a gente, todas as igrejas ditas progressistas no Rio de Janeiro, vai juntar, quando muito, 500 pessoas e olhe lá”. Estou forçando a barra aqui, mas só dos que eu conheço, se eu juntar o Marco Davi, que é o meu marido, Júlio Oliveira, o Vladimir [de Souza], o Henrique [Vieira], estou falando de 500 pessoas. Isso é algo que acho que vai sair na Frente, entender essa complexidade.

Dos mais velhos que eu conheço e que celebra é a Eliad. A Elizabete, da Bahia, é uma negra retinta, isso é uma informação importante, porque é uma candidatura toda negra, ela deve ter uns 40 anos também, e os outros são mais novos. E Wesley [Teixeira], 25, que é assumidamente evangélico e se identifica nesse lugar, e estava desde a primeira reunião da Frente, no Rio de Janeiro, junto com a gente. Wesley é muito novo, o Igor [Bonan] deve ter uns 30 anos no máximo. O [William] Siri também é muito novo, eu imagino que não deve ter nem 26 anos. O Sólon [Rubem] não tem 40, eu acho, tem 30 anos. De fato, é uma turma muito nova que eu tenho observado, o rapaz da Paraíba é muito novo, os de Recife são todos novos, que estão aí no pleito, eu estou falando de gente, no máximo, de 30 anos.

CV – Como pensar sobre representatividade desse segmento evangélico frente à desinstitucionalização, por um lado, e, por outro, do baixo número de membros nas denominações ditas progressistas ou de esquerda? Por onde passa a força política e religiosa desses atores e grupos?

NVZ – Isso é um detalhe que eu observei, me chamou muita atenção.

Como eu disse, desse confronto da Frente, a gente teve um confronto direto com a pastora Eliad, porque a Frente somava lá com ela nesse culto da mulher, que acontecia uma vez por mês na Metodista da Luz; e mesmo quando era culto da mulher, e que outros coletivos somavam a presença, no máximo, eram 15 pessoas, isso quando abria. Então, a localização da igreja não favorece, é muito bem localizada, mas é uma região... João [entrevistador] está em São Paulo. Eu estive aí quinta-feira, até passei na porta da igreja, uma região perigosa para quem chega, uma membresia que envelheceu, que é o problema dessas igrejas todas. A gente vê muito isso hoje com as primeiras igrejas de cada cidade. Elas acabaram ficando em regiões que, por conta de mil fatores, foram regiões que o transporte se tornou difícil. Eu falo de batista com propriedade, mas isso é uma lógica muito denominacional, sobretudo das tradicionais.

Quando eu fui a São Paulo, passei na porta da Primeira Igreja Batista de São Paulo, e a Cracolândia se deslocou para a porta da igreja. Ela tem uma praça na porta, praça Princesa Isabel, que depois que jogaram o jato d’água nos usuários da Cracolândia, está todo mundo na porta da igreja, literalmente na porta. E aí eu me lembro que a Frente chegou a fazer uma atividade, uma audiência popular sobre a questão da Cracolândia, em 2017 ou 2018, não me recordo bem, e nós lotamos. Foi um evento que a gente fez na Primeira Igreja Batista de São Paulo, com cerca de 100 pessoas, era dia 12 de junho, lembro que era Dia dos Namorados... um frio... e lotou, porque os membros da igreja estavam já agoniados, sofrendo com aquela situação que girava em torno da igreja, e foi um momento muito simbólico para a Frente ter feito aquela audiência

ali, naquele lugar. Mas ficou muito evidente esse envelhecimento, que ninguém pensou que as realidades nas cidades mudariam.

Quando eu fui olhar mais detalhadamente a situação da pastora Eliad, do grupo para quem ela estava falando, a igreja, eu fiquei um pouco pensando nisso. A gente aqui no Rio tem apoio de algumas igrejas que também são muito tradicionais, históricas, muito antigas. A Igreja Batista da Esperança, que fica aqui no centro do Rio, na Visconde de Inhaúma, é uma igreja que já teve uma grande importância no cenário religioso protestante do Rio de Janeiro, e hoje está esvaziada. Então, a gente consegue fazer qualquer encontro lá dos nossos coletivos, a Frente usa, o Movimento Negro Evangélico usa, qualquer grupo, é aberto para tudo. Mas é uma igreja que a membresia talvez tenha, sei lá, 30, 40 membros que participam ativamente.

Em nosso mapeamento, a gente não conseguiu encontrar uma grande igreja que tem o discurso afinado com o nosso. A gente tem até um ou outro pastor simpatizante, que aqui ou ali apoia, mas quando chega na igreja, talvez pela manutenção do próprio ministério ou do *status quo*, não sei, eles assumem uma postura mais neutra mesmo, não abordam esse discurso. A gente não tem apoio de igrejas e, eu digo a gente, não só a Frente, é uma observação de todo o movimento progressista evangélico. Se alguém quiser me corrigir..., mas eu não conheço nenhuma grande igreja que apoia um movimento nosso. A Igreja Batista de Coqueiral, em Recife, é uma igreja de bairro, talvez seja a maior exceção, mas já é uma igreja que não está muito dentro do sistema, ela está ali, à parte do sistema, é talvez o que a gente tem de maior hoje.

João Luiz Moura - Qual a sua participação na formação da Bancada Evangélica Popular?

NVZ - Eu acho que, quando a Frente não endossa, naturalmente, se criou, eu diria. Claro, eu sou suspeita para falar, eu vou ver muito valor, historicamente, na Frente, mas se tem algo que eu posso destacar já de imediato é que a partir da Frente surgiram muitos movimentos.

Acho que - desculpa a expressão que eu vou usar - a "porrada" que a gente tomou em 2016 foi muito grande, quando a gente deu a cara a tapa de falar: "vamos criar um movimento?" Eu vejo isso, e pode ser com o meu olho romantizado, por ter criado esse movimento, é como se a gente tivesse aberto uma picada e foi dizendo para todo mundo: "olha, se organizem", e as pessoas foram se organizando, inclusive para bater na gente também dentro do mesmo campo - que é o "fogo amigo". Então, foi todo mundo ganhando fôlego ali.

Se você for observar, eu diria que 80% desses coletivos evangélicos que a gente cita hoje, que a gente conhece, surgem a partir de 2016 ou não muito antes. Acho que antes nós temos o Movimento Negro Evangélico, que já vinha de uma solitária, solitária... os caras estavam - desculpa a expressão religiosa que eu vou dizer aqui - pregando no deserto há muito tempo. A gente tem registro dessa militância negra há mais de 40 anos. Outro dia, o Marco [Davi] estava conversando com o reverendo Olímpio Santana, que já está com oitenta e poucos anos, um pastor metodista, que foi um dos primeiros. O Hernani [Francisco] é um cara da nossa geração que cansou. Hoje em dia, ninguém fala do Hernani, que também é de São Paulo, da zona leste, que puxou muito a questão racial, ele era uma cara da igreja O Brasil para Cristo. Hoje ele cansou, cansou de tudo, cansou de apanhar e parou. E Marco, quando foi falar de questão racial, foi no Congresso Brasileiro de Evangelização II, em 2003, em Belo Horizonte.

Se eu fosse dividir as fases, claro, grosso modo, eu não sou historiadora, mas esse movimento negro, eu tenho essa primeira fase do reverendo Olímpio, que já está com 80 anos; depois, do Hernani; 2003 vem o Marco; depois, aqui muito perto da gente, tem toda essa meninada chegando para discutir esse tema: Ras André [Guimarães], Ronilso [Pacheco]. Isso tudo a gente está falando basicamente de uma girada, de 2015, no máximo, para cá. Até outro dia, eu brincava, acho que foi a última mensagem que eu troquei com Ronilso, que ele mesmo migra para questão racial. Quando eu conheci o Ronilso, ele não falava na questão racial, ela falava de forma mais abrangente dos direitos humanos, a questão racial é muito nova para ele, talvez 2017, 2018, esse tema tenha entrado. Então, tem o Ras, o Jackson [Augusto] lá de Recife. O Jackson, por exemplo, é mais um que chega, de quem me recordo, desde a primeira reunião da Frente, não militante.

Tornou-se bacana perceber o quanto de gente chegou. A decisão, talvez, por a gente perceber que a Frente tinha que perder características personalistas, e a gente sempre teve esse cuidado de evitar, sabia que era importantíssimo. A figura de um pastor sempre foi muito significativa. O meu trabalho vem da Visão Mundial e sempre foi um trabalho de *back office*, nunca de aparecer. Eu relutei muito, apareço o necessário para ajudar o movimento a se firmar e acho que quando a gente junta o grupo, em 2019, foi também para dizer: “olha esse aqui é um movimento, tem que ser construído com a coletividade.”

Então, voltando a esse movimento [da Bancada], que para a gente foi muito importante, é o movimento que apareceu. E o Ari [Ariovaldo Ramos] vai para o movimento da Bancada respeitando a decisão da

Frente. Ele soma com outras pessoas porque as lutas não se excluem. Os espaços se encontram e, naquele momento, então, surge a Bancada com uma proposta muito clara de endossar essas candidaturas. Não houve conflito, acho que são construções momentâneas.

Estou na Frente e também na Rede de Mulheres Negras, ainda que hoje eu tenha minhas ressalvas a algumas posturas desses movimentos que acirraram muito nos últimos tempos, eu me mantenho em ambos os movimentos, não são contraditórios. Eu acho que o movimento da Bancada, com a presença do Ari, foi justamente esse, não havia contradição. O que a gente zelou, e está zelando, é [que a] Frente – que está pensando, construindo a sua marca, sua identidade – não endossasse agora esse processo, o que não significa também que, daqui a pouco, isso não mude. Até porque a gente não se institucionalizou, é movimento, pode ser que, daqui a quatro anos, essa seja uma condição modificada por quem estiver liderando na época, porque a gente vai construindo isso.

CV – João Luiz Moura e eu estávamos conversando sobre a abordagem teológica desse grupo de esquerda reunido em torno do BEP. Você identifica convergências teológicas na abordagem que propõem da política, do ser de esquerda, progressista ou popular nesta campanha, neste contexto político do país?

VZ – Estou acompanhando muito a do Wesley [Teixeira], por diversos motivos, tem meu vínculo pessoal com ele, sou madrinha de casamento do Wesley. Teve toda essa questão recente da campanha dele, como o recurso... eu tenho acompanhado muito. Inclusive, na questão do trabalho, também fui autorizada pela Mônica [Francisco] para acompanhar a candidatura. Ele se

vale muito da identidade evangélica, não tem uma construção teológica. Eu diria, e tenho conversado com ele, que era preciso ter um discurso mais para dentro da igreja, o que não há. Tem para dentro da igreja de quem está no mesmo campo que ele e eu. Falar com outras pessoas que são esses membros, essas pessoas que vão às igrejas, que são os 2 mil, e não aos 15 – não há essa construção. Então, se o Wesley for eleito, ele não vai ser eleito com voto evangélico. Se é que existe esse voto evangélico, ele não é um candidato. Ele é um candidato do campo progressista jovem, de [Duque de] Caxias, e dentro desse campo progressista jovem, tem crentes.

Quem eu tenho observado, que também é da Frente (eu esqueci dele), é uma figura ótima para ser analisada, é o Daniel Elias, que é da Assembleia de Deus, do PT e é candidato a vereador também em Caxias. Ele é o cara lulista que tem foto com a Gleisi Hoffmann, garoto da Benedita [da Silva]. Ele tenta fazer uma construção teológica, faz análise do texto bíblico nas postagens dele, pega o texto bíblico e diz: “por que a bíblia diz que eu tenho que tratar bem a mulher, por que a Bíblia diz que eu tenho que tratar bem o homossexual?” Eu já estive com ele umas três vezes, não sei o quanto isso é intencional ou se é intuitivo, não me parece muito planejado. Eu lembro que eu o conheci há mais ou menos quatro anos, e não tinha nenhuma construção ali, não era o cara de um pensar teológico mesmo, ele dizia isso. Aí, eu vi foto dele numa Assembleia de Deus, ainda está mais dentro desse ambiente, com discurso mais evangélico, mas, ao mesmo tempo, também muito mais partidário; ele é o cara que se reafirma, em vez de ele falar “porque nós, do campo da esquerda”, ele vai dizer que “nós, petistas”, entendeu? Ele compra essa briga partido a partido mesmo.

O pessoal da Bancada, assim como o pessoal de Minas [Gerais], eu também não tenho visto uma construção teológica, apenas muita repetição desse discurso progressista. Aí, a gente arruma como se fôssemos evangélicos legais, e sempre destacando: “olha, tem evangélico legal, eu sou um deles; olha, tem evangélico legal e nós somos esses evangélicos legais, a gente está aqui, a gente é evangélico também.” É isso, mas não construção teológica.

A Ana Paula é candidata a vereadora numa cidade do lado de Belo Horizonte... e fui observar o discurso dela, porque ela era uma liderança da Frente em 2017, em Minas. O companheiro dela é muito meu amigo, a gente conversou um pouco sobre isso, e aparece só essa coisa “mulher evangélica”. Então, a construção pela identidade está sendo muito forte, mas o que é ser esse evangélico? Eu tenho visto mesmo todo mundo se apossando da identidade, como se isso fosse o ponto principal. E acho que a construção dessa teologia, dessa forma, ajudaria a gente, se a gente tivesse com quem falar.

Eu tenho desconfiado muito da nossa capacidade de falar com nossos irmãos, acho que esse tem sido o meu cansaço – meu cansaço da luta vem justamente disso. Eu me lembro que nas últimas reuniões de comunicação da Frente, eu sempre tenho dito: “gente, tenham cuidado de não serem pautados pelas mídias sociais...” Vou dar um exemplo, me lembrei de a gente se posicionar entre a Natura e o Thammy [Miranda], sabe? Claro que eu vou defender o direito de o Thammy ser o Thammy e vou respeitar isso, mas não é isso que está em xeque. Parece que todos os movimentos giram em torno da polêmica do momento, e isso faz com que a gente só fale para a gente, quem de novo a gente está trazendo

para essa discussão? Eu me lembro que, nessa reunião de comunicação com o pessoal da Frente, foi no Dia dos Pais, e eu falava: “a gente não vai cair na coisa fácil de defender o Thammy ou a Natura, não é essa discussão. A gente vai defender o trabalho precarizado de muita mulher que só tem a revistinha para viver, para ganhar 2, 3 reais em cada produto que vende.” Então, acho que é um exemplo que levei para a discussão da Frente na época, porque a gente tinha um campo para dialogar com centenas de irmãs que vivem na periferia e vivem de vender revista da Avon, complemento da sua renda. Essa tem sido minha angústia.

Só estou compartilhando porque não tenho respostas, não; são muitas angústias em relação a essas próprias candidaturas. Eu celebro, acho bacana, mas são espaços que a gente tenta abrir. E a última memória que me veio foi com a própria campanha do Wesley [Teixeira], com a história do recurso, quando o [Marcelo] Freixo faz o posicionamento em defesa do Wesley. Foi um exercício a gente ver os comentários da página do Freixo, e não foram comentários de pessoas de direita, não; eram comentários de pessoas da esquerda, de seguidores do Freixo, e que esqueceram o primeiro assunto, que era o financiamento da campanha ou recursos, e abordaram o fato de dizer “ah, crente”, “ah, crente é picareta mesmo”. A condição do recurso deixou de ser levada em consideração para ser considerado que “de um crente, a gente espera tudo”. E isso foi muito recorrente em postagens de apoio ao Wesley, “ah, é crente”, mas ninguém discutia o cerne: “dinheiro de banqueiro pode ou não pode?” Não, o que não podia, em última instância, é ser “crente”, é isso.

JLM – Valéria, chegou ao nosso grupo de pesquisa que seu nome foi indicado para concorrer às eleições. Isso é verdade? Como se construiu

esse convite? Como você o recebeu?

NVZ – A Tatiana Roque me procurou, acho que há um ano, me perguntando se eu queria. Ela foi candidata à deputada federal, e o projeto dela era para ser deputada federal, e o grupo dela buscava alguém para apoiar para a eleição para vereador no Rio de Janeiro. Ela, particularmente, e mais duas ou três pessoas, por estarem acompanhando o meu movimento, a Frente – eu fui aparecendo por conta desse movimento. E a gente travou alguns diálogos, acho que, de outubro até janeiro, quando encerrei a questão, porque não me interessava, eu não tenho essa vocação e acho que não tenho estômago para uma luta, para uma campanha política. E hoje digo que estou muito feliz com a minha decisão, até porque nessa eleição tudo vem dessa identidade, é o que está sendo mais explorado. Eu não sei se bancaria um projeto, que fosse da construção de uma teologia, não seria possível com um grupo que não pensa teologicamente, então, acho que é isso que as candidaturas estão enfrentando. Quem as lança e quem as banca não tem um pensar teológico, porque elas não vêm desses movimentos, dessas instituições que pensam teologicamente; elas foram se dando por conta dos arranjos, dos acordos e da militância, então...

Eu nunca pensei, eu reagia... cheguei a conversar, tive uma série de reuniões com o grupo da Tatiana, esbarrei nessa questão da construção e na questão partidária, não consigo me imaginar filiada, hoje, a um partido como o PSOL. Eu, particularmente, não me vejo nesse lugar. Eu não conheço grupos dispostos a bancar candidaturas não partidárias, que existem. Estão aí, mas eu não me via nesse lugar mesmo.

No fim das contas, acho que eu sou velha defensora – mesmo não sendo tão velha – da luta de classes (*risos*). Eu acredito mesmo que essa coisa

é o duelo do capital para massacrar quem não tem o capital. Se o PCB tivesse me convidado, eu até pensaria um pouquinho. Mas acho que eles não iam querer uma candidatura de uma mulher preta evangélica (*risos*).

CV - Valéria, você poderia falar para nós sobre suas impressões a respeito do coletivo Cristãos Contra o Fascismo? Conhece suas lideranças, seus trabalhos? Qual a relação deles com a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito?

NVZ - Na época que a gente estava organizando a Frente, a gente chegou no Rio Grande do Sul para fazer uma reunião, em Porto Alegre, só que, na época, a pessoa que assumiu a Frente lá era um cara da Igreja Bola de Neve, a primeira pessoa do movimento neopentecostal que chegou puxando um grupo da Frente no local. Aí, na época, a gente começou um diálogo com o Tiago [Santos], e a pergunta do Tiago era “se o movimento era evangélico”. A gente disse que “sim” e, aí, ele, então, falou: “ah! não, mas então a gente vai tocar aqui o grupo que a gente tem, porque a gente tem católicos no grupo.” Esse foi o momento em que o grupo surge, nessa lacuna da Frente, quando a gente chama, ele diz que tinham católicos no grupo.

Eles tocaram, assumiram que era uma luta contra o fascismo, e a gente entendeu, então, que é um grupo que envolve católicos. Mas a minha percepção é que eles giram todos em torno do tema da igreja evangélica. No entanto, no início, esse foi um argumento para não endossar o grupo ali da Frente, que era um grupo de cristãos, que envolveria católicos também.

Foi uma surpresa quando eu vi o Tiago [Santos] candidato, e foi uma surpresa porque não imaginava que ele fosse se candidatar. E eu tenho observado - e estou falando tudo

em confiança mesmo, o “Jesus da Mangueira” é o Jesus que se coloca. E eu vi algumas pessoas dizendo que: “ah! brasileiro gosta de Jesus, brasileiro não gosta de crente.” Eu já vi isso de grupos de esquerda, e não tenho problema com o “Jesus da Mangueira” de forma alguma. A minha questão, eu volto a dizer: se essa pessoa que se diz seguidor de Jesus e se diz crente reconhece aquele Jesus. Essa é a minha grande questão. Conversando com uma pessoa crente, ela falou: “eu gosto muito de Jesus, sou crente, mas não vi naqueles elementos.” Ela brincou “que falta nesse Jesus, às vezes, o cara que saiu destruindo tudo quando encontrou os vendilhões na porta do templo”. Acredito que ela estivesse falando de um Jesus que quebra a lógica do sistema. E acho que a gente cria esse Jesus que todo mundo gosta, em que constroem essa identidade de um Jesus que todo mundo gosta. Eu vejo Jesus em tudo, e estou tentando não criar problema ao falar isso... é obvio que eu vejo Jesus em tudo, e Jesus se manifesta em tudo, eu não tenho dúvidas disso. Mas a gente cria um Jesus que meio que se molda a esses conceitos de identidade que a gente foi rachando, e não preocupado se essa grande massa de evangélico que hoje são negros, que hoje são mulheres, que são pobres, que são periféricos, que são “ferrados”, se reconhecem nesse Jesus, se reconhece de fato nesse Jesus. E acho que não se reconhecem.

Eu tenho saído muito pouco, mas fui à Zona Oeste do Rio, em uma comunidade perto de Moça Bonita, em Padre Miguel, que tem aqueles conjuntos habitacionais que favelizaram. O dono do espaço é crente, e ele é o cara que estava me chamando a atenção. E fiquei lá conversando com ele por umas duas horas, ele é o cara do Vidas negras importam, todas as mídias dele têm o Vidas negras importam, é o cara

da defesa da questão racial. E ele é crente de uma igreja lá da Zona Oeste. Quando cheguei, ele não sabia que eu era crente nem esposa de pastor. Na verdade, fui para um serviço que ele ia me fazer, quando ele descobriu que eu era crente e esposa de pastor, automaticamente, ele desligou a televisão e ligou o rádio na 93 [FM], como se eu gostasse de ouvir música de crente. Eu quase dizendo para ele que não estava me agradando, mas me contive, até para conversar, eu me interessei pelo universo dele. E chegaram outras pessoas da igreja, e a gente foi conversando.

Enquanto ele me prestava o serviço, falava para mim assim: “ah! eu vi que você já viajou”, eu falei “é, viajei um pouquinho e tal”. O homem que diz Vidas negras importam fala para mim assim: “você não acha que o Brasil só vai ter jeito quando for governado por estrangeiros?” Eu fiquei tentando entender o porquê, e ele falou assim: “ah! porque nossa cultura não presta para isso... a gente não tem uma cultura.” Mas é o cara que, teoricamente, estava ali, Vidas negras importam, e eu fui percebendo que isso tem muito a ver com o discurso que tem na igreja dele, que é uma missão, que importa um modelo superamericano. Eu fui conversando, e ele não tinha ideia, apesar de ser um cara ótimo, que a vida fez dele um dos melhores cabeleiros de cabelo crespo do Rio de Janeiro. Coloca Vidas negras importam, mas arreventou com a cultura numa fala. Ele não sabia o que era autonomia ou soberania de um país. Expliquei para ele o que era soberania. Ele me contando a própria experiência de vida, que viu o pai morrer porque abusou de drogas, porque foi dirigir bêbado na Avenida Brasil, e ele tem um encontro com esse Cristo que o resgata da realidade dele. Então, hoje, ele é um profissional bem-sucedido, e essa figura do Cristo é fundamental para ele. E não estou desmerecendo

a figura do Cristo, porque religião é experiência pessoal. Eu não posso invalidar a experiência pessoal do rapaz, mas se eu não incorporar esses elementos desse Jesus nesse que chamo de “Jesus da Mangueira”, que é o que esse pessoal está trabalhando na sua identidade, eu vou continuar com força de diálogo com esses caras; mas se eu desprezo esse elemento do Jesus que transformou a realidade dele, não vou conseguir ficar com ele. Eu posso olhar para realidade dele e ver outra coisa, mas o que ele viu é um garoto que foi salvo de ser... ele viu os amigos dele serem mortos pelo tráfico. Ele morava lá no Antares, em Santa Cruz, ganhou uma maquininha de cabelo da mãe, cobrava 20 centavos de cada amigo para cortar o cabelo e explodiu. E, hoje, as pessoas saem daqui da Tijuca, do Flamengo, para ir em Padre Miguel para fazer o cabelo com ele. Então, a minha crítica a essa imagem de Jesus que o Cristãos Contra o Fascismo usa, que é o mesmo “Jesus da Mangueira”, é que falta esse elemento, desse Jesus... E estou muito curiosa para ler o livro do rapaz lá da Bahia, não sei se vocês já leram, o antropólogo que virou notícia no fim de semana, não sei se você viu, sabe do que eu estou falando?

CV – O Juliano Spyer?

NVZ – Sim! Estou supercuriosa para ler o livro dele, porque ele fala justamente disso. Ele ficou imerso em uma comunidade em Salvador, eu li a entrevista dele na *Folha de São Paulo*, ele diz que as igrejas criam um “Estado de bem-estar social”. Eu quero até entender o que ele chama de “Estado de bem-estar social”, mas eu desconfio que é justamente desse “Estado de bem-estar social” que esse cabeleiro, lá de Padre Miguel, estava me falando. E é noção de pertencimento. Eu vi um monte de gente da igreja chegar ao salão dele. E uma irmandade profunda entre eles que me impressionou, e olha que eu fiquei duas, três horas

ali só, e vi muita gente chegar, e ele falou para mim: “eu só abro meu salão de quarta a sábado, porque segunda e terça...” E me mostrou dez vídeos, e já me mandou mais uns trinta aqui no WhatsApp sobre as palestras que ele dá em clínica de recuperação, contando a história dele, e ele fala: “isso é um acordo que eu fiz.” Ele usou uma expressão que eu não me lembro agora, de que ele tem que fazer isso para ajudar os meninos ali da Zona Oeste, Antares, do Cesarão e da outra favela que ele falou, mas esqueci o nome, a não se envolver com droga. E estou aqui todo dia, recebendo vídeo dele com esse discurso... porque a gente começou a conversar mais sobre política, então, ele entende que está fazendo política fazendo isso.

Eu gosto de ilustrar com essas histórias, porque é o mais comum desses crentes que eu tenho visto. A última foi do pastor Leonardo, que é minha figura, é um pastor que me levou para dentro da Cidade de Deus quando o filho dele morreu – eu já nem conto mais essa história que já está muito velha. Mas pastor Leonardo me ligou semana passada, ele é pastor autodenominado, porque é o cara destemido que prega de noite, de madrugada, sai meia-noite vai para o presídio, ele ganhou esse título, não tem formação teológica nenhuma, ele não sabe construir uma frase em português usando o verbo, o sujeito, não sabe, e isso é o carisma dele, inclusive. E ele ligou para mim e falou: “Valéria, estou preocupado”, assim mesmo, ele fica nervoso, é obvio que ele tem algum problema... ele: “Valéria, estou muito preocupado, Valéria, a gente vai ter que fazer campanha para o Eduardo Paes, esse [Marcelo] Crivella não pode ganhar de novo.” E falei: “pastor, o senhor sabe que a Benedita [da Silva] é candidata?” “Valéria, eu não sei”. Olha que curioso, ele é um homem que está conectado, tem Facebook, tem televisão, escuta

rádio, ele não sabia que a Benedita era candidata, ele não sabia. E falei: “tem a Benedita, pastor, vamos deixar para o segundo turno, vamos tentar.” “Valéria, que bom que você me disse isso, agora vou pedir votos para a Benedita, porque ninguém do PT me falou que a Benedita é candidata.” Eu brinquei com o Marco [Davi]: “oh, Benedita tem que me agradecer, que eu já consegui cinquenta votos para ela” (*risos*). Porque como o conheço, uma hora dessa, ele vai bater de porta em porta para falar da Benedita candidata. Então, é muito esse perfil do homem que sobreviveu depois de ver o filho morto pela polícia, e de todas as tragédias pessoais, por conta desse Jesus que não é o “Jesus da Mangueira”.

O desafio é só desatar esse nó. Para mim, esse tem sido um nó de muitas pontas, e a gente precisa desatar em conjunto. Eu não preciso impor esse Jesus da transformação para o outro, é obvio que não, mas o outro tem que entender que esse Jesus de fato operou alguma coisa na vida daquele homem, eu acredite ou não. Para aquele homem, que passou pela transformação, ela é real. E a gente começa a dizer que não é real, que o cara está naquela situação porque não teve opção, não teve escolha, e isso me choca muito, porque, às vezes, a gente começa a tirar essa autonomia do sujeito. Como ele não teve escolha? Então, a gente está dizendo o quê, ele é massa de manobra a vida inteira? Que história é essa?

Essa fé mudou a história da minha família, a minha pessoal, do meu avô, como ele se enxergava, como ele enxergava que filhos tinham que estudar, essa fé foi transformadora. Ele não era massa de manobra quando ele transformou o que ele acreditava, foi uma escolha consciente. Eu acredito nisso, ou o que estou fazendo nesse negócio, se as escolhas não são conscientes?

Acho que esse Jesus nosso, trabalhado dessa forma, está inviabilizando, porque estou sempre colocando o outro como não sujeito da sua história: “ah, ele é manipulado, ah, ele é isso, ah, ele é aquilo”, e desconsidero a força que essa figura mítica teve. E a gente está falando de religião, religião é mítico, qualquer religião. É sentimento... é o que transcende para realidade, a gente já tem o trabalho. É o que transcende de fato.

Se eu não pegar essa dimensão do que transcende, do meu avô que era, sei lá, estivador do cais do porto, e, se não fosse esse sentimento que transcendeu, e ele dizer: “filho meu estuda, porque, olha...” Era a interpretação dele, de que: “olha, a gente está aqui, a gente, filho de Deus, e a gente vai disputar esse espaço.” E colocou uma penca de filho preto na universidade na década de 1970. Tinha que trabalhar? Tinha. Tinha que vender bala no trem? Tinha, mas tinha que estudar. Então, sei lá, minha mãe, minha tia, meu tio, cinco filhos no ensino superior na década de 1970 e todo mundo preto,

porque ele dizia... e não foi fácil para ninguém.

E não estou trabalhando isso como meritocracia, não, só estou falando que, pela narrativa familiar, a figura de Jesus foi central para esse processo de transformação, não fosse a igreja, o vínculo com a igreja, quando ele vem do interior do Rio, quando a fome estava, a igreja que ajudou, não teria tido esse processo de transformação. Não é a história de um homem que trabalhou, não, o que deu força para vencer, para transformar. É essa figura desse Jesus, que eu acho que a gente tem que entender e respeitar na história do outro. E acho que o movimento que vai sair na Frente, no nosso campo, tem que pensar nesse Jesus, pensar no que importa para essas pessoas, respeitar pelo menos a experiência delas com esse Jesus.

CV - Maravilhoso, Valéria. Fico até constrangida. Falamos que a entrevista seria rápida, e estamos aqui há quase duas horas. Muito obrigada por essa rica contribuição.

NVZ - Eu superagradeço, Chris. Estamos aí.

ENTREVISTA COM SAMUEL OLIVEIRA

COORDENADOR DO MOVIMENTO BANCADA EVANGÉLICA POPULAR E CANDIDATO A VEREADOR POR SÃO PAULO NAS ELEIÇÕES DE 2020

Por Christina Vital,¹⁷ João Luiz Moura,¹⁸
Wallace Cabral Ribeiro,¹⁹ Gabrielle Herculano²⁰

O movimento Bancada Evangélica Popular (BEP) foi apresentado ao público em 5 de julho de 2020, em uma *live* no Facebook. A iniciativa foi de oito lideranças evangélicas: Ariovaldo Ramos (pastor, fundador e então coordenador da Frente de Evangélicos Pelo Estado de Direito);²¹ Daniel Santos (pastor na Comunidade Cristã na Zona Leste/SP); Eliad Dias (pastora na Igreja Metodista da Luz/SP); João Paulo Berlofa (pastor na Igreja da Garagem, coordenador do Coletivo Inadequados); Ricardo Assunção (pastor na Frente de Luta por Moradia, Igreja da comunidade Metropolitana de São Paulo); Samuel Oliveira (ativista da Frente de Evangélicos Pelo Estado de Direito, membro na Comunidade Cristã na Zona Leste/SP, coordenador do movimento Bancada Evangélica Popular e vereador por São Paulo, nas eleições de 2020); Valéria Vilhena (pastora, coordenadora da EIG – Evangélicas Pela Igualdade de Gênero, Igreja Metodista da Luz) e William Carvalho (presbítero na Comunidade Cristã na Zona Leste/SP).

A abrangência do BEP é nacional e, nas eleições de 2020, apoiaram cinco candidaturas de evangélicos e evangélicas em cidades de diferentes regiões do Brasil. Nesta entrevista, realizada remotamente em setembro de 2020, tivemos a satisfação de contar com a colaboração de Samuel Oliveira (23 anos), mais conhecido como Samuca. Nascido em berço evangélico, é um jovem morador de Sapopemba, periferia paulistana, membro da Comunidade Cristã da Zona Leste, fundador e um dos coordenadores da Bancada Evangélica Popular (BEP), militante da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito e do Partido Comunista do Brasil (PC do B) e graduando em Filosofia. Em 2020, se candidatou pelo PC do B a uma cadeira na Câmara de Vereadores de São Paulo. Não obteve vitória nas urnas, mas já assumiu um lugar de destaque na história recente do progressismo evangélico no Brasil.

Nesta entrevista, tivemos a oportunidade de ouvir um dos fundadores do BEP sobre o trabalho teológico com os evangélicos de esquerda, suas estratégias para estas eleições, quais os desafios internos a serem enfrentados para dialogar com o público evangélico a partir de um lugar que não o hegemônico.

¹⁷ Professora associada do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia, coordenadora do Laboratório de Estudos Sócio Antropológicos em Política, Arte e Religião (LePar), na Universidade Federal Fluminense (UFF).

¹⁸ Mestre em Ciências da Religião, pesquisador visitante no Instituto de Estudos da Religião (Iser), membro do grupo de pesquisa Estado e Direito no Pensamento Social Brasileiro, sob coordenação do professor doutor Silvio Almeida (Mackenzie). Membro do grupo de pesquisa A Crítica do Direito e a Subjetividade Jurídica, sob coordenação do professor Doutor Alysson Mascaro (USP).

¹⁹ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFF (PPGS-UFF), mestre e bacharel em Sociologia pela mesma instituição, membro do LePar e do Núcleo de Estudos Friedrich Engels (Nefe).

²⁰ Assistente Social, mestranda pelo PPGS-UFF e membra do LePar.

²¹ Em fevereiro de 2021, a coordenação executiva da Frente

de Evangélicos pelo Estado de Direito passou a ser de Wesley Teixeira. Wesley foi candidato pelo PSOL à câmara municipal de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, em 2020. Acompanhamos sua candidatura que obteve grande apoio popular, partidário e de mídia. Sua candidatura ganhou destaque em outubro de 2020 em razão das controvérsias que envolveram a aceitação de recursos de campanha vindos de Armínio Fraga. Para uma reflexão sobre o caso ler: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/fundamentalismo-as-avessas-em-tempos-eleitorais/>. Acesso em: 7 out. 2020.

CHRISTINA VITAL - Muito obrigada por nos conceder esta entrevista, Samuel. Gostaríamos de começar pedindo que nos conte sobre sua trajetória de militância política e religiosa.

SAMUEL OLIVEIRA - Eu comecei minha trajetória política por meio do movimento estudantil, em 2013. Com pouco tempo de engajamento nos movimentos sociais, fui compreendendo a importância do espaço político como... não vou dizer como ápice, mas como um espaço que deve desaguar toda a luta cotidiana que a gente constrói, nas nossas bases, na rua, e a partir disso, me dispus para a luta eleitoral; entendendo que esse também era um campo de batalha, onde a gente também concentra as energias da nossa luta cotidiana e garante que a gente possa ocupar os espaços políticos de decisão, para promover mesmo a transformação efetiva e concreta das coisas.

Já venho de outras duas candidaturas, uma primeira em 2016, também a vereador, na capital de São Paulo, aos meus 19 anos; e em 2018, também fiz parte do pleito como candidato a deputado estadual; e, agora, pela terceira vez, me coloco também nesse desafio de ser candidato a vereador aqui na capital de São Paulo, já nessa terceira eleição. As três eleições pelo PC do B, Partido Comunista do Brasil, partido com que, desde o início da minha militância, tive bastante contato, me identifiquei largamente... Tive uma identidade política com o partido, em que eu pude me sentir representado, no projeto de sociedade que o partido tem e onde eu vi um espaço de atuação importante, que eu pudesse contribuir também a partir dessa perspectiva eleitoral, e a partir disso, vim construindo essas movimentações. Do ano passado para cá, uma coisa que já me inquietava há muito tempo

CV - Samuca, os movimentos que você cita eram muito refratários à política institucional. Como você passou a perceber na política eletiva uma via de engajamento possível? Alguém influenciou essas escolhas?

SO - Minha militância política começou em 2013, mas antes ainda das manifestações de junho de 2013, eu já estava engajado no movimento estudantil, que foi onde eu inseri minha trajetória política, fazia parte do Grêmio estudantil da escola. E foi um ano importante para mim, na minha formação política, porque passei a ter contato com disciplinas que me ajudaram a ter uma visão mais crítica da sociedade dentro da escola, mas também foi um ano onde comecei os meus estudos de teologia; a partir disso, também passei a ter contato com uma visão diferente, mais progressista, porque eu fui nascido em um lar evangélico, crescido em Assembleia de Deus.

Nesse momento, eu estava na Igreja Batista, mas, geralmente, eu só tinha passado por igrejas com esse viés mais conservador, mais fundamentalista, e, em 2013, junto com algumas outras pessoas da minha igreja, passamos a estudar, a ter contato com outras lideranças do campo evangélico que já tinham uma visão diferente. Foi um ano que concentrou, ali, uma série de coisas em lugares diferentes. É a sociedade e sua intensa luta de classes, essa dicotomia, a desigualdade, as dificuldades e a necessidade também de organização do povo para poder, dentro da luta política, transformar a realidade que a sociedade vive hoje. Comecei também a me engajar nos movimentos sociais. Como eu disse, iniciei pelo movimento estudantil, fiz parte da primavera secundarista, dos movimentos que fizeram as ocupações nas escolas, do fechamento, que ocuparam a Assembleia Legislativa, enfim, estava bastante engajado a partir

disso. Com isso fui tendo contato com outros movimentos.

Fui me engajado nos movimentos sociais e tendo ciência da importância que tinha essa luta política de cobrança das instituições políticas, para concretização das pautas e das lutas cotidianas que a gente apresentava, fui compreender que o espaço onde tem uma significativa importância na concretude dessa luta política eram as instituições políticas. Passei a ter esse entendimento e perceber que, além da importância de me organizar em uma base política, além da importância de me organizar no movimento social, além dessa importância da luta cotidiana, fui percebendo a necessidade que era de a gente ocupar esses espaços políticos de decisão, e percebi, em mim, que era alguém que já tinha uma pré-disposição à vida de militância dedicada integral, em que eu pudesse me concentrar e me colocar à disposição das necessidades da luta. Me percebi como alguém que poderia também ajudar no processo de ocupação desses espaços políticos de decisão, e foi quando, em 2014, mesmo que ainda bastante jovem, tomei uma decisão de que eu gostaria de construir uma candidatura e poder contribuir dessa forma para nossa luta.

Apesar de já me organizar nos movimentos sociais e ter diversas contribuições que tive em movimentos diferentes, percebi que eu poderia ajudar também nesse processo.

Em 2016, lanço a primeira candidatura a vereador, como mencionei anteriormente, e a partir disso entendi que eu poderia continuar construindo. Sofro pelos desafios eleitorais numa sociedade com desigualdade, que reflete também nesses momentos, enfim... Mas, ao mesmo tempo, sempre me animou para luta política eleitoral,

porque, mais ainda, percebo a necessidade de a gente ter a contribuição de quem conseguir se dedicar a essa questão.

Sofria aquela dicotomia, porque, quando comecei a me engajar na política, as coisas que eu via na igreja, por um lado, foi positivo, porque eu já vim da política muito preparado para perceber e captar qualquer coisa, sabendo já do “ninho de cobras”, sabendo já da turma ruim; mas, ao mesmo tempo, também percebi a turma ruim nos espaços em que eu já participava, então, fez um trabalho duplo, porque me calejou um pouquinho para estar no meio da lama, mas eu até tinha uma fala quando comecei... eu dizia: “Ó, a minha disposição é a mesma para ir no meio de uma piscina de lama com uma esponja, um detergente e começar a limpar de dentro.” Não vai ter lama lá para sempre, e, claro, com isso, você vai percebendo que tem muita gente boa, muita gente disposta. Até então era um discurso do senso comum, de reproduzir que a política é só um lugar de coisa ruim. Na verdade, não, é um lugar de luta e onde você encontra pessoas que estão dentro do nosso campo, fazendo uma contribuição importante para a transformação da coisa; e você também tem as pessoas que vão estar lutando pelos seus privilégios pessoais, o que não deixa de acontecer em qualquer outra instituição da sociedade, inclusive nas igrejas onde eu cresci, nas escolas, enfim... qualquer espaço social.

CV - Como sua família recebeu sua decisão?

SO - Foi relativamente tranquilo. Acho que minha mãe foi sempre quem mais teve um pouco de resistência, dos meus irmãos, tenho outros dois irmãos que ainda, de alguma forma, incentivavam como quem incentiva um irmão mais novo a se engajar nas coisas. Agora, a minha mãe tinha

um pouco de resistência, porque ela vem de uma lógica conservadora, ela vem da cultura evangélica mais fundamentalista, apesar de ela não ter muita dimensão política da coisa. Ela às vezes fala: “poxa, Samuel, vou apresentar lá que você é candidato, mas, aí, falaram que você é do Partido Comunista e, aí, falaram que é ruim.” Então você tem esse trabalho de desconstruir alguns discursos do senso comum que ficam sendo reproduzidos. Mas, geralmente, acho que desde cedo sempre tive uma vida muito ativa, participava do grêmio estudantil desde a sexta série, então, eu já era um jovem bastante inquieto, que ficava mais tempo na escola para fazer as coisas. Na igreja eu era bastante engajado nos ministérios. Então, essa minha vida agitada sempre foi uma coisa normal dentro de casa, e, claro que com a política, minha mãe também tinha suas preocupações, porque é isso, todo mundo acaba tendo essa visão da política.

CV - Você mora com sua família em Sapopemba?

SO - Isso, eu sou da região de Sapopemba, estou no processo de mudança agora, para região do Aricanduva, que é bairro vizinho. Moro somente com minha mãe. Meus outros dois irmãos já moram fora.

CV - Conte-nos sobre sua escolha pela formação em Filosofia.

SO - Quando terminei a escola, eu tinha mais um ano de gestão na União Paulista dos Estudantes Secundaristas, então, tomei uma decisão de me manter ainda fora dos estudos universitários para que eu pudesse terminar a gestão. Enfim, terminar minhas contribuições, como todo jovem da periferia enfrenta as dificuldades de ir para universidade, porque a escola não nos prepara para um vestibular.

Infelizmente as condições financeiras não nos permitem e,

como sempre fui alguém engajado na militância, claro que isso toma um tempo da sua vida. Você sempre percebe, na militância, uma turma que tem uma contribuição mais teórica, que é a turma mais intelectual, e tem uma turma mais da base, como é o meu caso, que acaba sofrendo com essas dificuldades, que tem até um grande gosto pela intelectualidade, mas que tem uma dificuldade de conseguir conciliar, essas coisas.

Fiz uma tentativa, em 2017, de estudar, fiz um semestre, acabei, por diversos motivos, não dando conta de manter os estudos, fiz e tranquei a faculdade, e retornei no ano passado. Retomei à faculdade até para poder realmente iniciar e concluir a minha formação. Faço graduação em Filosofia e faço um curso livre de Teologia.

CV - Além do PC do B, há algum outro grupo ao qual esteja vinculado organicamente?

SO - Hoje a minha atuação reside muito forte no partido e faço parte nos movimentos sociais evangélicos. Faço parte da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, onde também procuro dedicar um pouco da militância e, mais recentemente, na organização do movimento pela Bancada Evangélica Popular.

CV - Desde quando você integra a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito?

SO - Estou na Frente desde, mais ou menos, abril de 2018. Claro que você começa com aquela participação mais tímida. Ia em uma atividade ou outra, chegando junto. Com o tempo, pude contribuir. Faço parte do núcleo de São Paulo, que a gente divide por núcleos estaduais e municipais, e a gente se divide por núcleos regionais, então, temos um núcleo aqui na região onde eu moro, onde a gente organizava as reuniões também de base.

CV - Você viu o movimento Bancada Evangélica Popular germinar. Como foi isso? Você pode contar essa história?

SO - Não só vi germinar, como germinou em mim. Esse movimento nasce com base em uma leitura. Bom, eu, como todo evangélico que vem de um meio fundamentalista e que se desperta para uma fé mais progressista, passo por um momento de indignação, de revolta com as igrejas e tudo mais. Acho que é quase regra isso acontecer, e momento também de indignação.

A Frente foi um espaço muito importante para eu perceber a possibilidade de ser evangélico e ser diferente, inclusive, de me ajudar a compreender a importância de a gente entender nossa identidade enquanto evangélico e, com pouco tempo, a valorizar essa militância evangélica progressista. A Frente me ajudou bastante nesse processo, nunca perdi minha identidade cristã, mas, por um tempo, deixei de me identificar como evangélico na tentativa de me dissociar desse campo majoritário.

Depois da minha entrada na Frente, me animei para essa questão. Com pouco tempo de militância, fui, mais uma vez, fazendo um link entre aquele meu entendimento de ocupação dos espaços políticos de decisão, agora, convergindo com o meu entendimento da importância da militância evangélica e, com isso, passei a perceber uma necessidade, uma lacuna, dentre os vários movimentos sociais evangélicos, que a gente tem hoje de se dispor a ocupar os espaços políticos de decisão, acho que por diversos motivos. Muitos, porque, de alguma forma, não fogem dessa lógica do senso comum, de se distanciar da participação política institucional, o que, no meu entendimento, é supernegativo, pois faz com que a gente dê espaço para quem tem interesse, que não é a nossa turma, infelizmente.

Acho que bem dizia Platão quando falava que não tem nada de errado com os que não gostam de política, o único problema é que serão governados pelos que gostam. Infelizmente a nossa turma não gosta, mas precisa compreender a importância de a gente fazer isso, como necessidade da nossa luta. Se não gosta pelos seus interesses pessoais, tem que entender que precisa participar como ferramenta de luta concreta. Então, passei a fazer essa convergência e senti essa necessidade, a partir de vários movimentos sociais evangélicos que eu vinha percebendo, de alguma forma, dentro da luta política, de reunir esse conjunto de movimentações, não só movimentos, mas movimentações, porque a gente deixa mais amplo trazendo também lideranças, trazendo também trabalhos de igrejas que fazem esse contraponto a esse setor majoritário conservador. Então, a partir desse entendimento, comecei a partilhar com algumas lideranças que hoje em dia dividem a coordenação comigo na BEP, sob a necessidade de a gente organizar um movimento que fosse político eleitoral de evangélicos progressistas, que pudesse oferecer à sociedade um contraponto, outra perspectiva de ser evangélico, que é de participar da política - a política é um espaço importante, que dá projeção para muitas coisas. Se a gente ocupa esses espaços como irmãos e irmãs que apresentam outra perspectiva de ser evangélico, a gente pode, inclusive, colaborar para um processo de ruptura na própria igreja, dentro de uma visão mais ampla que hoje não se percebe de outra forma que não fundamentalista, porque não lhes é apresentado à outra forma que não a fundamentalista, que não a conservadora.

Quando a gente traz um movimento para a política, ajuda também a gente a chegar nas igrejas e ajuda a romper

com essa lógica de que a base evangélica serve de base eleitoral para um setor mais conservador, para um setor que está ligado ao capital. Então, havia a necessidade de a gente organizar um movimento nesse sentido, por isso, procurei algumas lideranças que hoje circulam dentro desses movimentos sociais evangélicos e partilhei com eles esse movimento. O que é um desafio, porque, por mais que estejamos no mesmo campo político, reunimos uma grande pluralidade de ideias políticas, de ideias teológicas, o que não é fácil. Vocês devem saber bem a dificuldade que temos de dialogar mesmo com o nosso setor, com a nossa turma, as peripécias que a gente passa no dia a dia com os nossos irmãos, mas conseguimos fazer de forma diferente no nosso campo político, que o faz só pela política. Nós ainda temos a Bíblia, o que nos ajuda a dar a linha para que a coisa funcione de uma forma muito mais fraterna, de uma forma que a gente ainda consiga “chegar junto” e somar. Com o BEP, buscamos nos posicionar contra o ódio, pela liberdade individual das pessoas sem que a gente fira a laicidade do Estado.

CV - Samuel, você fala sobre a figura do “fundamentalista conservador” como se os termos fossem sinônimos. Apresenta sua mãe como sendo afinada a esse perfil. Como você lida com isso?

SO - Hoje você tem uma diversidade de tonalidades mesmo, que tem dentro desse setor majoritário evangélico, que é um setor que a gente acaba atribuindo esses nomes de conservadores, enfim, fundamentalistas.

Outro dia estava refletindo, porque acho que a gente precisa rever um pouco desse nosso termo de fundamentalista. Não sei se faz sentido a gente ficar dizendo fundamentalista, mas é algo que ainda queria me debruçar para estudar um pouquinho, ver se tem sentido,

mas, pelo menos no raciocínio lógico rápido, parece que não tem, porque essa turma não tem fundamento. A percepção que eu tenho hoje é de que a igreja foi extremamente cooptada e instrumentalizada pelo capitalismo, parto dessa premissa, desse entendimento, a igreja como um todo, o campo evangélico como um todo, e as religiões como um todo, as instituições como um todo, foram cooptados. Não é diferente na igreja evangélica, dentro do cenário brasileiro tem uma importância muito grande, é algo que compõe boa parte da nossa população e que faz uma interferência muito discrepante no cotidiano brasileiro.

Hoje faz parte da política essa instrumentalização que formou uma máquina muito grande a favor do capital, fez uma manutenção dos espaços políticos para essa turma. Você tem as lideranças que estão, aí, mancomunadas com o capital, mas tem também uma base que reproduz o senso comum, então, eu acho que está na mesma tonalidade, não acho que tem a mesma participação, eu acho que a massa evangélica só segue, infelizmente, um caminho, uma doutrina que foi construída sobre essa lógica, mas que, na verdade, até mesmo pela sua base ser majoritariamente da periferia, pobre, tinha que estar muito mais ligada a um campo progressista popular do que o contrário. Infelizmente, ao longo da história, a gente teve essa aproximação muito mais forte dos setores mais capitalistas e acho que eles encontraram no conservadorismo uma forma de manutenção, não como forma de crença, mas forma de manutenção desse instrumento político que eles desenvolveram com as igrejas, acabou gerando todo esse reflexo de uma massa evangélica, hoje, mais conservadora.

CV - Quem compõe a coordenação do BEP com você?

SO - Hoje nós temos algumas lideranças que ajudam na coordenação. Estou junto com a pastora Eliad, o Ricardo Mendes, pastor de ocupações aqui de São Paulo, o pastor Daniel Santos e o presbítero William Carvalho, que são da minha comunidade. O pastor João Paulo Berlofa, que é coordenador do Coletivo Inadequados, um outro movimento importante no meio evangélico também. Tem a pastora Valéria Vilhena, coordenadora da EIG - Evangélicas pela Igualdade de Gênero. Tem o pastor Ariovaldo Ramos, coordenador nacional da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito. A pastora Wall Moraes, que entrou mais recentemente. Ela não fez parte do processo de fundação, mas, no esforço de a gente poder garantir algumas representatividades e algumas contribuições dentro do grupo de organização, a gente a convidou para estar conosco. E a Fernanda Valinho, que atua hoje na Missão Cena e na ONG Rio de Paz, em São Paulo.

Por uma questão bastante objetiva, a maior parte dos integrantes e das candidaturas inicialmente apoiadas são de SP porque, quando eu iniciei o processo de partilhar esse desejo, essa intenção, esse projeto, naturalmente, partilhei com lideranças que eu já dialogava, que estavam próximas, que eu tinha contato. Então, até no processo natural de proximidade, acabei fazendo essa construção, mas, aqui na região, tirando o Ariovaldo Ramos, que hoje está no Taboão, e o [pastor] Berlofa, que está em Mogi, os demais são todos da Capital de São Paulo, e a pastora Wal Moraes, que recentemente vem do Distrito Federal. Procurei algumas outras lideranças que têm feito esse trabalho importante no cenário nacional, mas, enfim, acabei não conseguindo. A ideia é que movimento tenha essa projeção nacional.

CV - Quando exatamente você começa a articular esse movimento?

SO - Essa articulação vem, relativamente, desde 2018, o Ariovaldo [Ramos], inclusive, e a Fernanda Valinho foram as primeiras pessoas com quem partilhei o projeto inicialmente. Nas primeiras conversas eu tinha apresentado, na verdade, a minha disposição em ser um candidato que pudesse representar esse contraponto, eu, que já vinha de uma caminhada de candidaturas, queria poder me dispor a fazer a gente levantar um nome, fazer um contraponto, enfim, crescer o movimento em cima disso. Mas, com pouco tempo, entendi que, para além da minha contribuição, outras contribuições poderiam ser importantes nesse processo, e que a gente poderia fazer um espaço de atuação muito mais amplo com o movimento e não só como uma candidatura, algo que pudesse de fato compartilhar com outros irmãos e outras irmãs que estão nessa empreitada também, esse desafio. Aí no final de 2018/início de 2019, foi quando a gente se articulou mais para isso.

CV - Como é feito o apoio do BEP às candidaturas?

SO - Bom, temos acolhido, na verdade, os candidatos. Dentro da nossa rede de contatos, sempre incentivamos as pessoas que conhecemos a vir junto, como o movimento. Obviamente, fazemos esse trabalho, mas precisamos que também os candidatos venham nos procurar na intenção de que a gente não fique aqui botando a cara dos candidatos sem que eles nem queiram que sejam veiculados ao movimento. Infelizmente, tem muita gente ainda, mesmo no nosso campo, que tem muita resistência com o tema evangélico, então, a gente também tem que ter esse tipo de cautela e compreender alguns irmãos, mesmo que estejam na mesma empreitada,

não conseguem ainda perceber a importância ou que não querem ter esse tipo de vinculação.

O movimento precisa, minimamente, trabalhar com a turma que nos procura. Incentivar, nas nossas redes particulares, nossos irmãos que conhecemos... Hoje, temos algumas dessas candidaturas que você mencionou, devemos fechar, inclusive, entre hoje e amanhã, toda a turma que se apresentou para podermos apoiar. Porque temos critérios internos, no sentido de estar no campo progressista, de ter uma fé progressista. Esses cuidados são no sentido de não apoiar candidaturas que vão fazer mais do mesmo. Então, entre hoje e amanhã, muito possivelmente, fecharemos essas candidaturas. Queremos começar, ainda esta semana ou semana que vem, a apresentar as candidaturas que vão ser apoiadas pelo movimento. Vou evitar falar muitos nomes para não me antecipar aqui, e a gente passar por algum processo de discussão interna depois, e eu acabar ficar devendo com isso, mas vocês em breve vão ter um retorno das candidaturas que vamos apoiar. Algumas são bastante objetivas, o Vinicius Lima, por exemplo, esse aqui já temos muito consenso, dentro da Bancada, de que é um nome que a gente vai estar junto. O [pastor] Berlofa, enfim, já temos algumas candidaturas que a gente consegue antecipar... Danilo [Pássaro] também, enfim, tem algumas candidaturas que já temos vínculo, que sabemos, que já entende aquilo como movimento.

CV - Quais são os critérios para se tornar uma candidatura apoiada pelo BEP?

SO - No nosso entendimento, a perspectiva para essas eleições municipais de agora, devemos ter um número bastante reduzido de candidaturas, porque trabalhamos com recorte muito específico. Primeiro que estamos dentro de

um campo progressista, não só no campo democrático, mas no campo progressista. Nós entendemos, no movimento, que para além do esforço que hoje faz o nosso campo político da esquerda de fazer um diálogo mais amplo com o setor democrático, para poder derrotar o setor mais conservador, mais bolsonarista, temos o entendimento que o nosso movimento precisa ser algo muito mais direcionado, que possa dialogar dentro de um campo realmente progressista, porque senão a gente vai ter dificuldade no cotidiano, na construção da luta nos espaços.

Trabalhamos dentro de um campo popular, progressista, já conseguimos ter a dimensão dos partidos que devemos dialogar e da fé progressista, obviamente, é algo que, de alguma forma, acaba já combinando, mas nem sempre. Tem gente que vem de uma formação teológica mais conservadora, que chega, aqui, a gente tem seus esbarros, a gente deve fixar com cada candidato, cada candidata um compromisso com uma série de pautas, que devemos trabalhar. Vocês devem, em breve, ter acesso também. Basicamente, é isso, é estar dentro de um campo de fé e político progressista. Queremos nos identificar como evangélicos.

Quase todo mundo que vem nos procurar ou já conhecemos ou já temos alguma ligação, porque faz parte de um movimento "x" no estado, porque o irmão já conhece, é um ou outro que, às vezes, vem de uma cidade mais do interior, uma pessoa nova, uma pessoa que ainda não está conectada dentro dessa rede. Como estamos trabalhando com nicho muito específico, então, para nós acaba ficando bastante reduzido mesmo. Pode ser que isso aumente em outros momentos, mas agora... Enfim, não é o caso, então a gente deve trabalhar com um número mais reduzido de candidaturas que devem estar dentro dessa perspectiva.

CV - Por que vocês escolheram o termo popular e não progressista para formar o nome do movimento?

SO - Escolhemos esse termo porque acreditamos que ele possa dialogar mais com o povo. Ainda temos muita dificuldade de diálogo e queremos fazer, com esse movimento, um diálogo muito específico com o setor evangélico. Não à toa que é uma bancada evangélica, não abrimos mão dessa identidade, apesar de hoje nós termos movimentos importantes, que estão dialogando com o setor cristão de forma mais ampla. Nós sentimos a necessidade de ter esse diálogo com os evangélicos, que os evangélicos pudessem ter identidade, só que dentro da polarização política em todo cenário político que vivemos, já de alguns anos para cá, sabemos das dificuldades de criar esse diálogo, infelizmente.

O popular deixa claro, eu acho, que ele faz parte desse processo, dá essa identidade progressista, essa identidade com o povo, com as pessoas, enfim, mais pobres. Mas, ao mesmo tempo, não dá essa taxaçoão que dá quando você chega numa pessoa que já é superfechada ao diálogo, que cresceu numa lógica conservadora e que aprendeu que progressista é coisa do PT, “que é isso e aquilo”, e que, por ora, já vai se fechar para uma conversa porque já identificou, ali, algo que ela rejeita. Então, na intenção de ampliarmos nosso diálogo e não fechar portas, mas sem perder nossa identidade, entendemos que o termo popular podia entender melhor essa questão.

CV - Em sua opinião, quais serão os temas mais tratados nestas eleições?

SO - Eu acredito muito que a questão da laicidade do Estado vai ser muito importante, apesar de você ter uma eleição, agora, municipal em que, talvez, essa questão pegue

um pouco menos, mas é algo que tem sido muito significativo no cenário político, porque hoje é de conhecimento de todo mundo a expressão que os evangélicos têm dentro dos espaços políticos de decisão, como uma bancada que seja, onde se organiza, têm a sua identidade política e o seu caminho político. Então, acho que essa questão vai ser importante, mas a gente quer levar muito a discussão também para as políticas públicas. **É isso que queremos trabalhar, queremos que as pessoas elejam essa nova bancada, não porque seja evangélica, mas porque vai lutar pelas pessoas e, a partir disso, a gente vai defender serviços públicos de qualidade, os direitos.**

É interessante, porque eu ainda chegava ouvir uns discursos do tipo: “ah! mas só fala sempre de educação, saúde, sempre a mesma coisa...”, só que hoje você já não tem mais esse discurso, porque as pessoas perceberam que saúde e educação precisam de atenção, de que não é mais do mesmo, não é praxe, é que é um objeto de pauta importante, porque são serviços mais básicos e que foram retirados diversos direitos a partir desse serviço nos últimos anos. Então, é algo que as pessoas estão sentindo, a saúde, por exemplo, agora, é algo que deve entrar muito em conta, e aí você tem projeto popular, é importante para podermos, de fato, representar o povo, não representar uma classe religiosa com fim em si mesmo, mas entender que a classe religiosa está inserida numa classe social e que é precisa dos cuidados, precisa de uma sociedade.

CV - Como chegar às pessoas articulando racionalidade política e narrativas emocionais que as envolvam, as engajem? Como a política pode fazer sentido para as pessoas evangélicas?

SO - Bom, acho que, de alguma forma, é muito mais significativo no diálogo de cada candidato, eu acho que mais do que o movimento, os candidatos vão ter esse desafio. É um desafio que ele tem, enquanto candidato, enquanto candidata, de se conectar com a sua base, de conseguir ampliar o seu diálogo. O movimento, claro, também vai tentar, dentro dessa linha, criar esse diálogo com setor mais popular.

É claro que a gente ainda tem uma turma no campo mais popular, tem uma parte que não, e uma turma que não tem acesso, que está dentro das igrejas, mas que não tem acesso à internet, então, assim, a gente ainda está bastante atordoado com a questão da pandemia e com o público que a gente quer dialogar, mas é claro que a gente quer falar a partir da perspectiva das suas cidades cotidianamente, que sofrem com os dilemas das injustiças, e o quanto nosso evangelho de Cristo, que tanto defendemos, que tanto acreditamos, está conectado com a reparação dessas injustiças. Acho mais do que qualquer outra coisa, o diálogo com uma turma que a gente faz a partir da nossa identidade de fé precisa ter a nossa base de fé, nossa base teológica, nossa base bíblica, então, devemos fazer um diálogo conectando nossa fé, que é uma fé que se inquieta com as injustiças, que se inquieta com as opressões e que não aceita esse tipo de coisa, com a realidade desse episódio que essas pessoas estão vivendo e o quanto é importante que a gente transforme isso a partir da ocupação dos espaços políticos de decisão; e o quanto a gente também tem uma turma que está disposta a

representar essa alternativa e fazer esse contraponto, de uma turma que, infelizmente, até hoje tem estado nos espaços políticos, a partir de sua identidade de fé, mas que não representa, em verdade, aquilo que o evangelho nos ensina. Então, é uma fala que deve vir muito mais numa perspectiva teológica, bíblica, porque é o que dá a orientação para o nosso setor evangélico, muito mais a partir dessa perspectiva, mas tentando trazer para esse campo popular, e afastando desse campo que está preocupado com outras questões que sequer têm a ver de verdade com o evangelho.

Christina Vital - Maravilhoso. Parabéns e muito sucesso para você, Samuca, agora e sempre. Obrigada pela entrevista.

SO - Agradeço a vocês pela oportunidade, peço perdão por qualquer coisa, estamos numa semana muito corrida com os preparativos da campanha, porque, além de tudo, também sou pré-candidato; então, estou extremamente cansado e, às vezes, acaba não contribuindo tanto, mas espero que possa ter ajudado de alguma forma com as pesquisas e, naquilo que vocês precisarem, estou à disposição e também a Bancada Evangélica Popular. Ainda somos um movimento novo. Enfrentando as dificuldades de qualquer movimento que está se formando, é coordenado por lideranças que vocês sabem que têm a agenda “daquele jeito”, então, temos muita dificuldade também de nos organizar, mas temos conseguido fazer uma movimentação bastante expressiva, com a graça de Deus, a gente vai poder ajudar na mudança de muita coisa.

ENTREVISTA COM TIAGO SANTOS

FUNDADOR DO MOVIMENTO CRISTÃOS CONTRA O FASCISMO E CANDIDATO A VEREADOR POR PORTO ALEGRE NAS ELEIÇÕES DE 2020

Por Christina Vital,²² Rafaela Marques,²³ João Luiz Moura,²⁴
Wallace Cabral Ribeiro,²⁵ Gabrielle Herculano²⁶

Os movimentos evangélicos e católicos identificados com a esquerda política no Brasil não são novos. Antes, durante e imediatamente depois da ditadura militar no Brasil (1964 a 1985), variados grupos se formaram, mantendo-se ativos em diferentes redes na sociedade civil. Alguns períodos de efervescência política ocorreram pós-redemocratização como a Constituinte de 1987, as eleições de 1989, o *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello, as manifestações de junho de 2013 e o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Na história mais recente, este evento foi decisivo para a reorganização de forças tanto de direita, quanto de esquerda no Brasil. Em 2018, com a chegada das eleições presidenciais, brotaram inúmeros movimentos, religiosos ou não, opondo-se ao crescimento das forças políticas de direita que convergiam paulatinamente para a candidatura de Jair Bolsonaro. Nesse contexto, surgem os Cristãos Contra o Fascismo, um movimento nacional originado em Porto Alegre (RS) sob a liderança de Tiago Santos (33 anos). Nesse movimento participam evangélicos e católicos autoidentificados como progressistas. Há, entre seus integrantes, leigos, padres, freiras, pastores, missionários e fiéis de variadas denominações.

Nesta entrevista, realizada remotamente em outubro de 2020, tivemos a satisfação de conversar com Tiago sobre sua vida de militância política e sobre suas experiências religiosas. Tiago Santos estudou na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo. Na juventude, foi membro de uma igreja batista e, após completar o seminário, engajou-se no colegiado pastoral em Porto Alegre (RS), tendo concluído seu mestrado em educação na PUC-RS posteriormente. Nas eleições de 2020, concorreu a vereador por essa mesma cidade, em uma candidatura coletiva pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Embora fosse candidato, nossa conversa se orientou por temáticas como os movimentos sociais de esquerda religiosa no Brasil hoje, evangelização de populações marginalizadas e formação política da base social.

CHRISTINA VITAL - Tiago, muito eleitoral. Gostaríamos de ouvi-lo, obrigada por topar conversar inicialmente, sobre sua trajetória na conosco hoje, em plena campanha vida política e religiosa?

²² Professora Associada do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia, coordenadora do Laboratório de Estudos Socioantropológicos em Política, Arte e Religião (LePar), na Universidade Federal Fluminense (UFF).

²³ Jornalista, mestre em Cultura e Territorialidades pela UFF, pós-graduanda em Jornalismo Investigativo pelo Instituto de Direito Público (IDP) e membro do LePar.

²⁴ Mestre em Ciências da Religião, pesquisador visitante no Instituto de Estudos da Religião (Iser), membro do grupo de pesquisa Estado e Direito no Pensamento Social Brasileiro, sob coordenação do professor doutor Silvío Almeida (Mackenzie). Membro do grupo de pesquisa A Crítica do Direito e a Subjetividade Jurídica, sob coordenação do professor doutor Alysson Mascaro (USP).

²⁵ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da PPGS-UFF, mestre e bacharel em Sociologia pela mesma instituição, membro do Laboratório de LePar e do Núcleo de Estudos Friedrich Engels (Nefe).

²⁶ Assistente Social, mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da PPGS-UFF e membra do LePar.

TIAGO SANTOS – Perfeito, gente, bom dia! Obrigado por essa oportunidade de contribuir com a pesquisa de vocês. A gente vem lendo as coisas que Iser tem produzido, e estou muito feliz de poder fazer parte dessa pesquisa.

Eu sou formado em Teologia, fiz o Seminário Batista do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, e fiz também bacharelado em Teologia pela Escola Superior de Teologia, a EST, de São Leopoldo, da mesma região metropolitana. Comecei o mestrado em teologia na PUC, numa pesquisa justamente sobre a participação ou a influência religiosa na política, aquilo que o Iser vem produzindo. Não consegui uma bolsa, mas a oportunidade de seguir minha pesquisa na área da Educação. Então, sigo na PUC, cursando, agora, o mestrado em Educação, contudo com uma pesquisa que investiga a influência da religião na política e na educação.

Assim que terminei o seminário teológico, fui convidado por uma Igreja Batista para fazer parte da equipe do colegiado pastoral da igreja, que era formada por, mais ou menos, cinco pastores. Trabalhei lá cerca de nove anos, mas sempre tive um questionamento em relação à própria interpretação bíblica que, naquele meu contexto religioso, era uma interpretação mais conservadora, excludente de determinados grupos. E sempre fiz esse questionamento, sempre lendo Jesus como esse que acolheu os grupos marginalizados da sua época – as crianças, as mulheres, os leprosos... Por que vamos segregar e excluir os marginalizados da nossa época? Então, sempre foi um questionamento meu que continuamente incomodou muito a igreja à qual eu fazia parte, até que, em determinado ponto, concluí que, se eu quisesse continuar meu trabalho, deveria me desligar da igreja e seguir um outro rumo, fazer as

coisas de outra forma. Aquilo que eu entendia como um trabalho religioso, em certos aspectos, a gente entende como sendo uma missão divina de acolher essas pessoas. Então, em 2015, pedi o desligamento da igreja e comecei a me reunir com um grupo aqui em Porto Alegre, um grupo de amigos que estudavam a Bíblia com uma outra perspectiva. A gente se reunia em bares da Cidade Baixa, uma região boêmia aqui de Porto Alegre. E ali começou, na verdade, uma coisa curiosa. Eu não sabia como começar, mas falei sobre essa ideia de que a igreja é um espaço ensimesmado, que está descontextualizada, não se comunica com o contexto social e político da sua época.

Quando pedi desligamento da igreja, eu não sabia, na verdade, o que pessoas que não frequentavam uma igreja faziam, aonde elas iam, o que conversavam, qual era o assunto delas. Eu me percebi dentro de uma bolha, embora eu criticasse essa bolha. Eu fico pensando que quem não critica deve estar muito mais mergulhado nessa situação do que eu, que fazia todas essas críticas, e, quando saí, me percebi não sabendo o que um não cristão fazia, onde frequentava, o que conversava. Eu nem sabia o que fazer depois que eu pedi desligamento. Foi então que um amigo meu, ateu, me disse que queria entender mais a Bíblia, entender melhor quem era Jesus. Ele fazia algumas críticas, mas elas não eram tão fundamentadas, porque ele não conhecia o texto bíblico e tudo mais. Perguntou se a gente podia fazer um estudo bíblico. Pensei: “então, beleza, vamos fazer.” Começamos a fazer um estudo bíblico. Depois de um tempo, um amigo de Belo Horizonte me ligou dizendo que alguém de lá viria morar em Porto Alegre, e perguntou se eu poderia acolher essa pessoa, apresentar a cidade e tudo mais, e falou que ele era cristão também. Ele só não tinha me dito que a pessoa

era um punk todo tatuado. Quando ele chegou aqui, disse que queria conhecer uma igreja, pediu algumas indicações, eu fiquei meio sem saber onde indicar, porque o pessoal aqui é meio conservador, então cheguei a indicar para ele a Bola de Neve, que costuma ser uma igreja com um pessoal um pouco mais tatuado. Eu acho que existe cota de tatuagem (risos), porque ele também não foi aceito lá, tinha tatuagem demais, acho que tem um limite (risos). E, daí, como ele não foi aceito nesses espaços também, perguntou se eu não podia fazer um estudo bíblico com ele.

Então, nós começamos uma comunidade em 2015, desta forma: um teólogo, um ateu e um punk, parece até anedota. Quando eu começo a contar essa história, sempre parece piada: o que um ateu, um punk e um teólogo estão fazendo na mesa de um bar, na Cidade Baixa de Porto Alegre? Aos poucos, outras pessoas foram se chegando. Eram pessoas que ficaram sabendo, e eram pessoas que já tinham se desligado das suas igrejas em outras épocas, inclusive antes de mim, pessoas de outras religiões, pessoas oriundas da Igreja Católica, Assembleia de Deus, anglicana, luterana, batistas... Hoje o grupo reúne gente de tudo que é denominação. Nós começamos essa igreja em 2015, fazendo esses estudos bíblicos em bares, espaços públicos da cidade, debaixo de um viaduto da Zona Norte, viaduto Birici. E nesse mesmo ano, resolvemos nos organizar institucionalmente, mas tínhamos uma resistência de nos organizarmos como igreja. Nós só decidimos nos organizar institucionalmente porque a gente queria desenvolver trabalhos, projetos sociais de educação, de formação, e dificultava não ter um CNPJ. Então, nos organizamos como uma instituição de educação e assistência social. Nossa igreja é

uma ONG de educação e assistência social, e com ela a gente conseguiu desenvolver vários projetos, inclusive letramento religioso, com a ideia de combater os discursos fundamentalistas religiosos. Então, nós tivemos um projeto de extensão, por exemplo, no Instituto Federal de Porto Alegre, desenvolvido durante um ano, e atuamos também com escolas da rede pública municipal e estadual.

Justamente pelo caráter do projeto e pelas pessoas que por meio dele se reúnem em comunidade, é possível dizer que são pessoas excluídas das suas igrejas de origem por conta dos questionamentos que faziam, geralmente de cunho político. São feministas, socialistas, comunistas, pessoas que se identificam como de esquerda, anarquistas... São pessoas que questionam o sistema religioso e político, o sistema econômico... Como elas não se adequam ao discurso hegemônico da igreja, que costuma ser conservador, essas pessoas acabam sendo excluídas, marginalizadas. Então, a nossa igreja está na margem do cristianismo. Entendo que existem outros movimentos e igrejas que se identificam como “alternativas” porque se reúnem em bares, se reúnem em outros espaços públicos..., mas essencialmente o discurso delas é o mesmo, é excludente, não aceita pessoas LGBTQIA+, têm a mesma ideia de que a mulher deve ser submissa etc. Muda um pouco a roupagem, mas o discurso não muda. A nossa igreja tem o diferencial de promover, além dos estudos bíblicos, dos momentos de oração e de meditação, debates em diversas áreas. Temos um grupo de gêneros e sexualidades, um grupo que debate racismo, um grupo que debate temas ecológicos, abordando a forma como o governo tem lidado com as questões ambientais. E nós já promovemos debates sobre

demarcação de territórios indígenas, por exemplo. São debates que a nossa igreja faz e que consideramos muito natural.

CV - Agora gostaríamos de ouvir mais sobre a criação do Cristãos Contra o Fascismo: seu contexto de formação, concepção e objetivos.

TS - O grupo surge em 2018, no momento das eleições. Eu percebi que as pessoas da nossa igreja, da nossa comunidade, nessa época, já estavam num desgaste mental muito forte, que vinha desde lá da época do *impeachment* da Dilma [Rousseff]. Aquilo afetou pessoalmente muitos de nós, de um jeito muito forte. Talvez por razões associadas à identidade política-ideológica, perceber tudo que vinha acontecendo no país, os desmontes, foi difícil para alguns que trabalham como assistentes sociais, ou na área da saúde, ou são professores, estudantes... todos foram sendo afetados diretamente pelo *impeachment* e pelos desmontes que foram se seguindo. Quando começou esse movimento de apoio ao [Jair] Bolsonaro, e essa tensão, e a multiplicação desse discurso cristofascista, que tem uma estética religiosa muito forte, caminhando ao lado de apelos armamentistas, violentos e antidemocráticos, eu vi que nosso grupo não tinha mais força para esboçar uma resistência, um contraponto, havia todo um desgaste emocional e psicológico anterior. Mas então veio o movimento do #EleNão, e eu estimei o grupo a participar, mas o pessoal estava meio sem energia. Então, o que eu fiz foi me convencer de que iria fazer do jeito que desse, do jeito que cada um conseguisse fazer sozinho. E lancei, no Facebook, um evento chamado “Cristãos Contra o Fascismo”, convocando para ato do #EleNão, aqui de Porto Alegre. Aquele era um ato que não era organizado por cristãos, era organizado por movimentos de mulheres. Logo

teve uma adesão muito forte, que a gente não imaginava, não esperava, e que chegou a ter certa repercussão dentro dos movimentos.

Acho que ali havia uma ideia no senso comum, e que está se desconstruindo aos poucos, de que todo cristão apoiava aquele discurso do Bolsonaro. E quando as pessoas percebem que não é assim, que esse discurso não é hegemônico, que os cristãos não são um bloco monolítico, que existem essas diferenças de discurso e de interpretação, isso surpreende um pouco. Talvez por isso, a iniciativa ganhou certo destaque que a gente não esperava. O que para nós era natural - a gente já sabia que os cristãos não pensam igual, até porque nossas experiências provam isso -, ficou evidente que, para um público mais geral, era novidade.

As mulheres do movimento do #EleNão entraram em contato para a gente ajudar a construir o movimento, nos convidaram para uma reunião e quiseram saber como a gente poderia participar. E dessa forma acho que o pessoal da nossa igreja se animou um pouco, as mulheres da nossa igreja se animaram, a gente foi à reunião e participou do primeiro ato do #EleNão aqui de Porto Alegre, e ajudamos a construir os outros que vieram depois. Para nossa surpresa, pessoas de outras cidades, do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Salvador, de Ilhéus, viram o nosso evento, copiaram a nossa arte e fizeram também um evento dos Cristãos Contra o Fascismo na sua cidade. Então, foi uma coisa muito orgânica, não foi algo que a gente combinou. A gente não entrou em contato com ninguém, as pessoas foram utilizando as nossas artes e fazendo o evento na sua cidade, convocando também para manifestações locais do #EleNão. Depois a gente foi entrando em contato com essas pessoas, e fomos

nos reunindo de forma muito natural. Esse movimento foi ganhando corpo, formando suas lideranças nos estados e se desenhando. A partir daí, a gente criou uma página e um grupo no *Facebook*, no *WhatsApp*... Logo no primeiro ato do #EleNão, saiu um vídeo do Cristãos Contra o Fascismo na Mídia Ninja. E, daí, eu acho que deu um *boom*. Eu digo que esse movimento surge num impulso, da nossa necessidade de mostrar para as pessoas que aquele discurso do Bolsonaro não era hegemônico [entre as comunidades religiosas].

Muita gente que nos escreve dizendo: “ah, eu achava que era o único, eu achava que só eu pensava assim.” E essa também é uma experiência nossa enquanto igreja, logo que a gente começou a nossa igreja, tínhamos um pouco esse sentimento. “Mas será que estou errado, porque todo mundo diz que Jesus é esse cara conservador, de arma na mão e que não gosta de ‘viado’... Será que só eu penso diferente, será que só eu leio a Bíblia e vejo um Jesus diferente?” Em algum momento, a gente se questiona se não é a gente mesmo que está errado, se não tem algo errado com a gente. E eu acho que as pessoas perceberam que não, que existem outros cristãos que pensam assim. Com isso, as pessoas ganham um referencial, reanimam sua própria fé. Pessoas que já estavam abandonando sua fé, porque achavam que era incompatível pensar daquela forma e continuar sendo cristão, perceberam que não, que a justiça social e essa boa-nova do evangelho de Jesus Cristo não estão dissociadas, não são coisas diferentes.

Nós tivemos muitos relatos de pessoas, na época da eleição do Bolsonaro, que foram expulsas das suas igrejas. Casos em que a pessoa não apoiava o Bolsonaro e o pastor, a liderança, pedia para que elas

saissem, porque elas supostamente não eram cristãs. Isso porque Bolsonaro foi apresentado como representante dos valores cristãos, as pessoas se sentiram obrigadas, no fundo, a apoiar aquele discurso, ainda que, em algum momento, elas não concordassem. Algumas pessoas foram empurradas para isso. Apoiar o candidato que representa os valores cristãos ou, então, “estar sendo contra Cristo”. Quem esboçava uma reação contrária era banido pela comunidade. Se a pessoa exercia alguma função de liderança, era removida, porque começava a representar uma ameaça, de certa forma, para a própria igreja. “Aquela pessoa ali, exercendo influência, liderando outras, e não pensando como a gente.”

Um amigo nosso, que era pastor de uma Igreja Batista em Guaíba, cidade vizinha de Porto Alegre, foi excluído da sua igreja, foi pedida a exclusão dele, e ele era o pastor da igreja. Só que ele sempre teve afinidade com o PT, sempre foi de esquerda, nunca escondeu isso. Naquela ocasião, então, a igreja pediu o desligamento dele, justamente por isso, porque “era comunista...”, enfim, aquele discurso todo. E quando o Cristãos Contra o Fascismo atingiu essa dimensão nacional, percebemos que essa era uma realidade em outros lugares, várias pessoas nos relataram que foram expulsas das suas comunidades, ou que não sentiram mais à vontade, porque o próprio pastor ou padre, ou outras lideranças, falavam no sermão que quem não apoiasse o Bolsonaro não era cristão. Então, houve uma pressão religiosa muito forte por parte das lideranças. Essas pessoas não se sentiram mais à vontade de estar naquele ambiente e saíram, mas também não sabiam para onde ir.

CV – Você poderia nos contar sobre o Movimento Liberta e as dimensões de luta por reconhecimento e

inclusão que estão envolvidas no pertencimento ao grupo?

TS - Nas comunidades se constroem vínculos emocionais e afetivos. Então, se desligar dessas comunidades é como ter se desligado da família, ser expulso da família. Por isso, as pessoas chegavam até a gente, para o nosso grupo Cristãos Contra o Fascismo, com uma crise muito forte em relação a isso. E a gente se sentiu um pouco responsabilizado, já que estava promovendo esse movimento e questionando esse discurso, dizendo que era possível ser cristão e não apoiar o Bolsonaro, e as pessoas estavam aderindo, e, ao aderir a esse discurso, elas estavam sendo expulsas das suas comunidades. Nós nos sentíamos um pouco responsabilizados em relação a isso, e começamos um outro movimento, que se articula dentro do Cristãos Contra o Fascismo, chamado Liberta, que é a ideia de igrejas libertárias.

Nós começamos a esboçar um projeto de igreja. Para além de esboçar um movimento político, que é o Cristãos Contra o Fascismo, que tem como característica atuação política; nós começamos a pensar em alternativas de comunidades de fé. Nossa atuação nem sempre foi partidária. No início do movimento, não pensamos na questão partidária, mas a gente sabia que era um movimento político. Mas veio essa outra preocupação: “E agora, onde essas pessoas congregam? Onde essas pessoas exercem a sua fé, se foram expulsas das suas igrejas?” Então, a partir daquela experiência que tivemos em nossa comunidade de fé em Porto Alegre, que eu mencionei no início, montamos uma cartilha com a ideia de auxiliar a criação de comunidades semelhantes em outros lugares do país. E, de fato, um grupo se organizou em Curitiba.

Nós temos uma comunidade Liberta, uma comunidade forte,

grande, liderada por um pastor batista, que era professor do Seminário Batista do Paraná, e foi expulso da sua igreja justamente por não apoiar o Bolsonaro. Ele também ficou sem igreja, sem comunidade de fé e, quando ele viu esse movimento do Liberta, se organizou com outros irmãos que também haviam sido expulsos ou se afastado de suas igrejas, e começou uma igreja lá. Também há um grupo em Osasco, outro em São Paulo, outro em Ilhéus, e, no início de 2020, estávamos começando a formar um grupo em Salvador e no Rio de Janeiro, mas a pandemia dificultou um pouco essa articulação.

CV - Tiago, você está dizendo que o movimento Liberta tem a pretensão de reunir e acolher pessoas que já não se sentem mais vinculadas às suas comunidades de origem, mas ao falar em comunidade você estabelece uma diferença em relação à igreja, à institucionalidade? Como é isso?

TS - A gente entende que a instituição não é necessariamente o CNPJ. Quando a gente decide que todo sábado, às 10h da manhã, vai se encontrar em tal lugar, já institucionalizou. Então... a gente não tem a pretensão de fugir dessa ideia de institucionalidade porque a gente sabe que, quando a gente organizou um dia, um horário e um local para se reunir, já está institucionalizado, de alguma forma... A nossa ideia é apresentar um contraponto, uma alternativa, outra perspectiva bíblica que seja mais humana, que seja libertária. Nos textos bíblicos, nós temos uma teológica diferente. As figuras femininas da Bíblia, que são várias, geralmente são invisibilizadas. Ou, os estudos bíblicos são apresentados de uma forma que não questiona o *status quo*... A passagem bíblica, por exemplo, do Antigo Testamento, em que uma das mulheres é estuprada

pelo seu irmão. Normalmente, quando esse texto bíblico é lido nas igrejas, não se fala de estupro, não se fala de violência contra mulher, não se fala de “n” questões, que estão ali expostas e que não são abordadas na igreja. Não se fala de machismo, não se fala de uma série de coisas. Então, aqui, a gente tenta abordar aspectos, políticos também, sociais, econômicos, porque a gente lembra os próprios discursos de Jesus contra o acúmulo de capital, contra aqueles que desprezam os mais pobres... Tem todo um discurso econômico aqui também, que é invisibilizado nos espaços religiosos convencionais. A igreja forma politicamente pessoas conservadoras, pessoas reacionárias. A gente não ignora nossa responsabilidade política, inclusive, em nossas reuniões eclesiais – digamos assim. Então por isso que esse movimento, o Liberta, se articula junto com os Cristãos Contra o Fascismo. Quem faz parte dessas nossas igrejas do Liberta se sente parte do movimento do Cristãos Contra o Fascismo também. Embora não necessariamente, porque algumas pessoas querem só ter um momento de oração, não querem fazer uma disputa política. Então, a gente tem um espaço reservado para essa pessoa, que só quer ter ali o seu momento de oração, que é o encontro do Liberta, e nele não precisa se articular nas ruas politicamente, assim como a gente faz de forma mais intensiva no movimento dos Cristãos Contra o Fascismo.

CV – E quanto à sua candidatura? Como surgiu a ideia da sua candidatura e das outras apoiadas pelo Cristãos Contra o Fascismo?

TS – A ideia surge quando Bolsonaro ganha as eleições de 2018, embora a gente já entendesse que o Cristãos Contra o Fascismo deveria existir para além das eleições e ser permanente, porque o discurso

fascista, conservador, reacionário não começa com Bolsonaro, e a gente entende que não vai terminar com Bolsonaro. É um discurso que está arraigado na nossa sociedade, vem de muito tempo. A gente tem pessoas saudosistas da ditadura há muito tempo, e depois de Bolsonaro, essas pessoas vão achar um outro messias, uma outra figura para seguir. Por isso a gente entende que esse movimento tem que ser um permanente. Só que, quando o Bolsonaro ganha as eleições, a gente passa a ter uma outra compreensão que é a seguinte: não adianta somente sairmos às ruas, denunciar as injustiças que estão acontecendo, denunciar a retirada de direitos e o uso do nome de Deus para isso, e o movimento contraditório que Bolsonaro faz quando se diz discípulo de Jesus, que foi um homem preso, torturado e morto pelo Estado, e, ao mesmo tempo, diz que tem como livro de cabeceira a biografia de um torturador... A gente faz a denúncia dessas contradições, mas a gente entende que não basta só fazer essas denúncias, sair na rua, gritar “Ele não!”, porque a gente gritou, que não ia ter *impeachment*, e teve, a gente gritou “Fora Temer”, e ele ficou. A gente disse “Ele não” e foi ele, sim. Então, a gente entende que também precisa ocupar esses espaços onde se pensam as leis, onde se constrói a política de fato. Por isso, a gente decidiu que era o momento de a gente disputar esses espaços, assim como outros religiosos fazem, mas de uma perspectiva conservadora, reacionária. A bancada religiosa, a Igreja Universal se organizando como partido, com o Republicanos, existe toda uma instrumentalização da igreja na política, e a gente achou que é necessário apresentar um contraponto.

Claro que era ideal disputar a política, não o movimento do Cristãos Contra o Fascismo, mas o

Brasil como um todo, apresentando projetos, ideias. E não porque um é cristão, um muçulmano, espírita, batuqueiro. Mas como a ala conservadora da igreja se organizou dessa forma, entendemos que eles não podem discursar sozinhos, se apresentando como cristãos, sem que exista um contraponto porque a sociedade acaba absorvendo a ideia de que quem é cristão pensa daquele jeito. Eles aparecem nos púlpitos do Congresso, nas câmaras municipais, aparecem na televisão porque eles também são donos dos canais de TV, não é? Então, eu entendo que a impressão que a sociedade tem, de forma geral, é que quem não é cristão daquela forma não é um cristão, é menos cristão ou não é um cristão de verdade, que é o discurso que eles tentam “colar” inclusive. Quem não pensa daquela forma não é cristão de verdade, é um falso cristão. Então, a gente entende que precisa ocupar esses espaços e apresentar para a sociedade que existe um outro discurso, existe o contraponto, existe o contraditório, existe outra forma de pensar, ver a fé, exercer a fé.

Começamos a conversar com algumas pessoas, que, como vários de nós, já vinham desde lá do *impeachment* ou desde antes, inclusive, com um pensamento um pouco mais progressista. Alguns de nós já estavam organizados dentro dos partidos políticos. Eu, inclusive, cheguei a participar de algumas campanhas do PT aqui em Porto Alegre, embora não estivesse filiado. Ajudei a organizar algumas campanhas, militei na rua, enfim... Acredito que foi em janeiro ou fevereiro do ano passado que me filiei ao PT, e foi ali, mais ou menos nessa época, que a gente começou a discutir, dentro do movimento do Cristãos Contra o Fascismo, a possibilidade de lançarmos uma bancada. Alguns de nós já estavam pensando em disputar as eleições.

Então, a gente começou a perceber também que era natural que vários de nós já estivessem pensando em se candidatar. E percebo que a gente foi empurrado. Aqui, pelo menos, a gente se sente empurrado, não pela igreja, mas, sim, pela nossa consciência de que não é mais possível que essas pessoas ocupem esses espaços em nome de Deus, em nome da fé, em nome da igreja... A gente se sente empurrado a apresentar esse contraponto. Essas pessoas que estão se apresentando no mandato coletivo são pessoas da nossa igreja. A gente combinou de lançar essa candidatura, mas aconteceu que vários de nós, da nossa igreja, estavam filiados ao PSOL, eu era o único que estava no PT. Então, foi natural a minha transição para o PSOL. No final do ano passado, me filiei ao PSOL e a partir daí a gente começou essa construção junto com o partido.

CV - Quais são os principais temas da sua campanha?

TS - Nós temos a questão da intolerância religiosa como uma pauta central. Em nossos discursos, a gente se apresenta como cristão, e isso causa um choque, primeiramente, dentro do partido. Mas é um estranhamento que passa logo, assim que eles percebem o nosso discurso. Também causa um estranhamento, obviamente, nas igrejas, que se sentem ameaçadas ali. Cito o exemplo do jornal da Igreja Universal, publicaram uma matéria para desmoralizar os cristãos que se identificam como de esquerda. Então, a gente percebe a igreja se sentindo ameaçada. Eu acho que ainda nem tanto, porque me parece que a ofensiva da igreja foi leve. Se foi só uma matéria no jornal, me pareceu leve; o próprio MBL, quando a gente lançou a nossa candidatura aqui em Porto Alegre, publicou uma matéria no jornal deles, *MBL News*, também questionando: “como assim

cristãos de esquerda?” Mas, talvez, com essas candidaturas ganhando espaço, talvez a ofensiva seja mais forte. Eu acho também que (eles) não estão levando muita fé de que a gente possa ganhar outros espaços, mas a gente espera surpreendê-los.

Em nossa candidatura a um mandato coletivo, temos, além de mim, que sou teólogo — e que por isso estou encabeçando mais essa pauta em torno do tema religioso —, uma professora que faz parte do nosso coletivo e que tem trazido uma abordagem sobre educação. E, por ela ser uma mulher negra, a gente tem abordado também esses temas, questões étnicas, raciais, questões de gênero, sexualidade... O Coletivo nos permite abordar várias pautas, porque nós somos diversos dentro dessa construção. Nós temos também um companheiro que é indígena Kaingang, então, nós temos abordado bastante também a pauta dos povos originários, tanto indígenas quanto quilombolas, a questão dos territórios, da ancestralidade, da cultura indígena. É um tema bem forte de nosso mandato a questão indígena, até porque junto à pauta dos cristãos a gente discursa sozinho. Aqui, a gente não tem uma outra candidatura cristã progressista. Nós temos uma candidatura indígena, que é pela UP Porto Alegre, mas a UP, infelizmente, por ser ainda um partido pequeno, em construção, acaba não tendo tanta visibilidade assim. E o nosso companheiro Marcos, que é Kaingang, acaba protagonizando um pouco mais essa pauta indígena. E nós temos um outro companheiro que trabalha na área da saúde, e a gente tem falado, então, bastante sobre a saúde mental. Ele é psicólogo e técnico em enfermagem, ele tem atuado aqui no combate ao Covid... Então, a gente tem falado bastante sobre a defesa da área da saúde, do SUS, sobre questões relacionadas à saúde mental, e essas são outras

pautas que a gente aborda bastante. São muitas coisas, um mandato coletivo acaba nos oportunizando isso, a gente abordar bastante coisa, outras pautas, porque nós somos diversos.

CV - Como vocês pensam em abordar a questão, por exemplo, étnica, de indígenas e quilombolas, no âmbito da prefeitura? Como fazer uma conexão com o plano municipal?

TS - Existem territórios, na cidade de Porto Alegre, em disputa pelos povos indígenas. A própria prefeitura tem tentado retirar essas comunidades do seu território, por isso existe uma dimensão dessa disputa que é municipal, que é o reconhecimento desse território indígena dentro da cidade de Porto Alegre. A Prefeitura entrou com um recurso para remover uma comunidade do Morro do Osso e ganhou, mas a Justiça determinou que a Prefeitura tinha que achar outro espaço para essa comunidade. A Prefeitura tem feito tentativas recorrentes de tirar essas pessoas do território, então existe uma disputa no âmbito municipal que a gente tem travado. Existem outras questões também, por exemplo, o calendário cultural e os jogos indígenas. Essas políticas de promoção desses jogos e da cultura vêm sendo desmontadas. Há a questão dos espaços onde os indígenas vendem artesanatos. A Prefeitura tenta tirá-los das ruas, que afinal é o espaço que eles têm usado para a venda dos produtos que eles fazem. A disputa passa também por defender esses espaços e talvez pressionar a Prefeitura para criar, então, um espaço de referência para a cultura e o artesanato indígena aqui de Porto Alegre. São essas as disputas que a gente faz no âmbito municipal com essa pauta.

JOÃO LUIZ MOURA - Gostaríamos de saber se existe um diálogo entre o Cristãos Contra o Fascismo e outros coletivos evangélicos de esquerda,

por exemplo, a Bancada Evangélica Popular.

TS - Eu percebo que existe uma diferença. A gente se organizou a partir de lugares diferentes, são dois grupos diferentes. Têm alguma conexão em outros lugares, mas a gente tem uma diferença geracional. Cristãos Contra o Fascismo é de um pessoal muito jovem, muitos dos nossos estão concorrendo às eleições pela primeira vez, eram anônimos até ontem, estavam ali na sua cidade, faziam seu trabalho cristão e não eram conhecidos na mídia. São pessoas que não tinham nenhum protagonismo nas redes sociais, e essa é uma diferença na comparação com a Bancada Evangélica Popular, formada por um pessoal mais da “Velha Guarda”, como o Ariovaldo Ramos. É um pessoal que já tem uma caminhada política, que já é um pouco mais midiático, que já se lançou mais de uma vez em candidaturas, embora tenham jovens também, obviamente. Mas a gente percebe que é um pessoal muito envolvida com essa outra geração que já estava militando politicamente de outras formas. Nesse sentido, nos parece que agora a gente começa a ganhar notoriedade, até ontem, eu era o Tiago, aqui de Porto Alegre, conhecido pelos meus amigos, e o Ariovaldo Ramos era, para mim, inatingível, era uma pessoa que eu admirava e admiro. Então, eu percebo que o movimento Cristãos Contra o Fascismo é construído por pessoas que até ontem eram anônimas e hoje estão ganhando espaços de protagonismo. Já o pessoal da Bancada Evangélica Popular estava se organizando há mais tempo, é mais velho nessa caminhada. Agora que a gente ganha também notoriedade e disputa esses espaços consegue ter oportunidade de participar de reuniões com o Ariovaldo Ramos, por exemplo. Até ontem a gente não podia porque era anônimo, a gente

não era nem conhecido, então, acho que foi por isso que a gente não se encontrou antes.

CV - Sobre as 42 candidaturas que os Cristãos Contra o Fascismo apoia, há um perfil comum entre elas?

TS - Nós temos cerca de 67 candidatas. Eu tenho uma tabela com todos os nomes, os partidos a que essas pessoas estão concorrendo, o cargo a que elas estão concorrendo - porque a gente tem candidato à Prefeitura também -, a cidade e o estado. Só que temos outras candidaturas coletivas, assim como a nossa, então no final das contas, são 42 candidaturas, mas são mais de 60 pessoas concorrendo. O que foi preciso para que essas pessoas fizessem parte dos Cristãos Contra o Fascismo? Como eu falei, o nosso movimento se organizou de forma meio inesperada. Então a gente ainda está aprendendo a se organizar nacionalmente, se estruturando dessa forma. Temos as nossas lideranças em alguns estados que foram trazendo, para o nosso grupo de coordenação, nomes de cristãos que concorrerem às eleições pela esquerda. Pessoas que ficaram sabendo: “ah, dentro do meu partido vai ter tal cristão concorrendo...” ou, “eu fiquei sabendo que tal cristão vai concorrer, já se apresentou ali como pré-candidato”, alguma coisa assim. Então, a gente entrou em contato com essas pessoas, apresentou a proposta da bancada, de usar as nossas redes sociais para fortalecer essas candidaturas e publicizar, impulsionar com mais espaço e visibilidade. Outras pessoas nos procuraram. Já na pré-campanha, a gente divulgava essas pessoas: “olha, nosso pré-candidato da bancada de Cristãos Contra o Fascismo em tal região...” Então, a partir do momento que foram vendo esse movimento surgindo, esses nomes sendo apresentados, algumas pessoas nos procuraram também. Então, a gente

foi se organizando dessa forma: listando quem eram essas pessoas, dando um apoio... A gente tem um grupo só com essas candidaturas no WhatsApp, onde a gente presta alguma orientação também. Às vezes, o partido não está tão organizado naquela cidade. Então, várias dessas candidaturas não tiveram orientação jurídica, não tiveram orientação do que pode e do que não pode fazer na campanha, vários deles estão com dificuldade para impulsionar uma publicação no Facebook, nas redes sociais. A gente vem dando esse suporte, essa orientação, de como se conduz a candidatura, e usamos a nossa plataforma, as nossas redes sociais para dar visibilidade a essas candidaturas. E, assim, a gente está se organizando...

CV - Quais são os apoios que vocês têm nas eleições e como eles se apresentam na mídia?

TS - Um dos apoios, que não só é para a nossa candidatura, mas para o movimento Cristãos Contra o Fascismo em geral, é de outro movimento (bem grande) chamado Advogados Antifascistas. Esse grupo também presta apoio jurídico para o movimento Cristãos Contra o Fascismo, porque, na nossa caminhada, a gente chegou a entrar com recursos no Ministério Público, por exemplo, contra o Valdomiro Santiago, que lançou aquele “feijão mágico” que curava o coronavírus. A gente entrou com outros recursos em outros momentos, como contra a Sara Winter, quando ela divulgou todos os dados daquela menina menor de idade nas redes sociais... A gente entrou com recurso em nome do Movimento e a gente teve o auxílio e o apoio desse grupo de advogados. Então, esse é um apoio que a gente tem também a nossa candidatura. Nós temos, dentro do nosso movimento, pessoas que têm uma visibilidade nacional, por exemplo, a reverenda Alexya Salvador, o pastor Henrique

Vieira. São pessoas que fazem parte do nosso movimento e lançaram o seu apoio, gravaram vídeos de apoio para nós e comentam sobre a gente nas redes sociais, indicam para quem comenta nas redes sociais, “em quem eu posso votar aqui em Porto Alegre?”. A gente acaba sendo indicado e assim vai. Nós temos outras figuras, como a Célia Xakriabá e a Sônia Guajajara, que são duas lideranças indígenas muito importantes, e que estão apoiando a nossa candidatura também, estão apoiando o nosso companheiro, o Marcos Kaingang. A luta indígena que a gente acolhe dentro do nosso mandato coletivo nos proporcionou o apoio dessas outras pessoas, e a gente tem recebido um apoio bem forte do partido. A gente tem percebido que em outros lugares as pessoas não têm recebido um apoio tão forte do partido, mas não por fazerem parte do nosso movimento, não.

CV - É importante o que você mencionou sobre a estrutura partidária e sobre o apoio dos Advogados Contra o Fascismo. Vocês estão conseguindo ajudar candidaturas que não contam com tanta estrutura?

TS - Sim, foi esse suporte que a gente ofereceu para essas candidaturas que eu mencionei. Ele acontece, na verdade, por duas razões: uma porque a gente tem o apoio desses advogados e que acabam nos dando algumas orientações do que que pode, do que que não pode, de como é que tem que fazer... enfim, a gente acaba tendo um suporte dessas pessoas. A outra [razão] foi porque o PSOL de Porto Alegre, embora seja um partido pequeno, é pesado. Então, antes das eleições, a gente recebeu do partido uma série de orientações sobre como fazer prestação de contas, como fazer impulsionamento nas redes sociais, a gente fez uma série de reuniões...

E essas informações a gente tem passado adiante. Da mesma forma, candidaturas de outros lugares, por exemplo, o PDT, em São Paulo, que também ofereceu certa formação para o pessoal, com o material em PDF e tudo mais. O pessoal também foi fornecendo, nesse grupo, materiais que os seus partidos ofereciam, dividindo conhecimento. Isso acabou beneficiando as outras candidaturas que se organizam em outros partidos. Foi uma troca de informações bem bonita. Acho que a gente conseguiu fazer, inclusive, algo que os partidos de esquerda não conseguiram, que foi esboçar uma ideia de frente ampla, porque dentro do nosso movimento, nós temos PT, PSOL, PC do B, PDT, Rede... Então, a gente tem vários grupos, do campo de esquerda, o que a própria esquerda não conseguiu.

CV - Tiago, gostaríamos de te ouvir sobre o que você considera ser progressista, ser um progressista evangélico.

TS - Eu considero redundante. Acho que quando a gente fala cristão ou evangélico, enfim, um seguidor de Jesus, e a gente precisa se dizer progressista, me parece redundante, mas, ao mesmo tempo, é necessário. Porque a mensagem de Jesus Cristo, é progressista, no sentido de ser um contraponto ao conservador, contrário ao *status quo*, à tradição. E essa mensagem abre possibilidades de se repensar a sociedade, de se repensar estruturas que são postas. O próprio Jesus quebrou esses paradigmas e essas tradições em sua época. E o convite é que a gente continue fazendo o mesmo, se atualizando. Então, para mim, ser progressista é estar em constante atualização, em constante reforma, se aproximando da Reforma Protestante. Um protestante deve estar em constante reforma. A gente não pode ficar preso à tradição, preso ao passado, a gente precisa

se atualizar, se reformar, e ser sensível às mudanças da sociedade. Então, é nesse sentido que eu me considero progressista. Mas, daí, de novo, destaco que me parece sempre redundante ter que dizer os dois, como se dizer cristão e feminista, como ser cristão e a favor dos Direitos Humanos... Sempre me pareceu muito redundante, mas que hoje é necessário, porque a gente sabe que existe quem se diga cristão e não defende nada disso. Então, é uma questão narrativa importante.

JLM - Considerando a sua experiência, acompanhando grupos no âmbito do movimento Cristãos Contra o Fascismo em todo o país, como fica o vínculo institucional das pessoas que aderem ao movimento?

TS - Nós já chegamos a fazer uma pesquisa interna no nosso movimento e percebemos que somos formados por uma maioria de católicos. São católicos que frequentam as suas comunidades de fé, que frequentam as suas igrejas. Nós temos muitos religiosos ali: padres, muitos padres, muitos franciscanos, muitas freiras, muitos religiosos também, não só leigos. Temos, no grupo, muitos pastores também, pessoas de diversas denominações. Nós temos pastores da Assembleia de Deus, batistas, adventistas, luteranos, lideranças da igreja anglicana que fazem parte do movimento. Então, temos muitos líderes de igrejas, não são só pessoas leigas, e eu acho que esse é um dado importante também. Esses líderes enfrentam dificuldades também, às vezes a gente vê a lógica invertida. Se em outros espaços é o líder que é conservador e impõe isso para a sua comunidade, nós temos cenários em que a sua comunidade é conservadora e o líder não é. O nosso representante na Paraíba, por exemplo, é esse caso. Ele é pastor de uma igreja evangélica lá e é um cara bem progressista, mas sua igreja é conservadora. Então, ele enfrenta

certas dificuldades, e é ele quem coordena o movimento dos Cristãos Contra o Fascismo na Paraíba. E, daí, nós temos as igrejas católicas, onde não tem muito uma contradição. Embora tenha o movimento da Renovação Carismática, que é mais conservador, e então, membros deles, a gente não tem. Cheguei a ver uma ou outra pessoa no grupo dizendo que era carismático, mas são só gotinhas ali no meio do movimento todo. Mas os católicos, em geral, são pessoas ligadas à Teologia da Libertação, à Pastoral da Juventude, Pastoral da Terra e outras pastorais que já fazem esse debate. Dos batistas, nós temos pessoas da Convenção Batista Brasileira – são pouquíssimos. Tem algumas pessoas da Aliança de Batistas, que é um pessoal mais progressista, é um movimento batista um pouco mais à esquerda. Eu acredito que são a maioria, mas a gente nunca fez uma pesquisa nesse sentido para saber onde as denominações estão ligadas, a quais convenções. Talvez, seja interessante fazer.

CV – Agora, gostaríamos de saber sua idade e o número aproximado de integrantes do Cristãos Contra o Fascismo.

TS – Certo. Eu tenho 33 anos. Hoje, é um pouco difícil contabilizar quantas pessoas fazem parte do movimento do Cristãos Contra o Fascismo. Se a gente for pegar, por exemplo, os nossos grupos... nós temos grupos de Facebook, WhatsApp, de cidades, nós temos grupos segmentados por estados, por cidades, páginas de Instagram, enfim... A gente já calculou que, somados todos eles, tem 40 mil pessoas, que é o que a

gente tem falado também para as candidaturas, e é o que a gente tem apresentado como o nosso público para essas candidaturas. A gente fez um levantamento de que conseguiria alcançar 40 mil pessoas com essa publicidade das candidaturas nas nossas redes sociais. Digamos, assim, que os outros núcleos desse movimento, como de liderança e coordenações locais, a gente consegue dizer quantos são mais ou menos. Mas, como eu falei, a origem do movimento foi muito orgânica, quando a gente viu, tinha gente se apresentando como parte do Cristãos Contra o Fascismo em outras cidades que a gente não conhecia... E ainda hoje a gente vê isso acontecer. Volta e meia a gente faz alguma pesquisa on-line, e encontra, sei lá, Cristãos Contra o Fascismo de Itapeverica. Que a gente nunca ouviu falar, mas tem um grupo se reunindo. Então, o crescimento desse movimento continua sendo muito orgânico, e a gente perde o controle de quantas pessoas são, de onde são, porque, cada vez que a gente faz uma pesquisa, encontra um grupo novo e gente se organizando de forma autônoma. O que, para nós, é muito importante, a gente sempre quis que fosse assim.

CV – Tiago, em nome de todo o grupo de pesquisa, agradeço a sua disponibilidade. Foi bom demais escutá-lo. Muito sucesso na campanha e em suas outras atividades políticas e religiosas.

TS – Ah, que ótimo, que bom poder contribuir com a pesquisa de vocês e conhecer vocês também.

ENTREVISTA COM PLURAL

CANDIDATURA COLETIVA, BELO HORIZONTE - MG

Por Christina Vital,²⁷ Wallace Cabral Ribeiro,²⁸ João Luiz Moura,²⁹
Gabrielle Herculano,³⁰ Rafaela Marques³¹

²⁷ Professora Associada do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia, coordenadora do LePar - Laboratório de Estudos Socioantropológicos em Política, Arte e Religião, na Universidade Federal Fluminense.

²⁸ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), mestre e bacharel em Sociologia pela mesma instituição, membro do e do Núcleo de Estudos Friedrich Engels (Nefe).

²⁹ Mestre em Ciências da Religião, pesquisador visitante no Instituto de Estudos da Religião (Iser), membro do grupo de pesquisa Estado e Direito no Pensamento Social Brasileiro sob coordenação do professor doutor Silvio Almeida (Mackenzie). Membro do grupo de pesquisa A Crítica do Direito e a Subjetividade Jurídica, sob coordenação do professor doutor Alysson Mascaro (USP).

³⁰ Assistente Social, mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da PPGS-UFF e membra do LePar.

³¹ Jornalista, Mestre em Cultura e

O número de candidaturas coletivas e compartilhadas para as Câmaras Municipais se multiplicou nas eleições 2020 no Brasil. Nesses casos, o vereador ou vereadora eleito ou eleita compartilha as decisões de seu mandato com um grupo de pessoas delimitado. Esse modelo não é previsto em lei, e seu exercício depende de acordos informais entre seus integrantes, em alguns casos, mediados pelos partidos. Um levantamento do Centro de Política e Economia do Setor Público (Cepesp) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), feito com base em dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), mostra esse crescimento.³²

Em 2012, foram feitos 3 registros de candidaturas coletivas no TSE. Em 2016, esse número passa a 13 registros, saltando para 257 nas eleições de 2020 em todo o país. Segundo o cientista político Guilherme Russo, autor do estudo, 26 partidos tinham alguma candidatura coletiva concorrendo nas eleições. O Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e o Partido dos Trabalhadores (PT) foram os partidos com mais registros coletivos, 99 e 51, respectivamente. Apesar de essas candidaturas estarem majoritariamente em partidos de esquerda e centro-esquerda (total de 211), tiveram presença também em partidos de direita. Na Pesquisa Esquerda evangélica nas eleições 2020 - Iser e Fundação Heinrich Böll, realizamos uma entrevista com o Plural, candidatura coletiva concorrendo a uma vaga na Câmara Municipal de Belo Horizonte (MG) pelo partido Unidade Popular pelo Socialismo com o número 80.123. Esse coletivo era formado por quatro pessoas que se autodeclaravam evangélicas. O registro estava em nome de Jonatas Arêdes (35 anos) que se apresentou nesta entrevista como nas redes sociais durante a campanha como homossexual, evangélico - da 2ª Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte - e pequeno produtor rural. O grupo contava ainda com Fillipe Gibran (32 anos), amigo formado entre atuação na igreja e no movimento social. Fillipe se apresenta como pastor, advogado e integrante da Comunidade Evangélica Unidade em Cristo. Aos dois se somaram Djenane Vera (47 anos), professora de artes plásticas na rede pública de ensino, ceramista e frequenta a Igreja Cristã Maranata, e KeniaVertello (28 anos), estudante de pedagogia e membro da Igreja Batista Connect.

Durante nossa conversa, realizada remotamente em setembro de 2020, as experiências políticas eram compassadas por sentimentos, percepções e experiências religiosas. Desse modo, a formação da sexualidade, o reconhecimento da negritude e o incentivo à ação política ocorre, de alguma forma, através do pertencimento religioso. A intervenção no mundo por meio da atuação de movimentos sociais, da educação, da política partidária era vista como uma oportunidade de realizar a "obra de Deus na terra" animados por uma "fé viva" que põe em contato, irremediavelmente, religião e política.

Christina Vital - Em primeiro aceitarem estar aqui conosco em lugar, gostaríamos de agradecer por plena campanha eleitoral. Dito isso,

queríamos ouvir cada um de vocês sobre suas trajetórias tanto na igreja quanto na política.

Djenane Vera - Sou professora, e trabalho há 17 anos no município. Dou aula de artes. E agora sou candidata à covereança junto com Gibran, sou mulher preta e evangélica. Eu já tenho uma trajetória, não é uma grande trajetória, mas desde 2013 estou nas ruas. Participo do Fórum Político Inter-religioso que acontece aqui em BH. Já participei da LBS e acompanho a Frente dos Evangélicos pelo Estado de Direito, [com] a qual me identifico e admiro muito. E esses anos todos estive nas ruas defendendo a democracia. Como evangélica, nasci na Igreja Assembleia de Deus, e minha trajetória toda foi evangélica, e agora frequento a Igreja Cristã Maranata. Não estou membra, só frequento a igreja.

Kenia Vertello - Meu nome é Kenia Vertello, estudante de Pedagogia, e a minha trajetória política mesmo é em prol da vida dos estudantes, dentro da faculdade e sou evangélica também, desde o berço, há muitos anos, da minha avó e todos da igreja local do bairro mesmo. Estava começando agora na política com Gibran e Jonatas nessa construção e estou participando desse curso da Frente Evangélica. Está sendo um diálogo muito bom, uma construção também de vida, de caráter, está influenciando muito positivamente.

Fillipe Gibran - Sou Fillipe Gibran, e assim como os colegas também estou imerso nesse ambiente de igreja desde que nasci, então, não tenho outro horizonte, senão esse horizonte da igreja evangélica, é só que eu acho que é uma marcação muito comum para nós. A gente vai se descobrindo militante a partir do momento em que a gente discorda do processo da igreja, então a igreja foi me mostrando uma série de coisas que eu não gostava, que eu não concordava, que eu não achava justo.

O ambiente da igreja ficou hostil demais para mim, e eu descobri que existia um universo para além da igreja, e aí a gente é catapultado para a militância. Estou fazendo parte da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, desse grupo de Cristãos Contra o Fascismo, movimento social.

Eu faço parte do MLD - o Movimento de Luta por Moradias aqui na cidade. Que é um movimento de luta nos bairros, vilas e favelas, que a gente é lido com os moradores de ocupação e as pessoas sem teto, e vamos na luta assim.

Institucionalmente, nunca tinha pensado na política partidária, então, minha primeira filiação partidária é agora, junto com esses companheiros, nesse partido, que é novo, não é o Partido Novo, graças a Deus, mas é um novo partido que se formou em dezembro, que chama Unidade Popular [Unidade Popular Pelo Socialismo]. Essa nossa construção é nova para a gente em todos os aspectos. Um partido novo, com essa formação coletiva, para nós que somos povo de igreja, então, a gente também não tem essa experiência... tirando o Jonatas, que vai se apresentar, que tem uma participação maior no partido, a gente também não tinha essa formação toda partidária, são descobertas, e a gente vai cortando o dedo. É basicamente isso.

Jonatas Arêdes - Eu Sou Jonatas Arêdes, tenho 34 anos; assim como os três que me antecederam, também nasci numa família de fé evangélica e toda minha trajetória está relacionada com o meu entendimento da fé, da religião, e apesar de não ter estado o tempo todo dentro de uma instituição, sou protestante no sentido mais literal da palavra. Então, desde sempre, tive confrontos com as estruturas eclesiais, por enxergar as coisas de forma diferente, do que era posto. Para “melhorar a situação”, sou gay e aí eu começo a ser interpelado por essas duas identidades, ser gay e ser

Territorialidades pela UFF, pós-graduanda em Jornalismo Investigativo pelo Instituto de Direito Público (IDP) e membro do LePar, na UFF.

³² <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2020/11/12/candidaturas-coletivas-e-compartilhadas-se-multiplicam-nas-eleicoes-de-2020-mostra-levantamento-da-fgv.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2021.

evangélico, “como é isso?”. E tudo que eu conhecia era dizendo que as duas identidades não podem conviver, então, por causa dessa identidade, por causa também do meu ativismo em prol dos direitos humanos, passo um bom tempo fora da institucionalidade da igreja evangélica.

Recentemente, eu comecei a frequentar a 2ª Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, que é vinculada à Igreja Presbiteriana Unida, e estou caminhado lá já tem dois anos. Eu começo aos 17 anos no movimento estudantil, fico muito pouco tempo e já entro no movimento de juventude partidária. E começo a militar no PT aos 17 anos, de lá, a gente carrega muita história de militância. Já faz alguns anos que eu não sou filiado ao PT, nossa candidatura, inclusive, é pela UP, como Gibran disse. Eu me identifico enquanto pessoa de esquerda e progressista, atuo hoje na Frente de Evangélicos Pelo Estado de Direito desde a sua formação, ali no final de 2016, início de 2017, com foco em atuação em ocupações urbanas... sendo educador popular, a gente oferta cursos de formação política para evangélicos numa perspectiva bíblico-teológica e faço parte de um movimento chamado Evangelix pela Diversidade. É um movimento que busca acolher e afirmar identidade, a comunidade LGBTQIA+ evangélica e em diálogo com as comunidades de fé para que elas reconheçam a diversidade sexual como expressão da multiforme graça de Deus.

CV - Ah, maravilhoso! Muito obrigada. Embora tenhamos um roteiro que nos orienta, gostaria de elucidar alguns pontos que vocês trouxeram. Como é esse curso da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito que vocês mencionaram? Quem de vocês está fazendo?

JA - Eu vou responder porque esse curso foi planejado pela coordenação do núcleo mineiro da Frente. Eu, particularmente, estive

no planejamento dele. Ele está em execução agora, e a gente trata aspectos da nossa cidadania à luz da Bíblia. São encontros semanais, e cada um deles tem uma temática. A gente estuda o que a Bíblia fala sobre direitos, o que a Bíblia fala sobre a cidadania, o que a Bíblia fala do direito ao trabalho digno, direito à educação, direito à saúde, o que a Bíblia fala sobre a dignidade da mulher, o diálogo com outras religiões. Nós quatro estamos fazendo o curso, a gente pensou num formato presencial, o curso foi planejado ano passado para acontecer esse ano, mas a pandemia mudou nosso planejamento, então ele está acontecendo de forma virtual. São 12 encontros.

CV - Vocês são vinculados à Frente de Evangélicos Pelo Estado de Direito (FEED), mas não se interessaram em lançar a candidatura pela Bancada Evangélica Popular (BEP)?

FG - A gente chegou a conversar. Eu conversei com duas pessoas da Bancada Evangélica Popular, mas acabou que as correrias da demanda da candidatura foram muito grandes, a gente não conseguiu entender bem o processo, não conseguiu entender bem como funcionaria, chegamos até a conversar sobre o apoio da Bancada, o que a gente precisaria fazer, mas confesso que o ruído na comunicação foi o fator determinante que deixou a gente mais distante dessa Bancada Popular Evangélica. E acho que, talvez, muito em razão da nossa correria com a pré-candidatura. Mas a proposta da Bancada Popular Evangélica é excelente, uma pena que a gente não conseguiu fechar mesmo.

CV - Como foi a vinculação da candidatura ao partido? Foi a UP que procurou vocês ou foi o contrário?

FG - Então, como Jonatas falou, nosso trabalho é anterior a esse processo eleitoral. Do ponto de vista do campo evangélico, a gente estava trabalhando nas periferias

e nas ocupações com a formação de evangélicos, e nessa situação de fragilidade, coisa que a gente da Frente em Minas resolveu fazer(...) então, a gente estava trabalhando com esse pessoal das ocupações já há algum tempo, o Jonatas mesmo estava falando, a gente tinha umas oficinas com as crianças, a gente das ocupações, nós temos um caminho próximo desses movimentos de ocupação aqui em Belo Horizonte.

Esse movimento se converteu num partido, o MLB [Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas] se tornou um partido: Unidade Popular. Então, a gente estava tudo ali, junto e misturado, agora, nós fomos cooptados, sei lá, cooptado não fomos, fomos procurados por outras legendas, a gente entendeu, inclusive, que tinha que manter a ideia de caminhar com o Unidade Popular, que foi quem abriu os espaços das periferias para gente, que não valia a pena a gente, só no momento eleitoral, partir para outra atividade, outra coisa, só em razão de promessa eleitoral; a gente recebeu umas promessas do PT, do PSOL, do PDT, e a gente entendeu até que esse processo político não representa mais a gente, de não ter construção nenhuma, no último dia para fazer a filiação, os caras te ligam e te prometem metade do mundo.

A gente entendeu que não, que tem de manter com a UP, então, não foi meio que a UP procurou a gente ou a gente procurou a UP, a gente já estava junto. Mas a UP fez uma questão danada de que a gente saísse como uma candidatura evangélica. Depois, vocês podem procurar aí, a grande maioria da UP é gente muito simples, muito humilde mesmo - na convenção do partido, tinha gente molhando o dedo na tinta para assinar. Então, é morador de ocupação é jardineiro, faxineiro, e a maioria esmagadora dessa população ocupante é evangélica. Não são os evangélicos que dialogam conosco,

porque estão todos no movimento neopentecostal, mas é evangélico, então, os movimentos têm uma expectativa de que a gente comece a dialogar com os evangélicos, pode ser que a gente consiga melhorar a nossa conversa com as ocupações,

CV - Como vocês têm abordado a dimensão teológica na campanha do Coletivo Plural? É possível (e desejável) equilibrar as dimensões espiritual, mística e a secular/racional na luta política?

JA - A questão teológica, de fato, a gente carrega em nosso trabalho de base, no nosso trabalho enquanto ativista, enquanto militante na nossa vida... Durante o período de campanha, a gente colocou uma linha bem tênue para que a gente fizesse uma abordagem política sobre esses temas mais variados, por exemplo, quando eu trago a pauta LGBTQIA+, eu não vou fazer um desmonte teológico para falar que a homossexualidade não é pecado durante a campanha. A gente vai falar, vai abordar, vai fazer uma abordagem teológica, porque, inclusive, é um dos slogans da nossa campanha é uma expressão dita por Jesus, "eu vim para que tenham vida abundante". Como a gente vai proporcionar vida abundante por meio da política? A gente colocou essa linha de que durante a campanha a gente não está tratando, não está se aprofundando em questões teológicas. Então, o cristão que vai votar na gente, sabendo que tem um cristão LGBTQIA+ aqui, não me importa, no momento, se ele concorda, se discorda, se a homossexualidade é pecado. Eu quero disputar o fato de ele ser cristão e, enquanto cristão, ele defende uma vida abundante para todas as pessoas.

A gente tem pensado também nessa questão que você fala do emocional, porque a gente tem uma crítica profunda à esquerda em não dar valor aos ganhos emocionais que as pessoas têm diante de uma teologia

que faz com que ela caminhe através dessa relação mística da vida. É porque as pessoas têm ganhos simbólicos, subjetivos, quando ela tem um pastor falando com ela “olha, ter medo é falta de fé, tenta que você vai conseguir”, e a esquerda ignora isso, já a direita sabe usar isso em benefício próprio, sabe aproveitar desses ganhos simbólicos para ganhar eleição, para ter voto. E numa situação em que uma mulher de periferia está com microfone na mão numa igreja falando numa situação que pelo menos aparenta que ela está empoderada, na hora de votar, ela vai votar em quem valoriza isso, esse momento dela. Então, a gente tem uma crítica a isso... Apesar de que a gente tem os nossos conflitos internos também, entre racionalidade e a mística, mas a gente tem críticas à esquerda por não valorizar essa mística que faz parte da vida.

Quando a gente vir o agravamento da fome, da miséria, do desespero, da falta de moradia, da falta de saneamento, a cesta básica com um preço absurdo, a gente sabe que ajuda efetiva é uma prática e racional, mas as pessoas, principalmente na América Latina, têm um movimento forte de recorrer à divindade. A fé faz parte da vida das pessoas, então a nossa campanha colocou essa linha, e a gente tenta fazer uma abordagem mais política, mas também não menosprezando a relação das pessoas com essa coisa transcendental da vida.

É muito diferente quando você entrega um panfleto para uma pessoa numa região onde tem muitas igrejas, por exemplo, e você entrega e fala “posso deixar meu panfleto com você, e ela fala “Deus te abençoe”, sabe? Você vê que há uma expressão da pessoa, a fisionomia da pessoa muda, então, a gente está tentando entender todos esses processos e tentando fazer uma política enquanto campanha ética dentro dessa relação entre racional e mística também.

FG - Tem um detalhe, é impossível a gente falar de teologia dentro da nossa candidatura, a gente tem um presbiteriano, uma Maranata, uma batista mais renovada, mais pentecostal, eu, que sou batista, então é discussão teológica de acabar com a nossa candidatura aqui [risos]. E é uma coisa que vale a pena, porque se a gente compromete a candidatura com questões teológicas, uma vez eleito, vou ter que reproduzir isso, e a nossa pegada é o Estado laico, mas sem a gente fazer uma abordagem teológica.

Já temos uma experiência da Kenia na comunidade dela, de ser perseguida por estar nessa candidatura, é isso que o Jonatas está dizendo, é esse papel do empoderamento que a gente está pensando em trazer que incomoda a igreja.

KV - A nossa candidatura está tomando uma proporção grande, as pessoas estão comentando, devido à divulgação e algumas entrevistas que saíram no jornal, aí começou a tomar uma proporção negativa por ser uma preta, homossexual... Isso soou muito ruim lá, então, essa rejeição está sendo bem intensa dentro da igreja, está sendo muito ruim, eu não tenho muito o que dizer sobre isso (...).

Essa resistência ainda continua, essa rejeição está bem forte de pessoas que eu tinha um diálogo muito bom, tinha um envolvimento até aparentemente agradável. Ainda tenho até receio de retornar, então, eu prefiro ficar aqui, ter esse diálogo, mesmo a distância, aproveitando desses ensinamentos remotos. Então, realmente, a campanha não está às mil maravilhas mesmo, a gente só começando o enfrentamento de luta, de resistência, sabe? Mas vamos ver no que dá, porque ainda não finalizou, mas eu gosto disso porque a gente percebe que o pessoal está, então, falando sobre nós, negativa ou positivamente, a nossa campanha está sendo discutida fora, então, isso é muito positivo.

CV - Todos vocês continuam frequentando as igrejas e não passaram por nenhuma situação de constrangimento mais direto como a Kenia?

FG - Eu também acho que isso tudo tem a ver com a nossa lógica machista das igrejas, porque eu duvido que um homem branco, num partido de direita, estaria sofrendo esse mesmo constrangimento que a Kenia passa. E eu quis ressaltar isso, por quê? A Kenia sofre isso só por estar numa candidatura, em nenhum momento ela foi fazer política dentro da igreja, ela sofre isso por ser quem ela é, ela é alguém que se posicionou sobre estar em uma candidatura de esquerda.

Na minha opinião, tem um recorte de gênero, tem um recorte de cor, na minha opinião, eu duvido muito que um homem branco estaria sofrendo esse constrangimento. Veja como é triste, essa menina está nessa igreja desde sempre e vai dizer que não está se sentindo mais confortável em ir aos cultos, poxa vida.

O nosso processo não é eleitoral, então, se formos eleitos, vai ser maravilhoso, se não for, é maravilhoso. O que a gente quer é dialogar com a nossa cidade, que a gente acha que é extremamente provinciana, que existem outras formas de ser evangélico na cidade. Então, quando a gente recebe coisas como essa, Kenia, a gente percebe que é isso mesmo, o trabalho tem que ser feito, esse tipo de coisa que a Kenia está sofrendo, isso não pode acontecer de forma nenhuma. Então, a gente percebe que tem que caminhar.

DV - Eu já passei por isso em outros lugares, por exemplo, na escola, mas isso que a Kenia está passando, eu já passei e resolvi. Mas esse convite que eu recebi do Jonas, do Gibran foi coerente com a minha espiritualidade, com minha luta. Jesus é inconformado com o que fazem em nome de Deus. Isso eu já tinha, já passei por

isso, Jesus libertador, espiritualidade encarnada, isso é minha causa, um Jesus que tem um compromisso com a justiça e com os mais necessitados.

Independentemente da igreja, vou buscar algo nela, vou buscar um fortalecimento da minha espiritualidade. É oração, mas tem uma luta que é a minha luta, o que, para mim, era o compromisso de Jesus.

CV - Muito bom. Obrigada. Gostaríamos de ouvir vocês sobre o processo de formação da candidatura e sobre a estrutura de campanha que dispõem hoje.

FG - Essa proposta de candidatura veio no ano passado. Mais ou menos em novembro, quando estávamos às vésperas da formação do Partido, que chegou a conversar comigo e falou “nosso Partido vai sair, nós vamos disputar a primeira eleição e a gente queria muito que tivesse candidaturas evangélicas, queria muito que você tivesse nessa candidatura”. Naquele momento, respondi para o Partido que não tinha condição, meu filho tinha acabado de nascer, graças a Deus, estou com um bebezinho aqui de um ano... “não, quero curtir meu filho”, aquela coisa toda.

Quando o Partido, então, se formalizou e foi chegando o prazo para fazer filiação, eles reforçaram a ideia, e eu disse “eu vou me filiar e depois a gente pensa, porque, se for o caso, já estou filiado e tal para não ter prejuízo”. Até nesse momento eu estava decidido a não me candidatar. A candidatura surgiu como uma ideia real para mim quando os outros partidos me ligaram - todos eles no dia 4 de abril, que era o último dia para fazer a filiação, e um dos partidos, inclusive, me ofereceu uma vaga na Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura. Falei “não”, “você não vai ter a vaga, não, é quando for eleito, já começa agora”. Nesse momento eu falei assim “caramba, mano, esse

negócio dos evangélicos é importante, ou a gente sai para dizer que nem todos os evangélicos são canalhas ou os caras...”

Foi quando então fui pensar nesse projeto; de imediato, conversei com Jonatas, conversei com a Rosely, então Jonatas e eu entendemos que seria interessante a gente fazer essa candidatura coletiva, e a gente, desde o início, queria uma candidatura com paridade de gênero, que trabalhasse essa questão da sexualidade, que trabalhasse a questão da negritude. Seria Jonatas, a Bebel (uma menina aqui de Belo Horizonte) e eu, e nós ainda estávamos à procura de uma outra mulher pra fechar essa composição com paridade de gênero e tudo. Mas até então todas as pessoas que a gente conversava não tinham disponibilidade, não queriam se aventurar nesse processo. A dificuldade absurda que foi de encontrar mulheres pretas dentro do ambiente evangélico que estivessem dispostas a fazer essa disputa, o que denuncia para a gente que essas mulheres não estão em espaços de formação, de construção, de fala, estão em espaços de subalternidade, então, a gente fala assim: “não, cara, nós precisamos mudar essa lógica.”

A Bebel, graças a Deus, estava num processo seletivo em uma ONG e acabou conseguindo essa vaga de trabalho, o que a impossibilitava de trabalhar com a gente. Então, assim que estava decolando o projeto, a Bebel rompe, e ficamos Jonatas e eu, e a gente saiu à procura de pessoas que quisessem compor esse projeto nos grupos da Frente de Evangélicos, conversamos com as pessoas uma a uma, e marcamos uma reunião para quem se interessasse. A Djenane estava no grupo e de imediato se interessou, e a Kenia, uma colega que era do grupo da Frente de Evangélicos passou o contato para ela. Nós marcamos a reunião, ela também se interessou e, então,

fizemos essa reunião com a Kenia, virtualmente, falando “ó, a gente tem esse processo, a nossa ideia não é eleitoral, nós queremos potencializar lideranças na cidade, a gente quer disputar a política na cidade, o nosso projeto é ter mais vozes, ampliar o ambiente progressista e... nesse momento, agora, o nosso trabalho se concentra em eleição, mas não estamos nem um pouco a fim de fazer eleição por eleição, nós não estamos interessados em projeto eleitoral, mas em mudar Belo Horizonte”. A gente é utópico, acredita nesse negócio.

E, graças a Deus, Djenane e Kenia toparam a loucura com a gente. E, graças a Deus, porque o que a gente às vezes tenta falar em discurso, o que a gente tenta reproduzir em discurso é o que Djenane e Kenia vivem. E foi, assim, já quase no final de maio, início de junho, eu lembro que, na campanha do Vinicius, lá de São Paulo, me convidaram para conversar sobre campanha e tal... eu lembro que, naquela época, o tanto que eu estava atrasado, campanha do Vinicius [Lima] já estava toda organizada, e nós ainda estávamos formando o quarteto para sair para a campanha.

E, já encerrando, do ponto de vista da estrutura, não é das melhores. Porque estamos num partido que acabou de ser formado e com gente muito humilde, com poucas pessoas, então, isso tudo dificulta um pouco. O primeiro ponto é o Partido ainda não saber ser partido, está aprendendo; segundo ponto é o processo eleitoral, é muita coisa para fazer, e temos poucos braços. E o terceiro ponto é que a maioria das pessoas que estão no nosso Partido tem uma carência desse conteúdo, desse conhecimento. Às vezes, essa carência é até educacional. Por isso, o nosso processo é mais lento, a gente tem menos estrutura, tem menos recursos.

Ontem, entrei no site do TSE, o Pesquisa Cand [<https://>

divulgacandcontas.tse.jus.br/?], que você vê os recursos de cada candidatura etc. Chega a ser absurda a nossa diferença para as outras candidaturas de Belo Horizonte, do ponto de vista de serviços, de dinheiro, é uma loucura, nós não temos nem 10% da pior candidatura de Belo Horizonte. Mas, em compensação, apesar de tudo isso, a gente está muito tranquilo com o processo porque é nisso que a gente acredita. A gente não estava procurando um partido profissional, entende? Com pessoas que estão ali, vivendo... Não, a gente acredita nesse processo do povo pobre, do povo humilde se organizando, colhemos um 1,2 milhões de assinaturas Brasil afora, formando um partido, coisa que o antipresidente não conseguiu, então, na primeira candidatura, tem uma candidatura coletiva, evangélica, com paridade de gênero, discutindo homoafetividade, discutindo racismo. Um bom partido que acabou de surgir do povo, então, para nós, independentemente do que acontecer, estamos na história, porque é isso que a gente acredita, até então... Por exemplo, nosso santinho chegou quase dez dias depois dos santinhos de toda Belo Horizonte, porque a conta não estava legalizada, porque o TSE bloqueou, a gente enfrenta tudo isso dentro desse partido, mas a gente vai com muita paixão, porque é todo mundo pobre, preto, com as mesmas dificuldades

CV - Com quais apoios vocês contam? A candidatura tem conseguido apoio de igrejas e de lideranças religiosas?

JA - Bom, a gente começa a nossa pré-candidatura com apoios de muitas lideranças cristãs, era uma forma até de a gente legitimar essa candidatura como evangélica. Recebemos alguns apoios de lideranças. De instituições, é mais complicado, porque uma igreja declarar apoio é mais complicado. A gente também não quer ter esse

tipo de aliança de aparelhamento, não combina, não acreditamos que seja ético. Para vocês terem uma ideia, até o movimento que a gente milita não apoia formalmente, porque ele se declara suprapartidário, inclusive, dentro dele, existem outras candidaturas. Temos o apoio das lideranças evangélicas que são nossos amigos, que conhecem nossa luta, que estão na luta com a gente, mas apoio institucional é muito, muito, muito complicado, é muito difícil.

Quem caminha com a gente aqui em Belo Horizonte, na Frente de Evangélicos, e acaba que está sempre envolvido com as nossas ações, então, declararam apoio pessoal, tem o pastor Lins, que é o pastor de Fillipe, da Comunidade Evangélica Unidade em Cristo. Nós temos o pastor Mário Amaral, da Comunidade Espaço Vida, aqui em Belo Horizonte, tenho o apoio dos meus pastores, o reverendo Jorge Diniz, o reverendo Felipe Costa, e o reverendo Hertson, pastor Juliano, que tem uma comunidade também na região de Venda Nova, Comunidade Atos, não é isso, Fillipe?

Juliano tem mais, são muitas lideranças assim. Tem o Fórum Político Inter-religioso, que também fez um manifesto, uma carta de apoio, as mulheres de esquerda que saíram, que são participantes do Fórum. A Frente, como eu disse, tem outros candidatos, então, ela não se posiciona de jeito nenhum no Fórum, impulsiona as candidaturas que existem dentro do Movimento, então, a Djenane teve uma participação, uma entrevista. E, então, o Fórum Político Inter-religioso apoia as candidaturas que saem de dentro dele. Alguns movimentos como a Bebel, que é da Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG). O apoio do Bob Botelho pelo Evangélicx pela Diversidade, alguns movimentos evangélicos progressistas também declararam apoio, não exatamente um apoio no sentido eleitoral, mas de reconhecer essas candidaturas

como evangélicas, progressista, como se a gente fosse um grupo de credibilidade por causa das lutas que nossas identidades representam.

FG - Tem a [Ana] Ester, o Ariovaldo Ramos, Felipe dos Anjos, o frei Gilvander.

JA - Cristãos Contra o Fascismo, o frei Gilvander, que é aqui de Belo Horizonte, muito conhecido nas lutas populares por moradia, por direito à habitação, o Fillipe falou na Ester, que é da comunidade metropolitana, o Ariovaldo Ramos... foram vários apoios tanto locais quanto de fora.

CV - E como são esses apoios? Eles aparecem nas mídias sociais com vocês ou é um apoio nas comunidades religiosas sem ampla divulgação?

JA - Está nada de “para dentro”, não, “eu quero que você grave um vídeo, entendeu? Vamos colocar em nosso Instagram.” Você está botando sua mão no fogo mesmo... [risos] A gente, como eu falei, queria o apoio dessas pessoas até no sentido de legitimar nossa luta enquanto evangélico. O pessoal vê um grupo progressista que trabalha na ocupação, preto, com um gay, então, a gente precisava desse apoio público, manifesto, exposto, divulgado, publicado, a gente só não impulsionou ainda porque a candidatura não tem dinheiro.

FG - E, para a gente, isso é muito importante, porque a *Carta Capital*, há uns quinze dias, fez uma matéria, vocês devem ter acompanhado, com certeza, falando que somos a minoria, da minoria, da minoria, os cristãos progressistas, e esse apoio é muito importante para a gente, porque a gente toma porrada da igreja e da esquerda. E a igreja é majoritariamente de direita, então, você tem esses pontos de apoio, mesmo que, às vezes, pessoas de São Paulo, que não vão converter na urna aqui de Belo Horizonte, mas são pontos de motivação para a campanha, para a candidatura. Não

é fácil, porque é tanta porrada que você toma que pensa: “não, eu devo estar viajando, o povo aqui deve estar certo...” Então encontrar esses apoios é muito importante!

Jão Luiz Moura - Como tem sido esse apoio do Cristãos Contra o Fascismo à Plural? Quais as pautas que vocês têm levantado na candidatura? Qual o tamanho da institucionalidade da comunidade de fé de cada um de vocês?

FG - Eu sou batista, mas minha igreja não. Minha igreja é independente, e ela tem um recorte reformado, presbiteriano, mas como ela é independente, é um pouco sincrético. Então, não dá para colocá-la dentro do aspecto, assim, totalmente calvinista ou alguma coisa nesse sentido, mas eu falo que sou batista, porque cheguei lá tem dois anos. Mas minha comunidade, não, e a minha comunidade é pequena, o rol de membros total, lá na folha, são 70 membros, então, frequentadores devem estar em torno de 40, em dia de culto cheio, é de 50 pessoas. Então, é uma comunidade bem, bem pequena.

JA - A minha igreja é a segunda Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte (BH), ela é vinculada à Igreja Presbiteriana Unida (IPBU). Uma denominação nacional, só que das presbiterianas ela é a menor, se não me engano, a gente não tem nem 50 igrejas espalhadas pelo Brasil. O nascedouro da IPBU está ali no ano de 1978. Então, temos quarenta e poucos anos.

Nós queríamos desde o início trazer as pautas que atravessassem nossas identidades e nossos ofícios, então, a gente traz muito forte a questão da luta da mulher, o feminismo, a questão da negritude, antirracista, a questão LGBTQIA+ e os nossos ofícios. Então, a Kenia vem muito forte com a pauta da educação, ela que é universitária do curso de Pedagogia, de uma

universidade pública, a Djenane vem, além da educação, porque é professora, também com a pauta da cultura, porque ela é professora de artes, é artista plástica, é ceramista. Eu sou pequeno produtor local, então, trago a economia popular e solidária comigo, e o Gibran tem uma atuação de muitos anos na área de esportes, foi presidente de clube de *rugby* e tal, então, vem com esporte e lazer. A gente acredita nessas pautas, cultura, educação, economia popular, esporte e lazer como ferramenta de transformação social, e a gente pensa também que aquilo nos une, que é a fé evangélica, é preciso também defender a liberdade religiosa e todas as expressões de fé, então, a gente traz a questão do Estado laico muito forte.

Sobre os Cristãos Contra o Fascismo. Estamos alinhados, juntos, houve conversas antes. Acho que o Gibran pode responder melhor. Com Tiago [Santos], com o Movimento, e acaba que os Cristãos Contra o Fascismo vira um grande guarda-chuva das candidaturas que estão na luta, enquanto cristãos contra o fascismo, para sair para a política institucional com esse selo. E, então, a gente está caminhado junto com Tiago, a gente troca figurinha, nosso material que vai ficar pronto, amanhã ou sexta-feira, já vai sair com o selo Cristãos Contra o Fascismo, e é uma candidatura muita parecida também, a candidatura do Tiago, lá em Porto Alegre, é coletiva. Então, temos muito em comum.

FG - Tem um negócio que eu acho interessante: a Frente de Evangélicos tornou-se um espaço de muita liberdade. Principalmente na figura do Ariovaldo [Ramos], que lida com um negócio assim: “isso aqui é um movimento e tal...”, então, as pessoas entram, e elas conseguem colocar as pautas etc., só que eu acho que as pessoas que entraram na Frente, todas, de modo geral, são desse

ambiente religioso, institucional. Então, a Frente, que em tese é o Ariovaldo, tem um posicionamento, a Frente, enquanto grupo, reproduz, às vezes, muito dessa perspectiva institucionalizada da igreja e que eu acho que, em certo ponto, é muito bom, mas, em outros pontos, engessa muito o trabalho num momento desse, que a gente vive pós-golpe, pós-funções de governo fascista, e a gente está de frente para outras eleições, apesar de eu entender e fazer parte desse acordo de cavalheiros de que a Frente não deveria fazer política institucional, como eu entendo que nós estamos vivendo um estado de exceção, eu esperava outro posicionamento da Frente.

É, tudo bem, não posso me frustrar, porque o combinado não sai caro, mas acho que ou a gente entra nesse negócio e fortalece isso aqui para a gente tentar ver o que se recupera de uma perspectiva democrática, ou vão ser mais quatro anos de nota de repúdio no Facebook, no Twitter, no WhatsApp etc. Então, nesse aspecto, eu achei que os Cristãos Contra o Fascismo têm dado um salto, porque estão potencializando tudo quanto é candidatura de esquerda. Lógico, potencializa, no universo deles, na capacidade deles, que é ainda pequena e tudo mais, mas eu acho que é nesse espaço que a gente deveria estar pensando agora, como frente de evangélicos etc. E faço essa crítica à Frente de Evangélicos, com muita liberdade, porque estou lá dentro, construindo, não sou alguém de fora que critica a Frente, não, de maneira nenhuma, estou lá, sou um dos coordenadores, faço parte da Frente, não vou sair, não vou abandonar nem nada disso, mas eu acho que é importantíssimo a gente entender onde está.

DV - Eu não tenho o apoio institucional da igreja, igual ao Jonatas já falou, o Gibran etc. Mas a igreja é enorme e tem algumas

para as eleições, minha perspectiva é só para isso. E eu não sou assim tão esperto quanto as outras pessoas, mas o pouco de esperteza que eu tenho no mundo vou percebendo que esse lance do progressismo está complicado. Por quê?

para as eleições, minha perspectiva é só para isso. E eu não sou assim tão esperto quanto as outras pessoas, mas o pouco de esperteza que eu tenho no mundo vou percebendo que esse lance do progressismo está complicado. Por quê?

Até dentro do grupo de evangélicos que não são fundamentalistas, que não é só de reacionários, existem algumas discussões que eles não querem fazer, discussões de gênero, discussões em relação à homoafetividade e tudo mais. Então, percebo que essa bandeira progressista tem se traduzido no seguinte: “crente que é a favor de gay”, esse é a “pecha popularzona”, e é um grande problema, porque você vai ver, por exemplo, uma bancada, não sei se é isso o intuito, mas uma bancada popular, porque não quer fazer a discussão sobre a homoafetividade, claro, acho que nem tem que fazer, mas nós vamos vendo nisso esse lance do progressismo está nesses ideais de crente que é *gay friendly*, que eu acho que é um outro grande problema, porque minha opinião segue, são os outros companheiros que vão ter que me explicar como eles conseguem ser evangélicos dizendo que têm cristãos ou seres humanos que são melhores ou piores do que os outros, pela forma como eles se relacionam, ou pela forma como eles expressam sua sexualidade. Eles é que têm que me explicar como vão condenar pessoas dizendo se elas são pecadoras ou não pela forma como eles identificaram suas perspectivas sexuais, não sei nem como expressar isso, mas eu entendo que existe esse ambiente reacionário, quer dizer, do ponto de vista político, eu até sou mais à esquerda, mas tem algumas coisas que eu não quero, então, não me classifico como progressista.

Resumindo, para mim, é um grande problema que nós temos de terminologia e um grande problema que a esquerda vive, que a gente vai traduzindo isso

Resumindo, para mim, é um grande problema que nós temos de terminologia e um grande problema que a esquerda vive, que a gente vai traduzindo isso

em várias caricaturas. Caricaturas do esquerdismo, a gente vai desenvolvendo, e, no campo evangélico, é a mesma coisa. Então, um monte de gente que é evangélico, mas *pero no mucho*, “até aqui eu vou, daqui para frente, eu não vou mais...”.

Não consigo pensar em dignidade, em direitos humanos, é limitado, condicionado. Ou nós estamos discutindo direitos humanos, ou estamos discutindo dignidade, nós estamos discutindo igualdade, discutindo equidade para todo o mundo, ou não venha comigo com esse discursinho. Ou a gente está ampliando isso, e a gente não negocia, isso é uma proposta ética, ou não dá. Então, eu vejo isso assim, esse nome progressista está complicado, eu não me considero evangélico progressista, me considero evangélico, e eu vejo que muitos de nós, evangélicos no campo da esquerda, não estamos dispostos a fazer todas as discursões possíveis, e nós não queremos, então, estar nesse campo progressista. Então, para mim, quem está lá dizendo sou evangélico progressista é, talvez, essa perspectiva mais revolucionária dentro da esquerda. O que não quer dizer que são pessoas maravilhosas, heroicas, não, tem muita gente ruim debaixo desse nome de evangélico progressista, mas é o que a gente tem para hoje. Essa é uma opinião minha.

JA - Gente, eu sou de esquerda, sou progressista e sou cristão. Acho que a gente vive num contexto que, por mais que seja redundante, na minha concepção, falar que eu sou evangélico e progressista, como Gibran falou, acho importante a gente delimitar, a gente colocar nossas identidades, porque a História do Brasil é fundada em três elementos principais: machismo, racismo e latifúndio. E não tem como ser conservador, ainda mais que eu sou LGBTQIA+, se eu fosse conservador, seria uma grande incoerência.

Eu também trabalho com distinção dos termos esquerda e progressista, esquerda, para mim, está relacionado ao aspecto econômico, a uma política expansionista, à distribuição de renda, à justiça social, e eu defendo isso, e, enquanto progressista, exatamente na contramão do conservadorismo, então, nós queremos a igualdade de gênero, dignidade para o povo preto, dignidade para o povo LGBTQIA+, é reparação histórica para os nossos povos originários, para os indígenas, para os quilombolas, então, acho muito importante trazer essas identidades.

A gente sabe que a igreja evangélica hegemônica não é a criadora do fundamentalismo. Se a gente estuda o neopentecostalismo, esse movimento de trinta para quarenta anos, e a sociedade brasileira sempre foi conservadora, sempre teve elementos de fundamentalismo nela, então, a religião está apenas cooptada. É para dar a cara, ali, nesse momento atual, que a gente está vivendo para isso, é importante fazer essa disputa. “Olha, eu sou evangélico, mas sou evangélico progressista”, porque a igreja, a igreja hegemônica, está cooptada, sim, por um conservadorismo e por um fundamentalismo que dificultam a vida da gente. Os movimentos sociais são criminalizados, ativistas sociais são perseguidos, são presos, são mortos, têm as suas reputações jogadas na lama, têm as suas lutas deslegitimadas, então, é importante a gente demarcar isso.

DV - Progressista, para mim, é quem acompanha as mudanças do seu tempo. A internet trouxe conhecimento para a população e nos fez ter noção dos direitos de outra forma. Progressista é quem defende um Jesus para todos.

CV - Já passamos demais o tempo combinado inicialmente. Desculpem-me por isso, e, mais uma vez, muito obrigada a vocês quatro por esta excelente entrevista.

EPÍLOGO

EVANGÉLICOS E ELEIÇÕES

ANOTAÇÕES PARA UMA AGENDA DE PESQUISA

Regina Novaes³³

³³ Coordenação Acadêmica ISER, pesquisadora CNPq e Pesquisadora Visitante Emérita UNIRIO (FAPERJ).

Li com muito interesse a certa introdução e as instigantes entrevistas, realizadas no âmbito da pesquisa Esquerda evangélica nas eleições 2020, que compõem esse número de *Comunicação do Iser*. Agradeço muito a Christina Vital da Cunha e João Luiz Moura pelo convite para apresentar esses comentários à título de epílogo. Aqui pretendo pontuar alguns aprendizados inesperados e, sobretudo, compartilhar dúvidas que – a meu ver – poderiam motivar novas pesquisas sobre a participação política (à esquerda) de evangélicos no Brasil de hoje.

Espiritualidade progressista e/ou Teologia da Libertação: permanecem as mesmas semelhanças e diferenças entre evangélicos e católicos progressistas?

Me chamaram muito a atenção, na entrevista de Ariovaldo Ramos, suas respostas a perguntas que buscavam as relações entre a Teologia da Libertação, de berço católico, e a Teologias da Missão Integral e a “espiritualidade progressista”, ambas de berço evangélico.

Examinando as interfaces entre religião e política, Ariovaldo falou sobre o que há em comum e, também, sobre diferenças entre “os romanos” e os “protestantes”. Em certo momento, lembrou uma conversa de “uma pá de pastores” com Frei Beto, então conhecido porta-voz da Teologia da Libertação no Brasil. A reunião foi convocada por Davi Alencar, pastor na Igreja Batista em Santo André, com o objetivo de aproximar progressistas católicos e evangélicos. Ariovaldo conta que perguntou ao Frei Beto: “Logo, logo nós vamos estar do lado de vocês como responsáveis pelo pensamento ético brasileiro, o que você aconselha? Fazendo uma citação bíblica, Frei Beto teria respondido: “não se esqueçam dos pobres, vocês têm que tomar posições ao lado dos pobres.”

Possivelmente ocorrida nos anos 1980, nessa interlocução estabeleceu-se o ponto comum entre eles. Tomar posição ao lado dos “pobres” identificava os “progressistas” tanto dentro da Igreja Católica quanto dentro das denominações evangélicas históricas ou de missão. Contudo, diferenças entre esses cristãos também foram pontuadas por Ariovaldo Ramos. Lembrando das punições a Leonardo Boff, nosso entrevistado afirmou: “quando eles [católicos] vão fazer essa ponte entre a trindade e a revolução, eles são tolhidos (...) porque são romanos, e a Igreja detém a salvação deles, e o Papa é o magistério da igreja e acabou, eles não vão escapar disso, porque eles não querem ser excomungados.” E, em seguida, demarcou a “virtude protestante” em que “a redenção não é a instituição”, a redenção é sua, não há nenhum mediador entre você e Deus além do próprio Cristo Jesus”.

Essa diferença, segundo Ariovaldo, teria grande repercussão para a construção de uma “espiritualidade progressista evangélica”, pois – em comparação com

a igreja católica – a menor ênfase na igreja/instituição resultaria em menor número de entraves para o desenvolvimento teológico engajado. Em outras palavras, por não fazer parte de uma Igreja centralizada e hierárquica (que tem o poder de excomungar), entre evangélicos haveria mais possibilidade de “dar bases bíblicas para a revolução”.

Não será possível explorar aqui toda a riqueza da referida entrevista, apenas gostaria de chamar a atenção para alguns pontos que podem merecer espaço em outras pesquisas interessadas em desvendar as relações entre religião e política no Brasil. Levando em conta a configuração histórica do campo religioso brasileiro, em primeiro lugar, seria importante se perguntar *como* o peso institucional (concentrado na unidade universal católica *versus* fragmentado na contínua segmentação denominacional evangélica) repercute não só nas teologias e na vivência religiosa cotidiana, mas também nas maneiras de vincular militâncias religiosas e políticas. Essa indagação me lembrou meu próprio trabalho de pesquisa com diferentes grupos de agricultores evangélicos e católicos que participaram de lutas sociais em décadas anteriores.

Entre católicos – motivados pela teologia da libertação –, observei uma “politização de categorias religiosas”, o que os faria mais propensos a agir segundo palavras e regras constitutivas do campo político (o que – em outro nível de reflexão – talvez possa se aproximar ao que Ariovaldo descreveu como “terceirização da revolução”/“apoiadores da revolução”). Enquanto, entre os “crentes”, haveria uma “religiogização de categorias políticas”, o que resultaria em maior trânsito de palavras e símbolos religiosos em seus embates políticos (o que poderia possibilitar algo próximo ao que Ariovaldo descreveu como “espiritualidade revolucionária/estimuladora da revolução”).

É bom lembrar que, segundo o Censo realizado pelo IBGE, em 1980, os católicos no Brasil somavam 89%, eram maioria. Já os evangélicos eram 6,6% (de missão 3,4%; pentecostais 3,2% e não determinados 0,4%). Mas não era a maioria populacional católica que despertava grande interesse de pesquisa. Naquele momento, por sua presença entre as camadas populares e, conseqüentemente, por suas repercussões políticas nas lutas pela redemocratização do país, eram as comunidades eclesiais de base (as CEBs) que chamavam atenção.

Ancoradas nos resultados do Concílio Vaticano II – e regionalmente legitimadas pelos encaminhamentos dos encontros em Puebla (México) e Medellín (Colômbia) –, comunidades de base, pastorais populares e bispos progressistas, opondo-se ao regime militar, tornaram-se muitas vezes um “guarda-chuva” para pessoas e correntes de esquerda. Ao mesmo tempo, motivadas pela “teologia da libertação”, buscando aproximar “fé e vida”, as CEBs se tornaram “celeiros de novos quadros” para partidos progressistas, particularmente para o Partido dos Trabalhadores (PT), criado em 1980. Nesse cenário, a vinculação política do “povo das comunidades” ao PT era vista como algo esperado, natural.

Já no interior do reduzido mundo evangélico então considerado progressista – geralmente ligado ao movimento ecumênico nacional e internacional – o crescimento do “pentecostalismo” nas camadas mais pobres da população causava bastante preocupação. O temor era de que as conversões, que se davam sobretudo entre os mais pobres, poderiam reforçar conservadorismos existentes e/ou produzir “alienação”, palavra corrente no campo de esquerda de então. Ao enfatizar o “apartamento das coisas do mundo” e a “proximidade da segunda vinda de Cristo”, os pentecostais eram imediatamente relacionados com a negação da política.

³⁴ Os números 2 e 3 de Comunicações do Iser, publicados em 1982, foram dedicados ao tema eleições. Olhando para seus índices, podemos dizer que – aproximadamente e em ordem decrescente – são tratados os seguintes temas: Catolicismo popular, CEBs e Igreja Católica Progressista (9); matriz afro-brasileira e identidade racial (5); evangélicos e pentecostais (4). De certa forma, essas proporções refletem uma hierarquia de temas que entre estudiosos da religião da época.

³⁵ O retrocesso no interior da Igreja Católica foi tão significativo que hoje nem mesmo a presença do Papa Francisco, reconhecidamente próximo à Teologia da Libertação, proporcionou a reprodução da correlação de forças, entre correntes internas, similar àquela que possibilitou os melhores anos da “Igreja Povo de Deus”.

Portanto, enquanto das CEBs se esperava engajamento político, as notícias sobre a participação eleitoral de um ou outro “crente”, como eram mais conhecidos, causava surpresa. No entanto, já naquelas eleições de 1982, em diferentes partidos (tais como PDS, PMDB, PT) apareceram candidatos que se apresentavam como “crentes”, “evangélicos” ou “pentecostais”. Afirmando neutralidade política e evitando falas de candidatos no púlpito, tais candidaturas buscavam diferentes estratégias para ganhar votos acionando uma rede de “irmãos na fé”.

Na literatura,³⁴ surgiram exemplos de “crentes” que se candidataram pelo Partido dos Trabalhadores que, naquele ano de 1982, pela primeira vez, concorria em eleições. Em “Os crentes e as eleições” (I) escrevi sobre a campanha eleitoral entre lavradores crentes que viviam em uma área conquistada por meio da luta pela terra. A maioria era da Assembleia de Deus. Terminada a votação para a escolha de um candidato local, alguém disse para o mais votado: “aceita, irmão, é a vontade de Deus.” Na mesma frase, há dois aspectos para chamar a atenção. Primeiro lugar: naquela reunião política, chamavam-se de “irmão” (ainda que vez por outra se chamassem de “companheiro”, como era comum em reuniões do mesmo partido). Em segundo lugar, a ênfase na “vontade de Deus” colocava em segundo plano outros atributos políticos do candidato escolhido que, certamente, também operaram a seu favor (ele se distinguia de outros “crentes” presentes por ser reconhecido militante da oposição sindical e liderança do Núcleo Agrícola Fluminense).

Também chamou minha atenção a autonomia da comunidade local para tomar posições e lidar com discordâncias. Explico. Em uma outra reunião que se seguiu àquela da escolha do candidato, um agricultor crente iniciou uma discussão dizendo: “Sou crente e não vou ficar manchado com política. Meu voto é Jesus. Na Bíblia está escrito para obedecer às autoridades da terra. E esse partido (o PT) é contra as autoridades, contra o governo. Crente não se mete em política”. As reações foram enfáticas (“crente também come”; “o melhor é fazer a política certa, a política do pequeno”; “ai daquele que mexer com o povo de Deus”) e garantiram a continuidade da candidatura. Mas, durante a discussão, ninguém sugeriu recorrer ao julgamento de autoridades superiores na hierarquia religiosa de sua Igreja ou denominação.

Essas observações parecem confirmar o “princípio protestante” evocado por Ariovaldo Ramos na referida entrevista no qual cada fiel pode se relacionar com Deus sem a necessária mediação da instituição. O que, de certa forma, também favorece certa espontaneidade/liberdade na aproximação de categorias religiosas e políticas sem necessidade do aval ou controle eclesial, como ocorre na Igreja Católica. Enfim, naqueles anos, como minoria religiosa que se expandia em solo católico dominante, em determinados contextos de conflitos sociais, esteve presente a possibilidade de aproximar a sensação de perseguição religiosa e perseguição política, que era associada ao PT. Em ambos os contextos, era Davi contra Goliás. No mesmo sentido, podemos analisar a descrição que Ariovaldo Ramos faz, na entrevista aqui publicada, sobre a resistência de um vereador evangélico de Campinas/SP para não ser “tragado pelo sistema”.

No entanto, muita coisa mudou de lá para cá. Mudaram as estatísticas oficiais sobre as religiões dos brasileiros: cresceram os evangélicos (sobretudo pentecostais) e o catolicismo foi perdendo sua histórica posição hegemônica. Mudou a correlação de forças no Vaticano acarretando perda de espaço para progressistas e para a Teologia da Libertação.³⁵ Também mudou muito o chamado “mundo evangélico” no qual – apesar de continuar produzindo

novas denominações e contemplar a abertura de pequenas igrejas locais – estruturaram-se grandes igrejas com complexos interesses institucionais. Com marcante presença nas classes populares, prisões, favelas, conjuntos habitacionais, e demais periferias urbanas e rurais, as grandes denominações se fortaleceram com o uso (e abuso) de diferentes meios de comunicação colocados a seu dispor.

Nesse processo, um cobiçado “voto evangélico” passou cada vez mais a ser – a cada eleição – disputado por candidatos de diferentes partidos e perfis ideológicos. Por um lado, visitar templos sempre repletos de fiéis assíduos, potenciais eleitores, passou a ser corriqueiro para candidatos crentes e não crentes. Por outro lado, inspirando-se e adaptando o modelo de disputa eleitoral inaugurado pela Igreja Universal do Reino de Deus, outras denominações se empenharam em fazer aumentar significativamente o número de candidatos que passaram a ter o aval de suas igrejas. Até que, sobretudo após a Constituição de 1998, a chamada “bancada evangélica” se propôs a articular interesses de diferentes denominações e se credenciou para falar genericamente por todas elas. Foi a partir daí que a categoria “evangélicos” ganhou predominância no espaço público, deixando em segundo plano o uso das palavras “protestante”, “crente” e “pentecostal”.

No correr do tempo, os evangélicos eleitos, em sua maioria, foram assimilando as concepções clientelísticas e as práticas de barganha eleitoral historicamente presentes no fazer político em nosso país. Nesse processo, certas lideranças de denominações evangélicas ganharam poder, tornaram-se “coronéis da fé”,³⁶ inaugurando um novo tipo de “curral eleitoral” no país. Na entrevista aqui publicada, Ariovaldo Ramos – com muita indignação – descreve uma situação criada em um almoço de pastores com um líder máximo de determinada denominação. Segundo seu relato, logo depois de uma série de pregações pela manhã, o referido líder levou – para um almoço com pastores – um deputado estadual e sua esposa, que seria candidata a vereadora. E, “sem nenhum pudor mesmo”, começou a determinar quantos votos os pastores de diferentes denominações poderiam/deveriam conseguir para a referida vereadora.

A assimilação da “cultura política brasileira” também se manifestou nos anos 2000, sobretudo nos governos do PT, quando representantes de certas denominações evangélicas (classificadas como pentecostais e neopentecostais) estiveram em cargos e buscaram espaço na implantação de políticas públicas. Enquanto progressistas (em outras igrejas e na sociedade) fizeram avançar suas pautas, os conservadores (fisiologicamente na base governista) fingiam não notar que certas demandas de trabalhadores, mulheres, jovens, de negros, de índios, população LGBT, estavam sendo introduzidas entre os direitos de cidadania, sendo reconhecidos por lei...

Naqueles anos, nos debates públicos e mesmo entre lideranças de igrejas evangélicas, pouco se acionava o par de oposição esquerda/direita. Entretanto, esse tempo de trégua logo ficou para trás. Repercutindo nacionalmente a onda conservadora que se afirmava no mundo e na região latino-americana³⁷ e posicionando-se ao lado de forças políticas que se opunham aos governos petistas, o conservadorismo de grupos evangélicos (até então fisiologicamente contido), veio à tona. Foi nessa conjuntura, sobretudo após 2013, em meio a uma crise econômica e política, que certas lideranças evangélicas ganharam grande visibilidade pública.³⁸ Utilizando-se de meios de comunicação, como as novas tecnologias e seus aplicativos, lograram a se comunicar com a grande

³⁶ A expressão “coronéis da fé” foi primeiramente utilizada por Valdemar Figueredo Filho e hoje tem uso corrente no interior das críticas ao conservadorismo evangélico.

Atualizando a mesma expressão, podemos pensar hoje em: “empresários da fé”, “mercadores da fé”, “milicianos da fé”.

³⁷ Entre outros pontos, denunciava-se que governos “de esquerda” estariam operando a partir do “marxismo cultural” e anunciavam que havia uma “cristofobia” a combater. Assim, o par de oposição o “direita/esquerda”, que, após a queda do muro de Berlim, estava com uso socialmente bem restrito voltou a fazer parte do vocabulário político corrente.

³⁸ Para melhor compreensão desse processo, consultar a introdução – assinada por Christina Vital da Cunha e João Luiz Moura – do presente número de Comunicações do Iser.

³⁹ Recentemente, o grupo Católicas pelo Direito de Decidir foi ameaçado de ser proibido pela Justiça de São Paulo de usar o termo “católicas” no nome. O despacho do desembargador afirma que a finalidade da associação revela “incompatibilidade com os valores adotados pela Igreja Católica”. Até onde sei, autoridades religiosas católicas não se manifestaram. E nenhuma das “católicas” participantes do grupo foi ameaçada de excomunhão.

maioria da população e – seletivamente reforçando seus valores conservadores – influenciaram e ganharam votos para as eleições de 2018.

Por outro lado, como reação, para se contrapor àqueles que diziam falar pelo “povo evangélico”, surgiram novas aglutinações de progressistas de diferentes denominações e igrejas. Nesse cenário, o “título de evangélico” passou a ser intencionalmente usado por progressistas como parte integrante da “disputa de narrativa”, como indica Ariovaldo Ramos na entrevista aqui publicada. Logrando novas aglutinações, setores evangélicos – autodesignados como progressistas, populares ou de esquerda – têm buscado caminhos para mostrar que “conservadores” e “fundamentalistas” não obtêm o monopólio da representatividade da chamada “base evangélica” (Vital da Cunha, 2021).

Ao mesmo tempo, pesquisas mostram que tais evangélicos contam com aliança de lideranças e políticos católicos que aparecem menos, mas não são menos importantes na empreitada conservadora do atual governo (Fonseca 2021). Se isso é verdade no campo conservador, considerando o objetivo da presente publicação, cabe perguntar: e no campo progressista, o que aproxima ou separa católicos e evangélicos?

Aqui me parece importante retomar uma questão de fundo presente na entrevista de Ariovaldo Ramos: seriam hoje ainda tão marcantes as diferenças nas maneiras de relacionar religião e política entre progressistas “romanos” e progressistas protestantes? Sobre isso, vejamos algumas questões que podem motivar próximas pesquisas.

No encolhido mundo católico, em tempos de comunicação virtual, até que ponto a hierarquia eclesial detém o controle dos posicionamentos políticos do clero e dos fiéis? Até que ponto as articulações em coletivos e redes de “católicas” voltadas para a afirmação da diversidade sexual, contra a criminalização do aborto e outros temas polêmicos passam ao largo do controle das paróquias, Dioceses, de Roma? Até que ponto excomuniões baseadas em censuras teológicas (às quais se referiu Ariovaldo Ramos) perderam espaço?³⁹

No mundo evangélico, até que ponto ainda opera a “virtude protestante” que reconhece que a “redenção não é a instituição”? Qual a autonomia das igrejas locais que são parte de denominações bastante centralizadas e hierarquizadas? A “disputa de narrativa” com evangélicos conservadores se dará fora, às margens ou dentro das Igrejas onde se concentra a base evangélica?

Dentro, fora ou às margens das Igrejas: “afinal, qual é nosso link?”

Considerando sobretudo três iniciativas de evangélicos (Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito; a Bancada Evangélica Popular e o Movimento Cristãos Contra o Fascismo), em sua entrevista aqui publicada, Nilza Valéria Zacarias do Nascimento – entre outras valiosas contribuições – identifica importantes dilemas hoje presentes no campo progressista evangélico que se explicitaram durante as eleições municipais de 2020.

Como se sabe, ao lado de Ariovaldo Ramos e de Anivaldo Padilha, que há muito tempo fazem parte de movimentos protestantes progressistas, Valéria participou da fundação da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito (FEED), em 2016, logo após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Três anos depois, Valéria acreditava que a Frente – já com núcleos em quase todos os estados do Brasil – poderia endossar candidaturas nas eleições municipais em 2020. Mas, por decisão colegiada, em reunião realizada no Rio de Janeiro em 2019, sua posição foi vencida. Prevaleceu a ideia de que deveriam continuar

participando de um debate amplo evitando reduzir a Frente a um projeto eleitoral.⁴⁰

Com os seus 4 anos de atividades na FFED, Valéria reconhece positivamente essa experiência. Em defesa da democracia, a Frente tornou-se uma referência nacional, criando núcleos por todo Brasil, em Estados e Municípios. Agregou movimentos e coletivos evangélicos preexistentes (sobretudo voltados para causas de gênero e de combate ao racismo), mas também motivou a criação de novas redes e coletivos. Certamente também influenciou na trajetória de jovens que viviam suas primeiras experiências de participação social. Ao mesmo tempo, Valéria pontuou alguns dilemas e desafios que merecem atenção quando se tem o objetivo de fazer avançar o conhecimento sobre as complexas relações entre religião e política em processos eleitorais.

Com essa perspectiva, Valéria apresenta uma série de informações sobre o que se passa em uma parte do mundo evangélico. Identifica processos de “envelhecimento da membresia de determinadas Igrejas” e novas “igrejas sem membresia”. Igrejas com dificuldades de frequência devido a sua localização, bem como diminuição de vínculos de jovens com suas Igrejas. A entrevistada também se pergunta sobre o papel e o peso das “comunidades alternativas” ou de “grupos fora das igrejas institucionais” podem ter para se opor ao conservadorismo evangélico que predomina nos territórios das Igrejas.

Valéria observa ainda que não há uma “grande igreja” com “discurso afinado com o nosso”. E, embora existam pastores simpatizantes eles – por diferentes motivos e justificativas – assumem uma postura mais neutra em suas igrejas. Bem realista, a entrevistada traduz em números sua inquietação: enquanto muitas igrejas tradicionais reúnem cerca de 3 mil pessoas em um domingo de manhã, somando quem vai a todas as igrejas “ditas progressistas no Rio de Janeiro, vai juntar, quando muito, 500 pessoas e olhe lá”. Ou seja, a seu ver, os progressistas, como outrora, continuam sendo minorias ativas no mundo evangélico.

Como evangélica progressista (ainda que prefira se definir como “de esquerda”), Valéria se pergunta o que distingue a militância de um cidadão evangélico de uma militância que aciona especificamente a “condição religiosa”. Ela conta que participou do movimento estudantil uma boa parte de sua vida e completa: “a minha condição religiosa, não atravessava isso, não mudava o fato de eu ser crente.” Disse que nos sindicatos também sempre existiam militantes crentes. Lembrou ainda que, há mais de 40 anos, históricos militantes evangélicos denunciaram racismo e lutaram a favor da igualdade racial.⁴¹ Do seu ponto de vista, hoje, uma militância com base em identidade evangélica só teria sentido se fosse para se aproximar das pessoas que têm vínculos com as igrejas e não têm contato com a “fé transformadora”.

Segundo Valéria, seria necessário pensar como ampliar o espaço progressista no interior das igrejas. No entanto, diz ela: “eu tenho desconfiado de nossa capacidade de falar com nossos irmãos.” A gente fala para a gente, quem de novo a gente tem trazido para essa discussão?” Enfim, os afastamentos de evangélicos progressistas do espaço de suas igrejas é fonte de preocupação de Valéria. Referindo-se à Frente, ela indaga: *qual é o nosso link?* Para ela “a igreja local (...) é o que dá sentido a toda essa luta (...). Em suas palavras, a aposta é que “a gente consiga dialogar com os crentes, senão não faz sentido”.

Valéria também reflete sobre o uso de designações religiosas (como “pastor”/ “irmão”/reverendo) como “nome eleitoral”. De maneira geral, em gerações passadas evangélicos progressistas⁴² não faziam uso desse expediente para disputar votos entre “irmãos na fé”. Mas, hoje, alguns lançam

⁴⁰ Essa decisão contribuiu para a articulação da Bancada Evangélica Progressista (BEP) sobre a qual escreveremos mais adiante.

⁴¹ Para uma análise aprofundada sobre as relações raciais no mundo evangélico, ver Vital da Cunha (2021).

⁴² No Rio de Janeiro, temos dois exemplos de mulheres negras evangélicas, de gerações diferentes, vindas de movimentos de favelas: Benedita da Silva (PT) e Monica Francisco (PSOL). Para uma sugestiva análise dessas trajetórias, ver Fonseca (2021).

mão desses títulos justificando que essa seria uma forma de competir/reagir, pois candidatos conservadores e de direita cada vez mais lançam mão desses títulos. E indaga – um tanto ironicamente: esta seria uma forma de “ressignificar a narrativa”? Ainda com o mesmo espírito problematizador, nossa entrevistada indaga se existe mesmo um “voto evangélico”. E observa: nem sempre um “candidato evangélico” foi ou será eleito com um “voto evangélico”. Nem sempre a “identidade evangélica” anunciada é acompanhada de uma construção teológica condizente.

Certamente não é simples apreender toda gama de sentimentos que podem estar contidos na escolha de uma estratégia eleitoral ou na escolha de um candidato. Mas talvez não haja mesmo respostas conclusivas que atravessem conjunturas políticas e contextos sociais diversificados. Ou seja, as repercussões do uso do “título” religioso, bem como as razões para o voto, só podem ser pensadas em contexto. Sendo assim, no Brasil de hoje, mais do que nunca, é preciso se perguntar, *quando, onde e para quem* nomes eleitorais que carregam títulos religiosos aproximam ou afastam potenciais eleitores evangélicos e não evangélicos.

Com essa perspectiva, as reflexões de Valéria nos convidam a pensar em outras variáveis que também estão presentes entre evangélicos (e não evangélicos) no momento do voto, tais como: lealdades e relações pessoais; ações sociais locais; acesso a outras redes de proteção e diferentes experiências de vida. Vejamos o que dizem outros entrevistados que também são protagonistas dessa história.

Entre o mundo evangélico, os movimentos e os partidos: identidades múltiplas e não excludentes

Samuel Oliveira tem 24 anos, cresceu na Assembleia de Deus, passou pela Igreja Batista e por outras igrejas. Todas, segundo ele, tinham “esse viés mais conservador, mais fundamentalista”. Ainda assim ele diz que tinha “engajamento em Ministérios” das Igrejas. Mas, paralelamente, começou sua trajetória política em 2013, como ele mesmo conta: “Iniciei pelo movimento estudantil, fiz parte da primavera secundarista, dos movimentos que fizeram as ocupações nas escolas, do fechamento, da ocupação da Assembleia Legislativa.” Participou da gestão da União Paulista dos Estudantes Secundaristas e depois disso enfrentou “as dificuldades de todo jovem de periferia” para ir à universidade.

Após esse período de engajamento nos movimentos juvenis, em 2016 e 2018 candidatou-se a deputado estadual pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B) e, em 2020 – quando foi entrevistado –, estava se candidatando a vereador pelo mesmo partido. Para tanto, teve de superar restrições de membros de sua Igreja que viam a política como “um ninho de cobras” e a resistência da mãe que – mesmo sem “ter muita dimensão política da coisa” – falou que em sua Igreja questionaram o fato de ele estar ligado ao partido comunista.

Desde abril de 2018, Samuel se aproximou da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito (FEED). Faz parte do núcleo de São Paulo. Ele explica: “como todo evangélico que vem de um meio fundamentalista e se desperta para uma fé mais progressista”, também passou por “um momento de indignação e de revolta com as igrejas e tudo mais”. Para ele, a Frente ajudou a compreender sua identidade e a valorizar uma militância evangélica progressista em contraposição ao “setor majoritário conservador”. E foi a partir dessa experiência que ele se envolveu na articulação do movimento Bancada Evangélica Popular.

Perguntado por que usar “popular” e não “progressista” na nomeação

da Bancada, Samuel explicou: os “setores capitalistas” encontraram no “conservadorismo” das igrejas evangélicas uma forma de manutenção de seus interesses. Sendo assim, a base evangélica “majoritariamente da periferia, e pobre”, que cresceu “em uma lógica conservadora” e aprendeu que progressista é coisa do PT”, poderia ser mais receptiva ao termo “popular”. Contando com tal receptividade, diz que é para essa “base evangélica” que querem levar a discussão sobre “políticas públicas e defender serviços públicos de qualidade, os direitos”. Para ele, o “evangelho de Cristo está conectado com a reparação de injustiças”. Com essa argumentação, Samuel combina e convive com sua “identidade de fé” e sua vinculação partidária ao PC do B.

A convivência entre identidades múltiplas e não excludentes tem sido apontada entre as características de movimentos juvenis contemporâneos (Novaes; Alvim 2014) e, também, aparece na entrevista com o grupo que compõe a Plural Candidatura Coletiva, que reuniu quatro jovens evangélicos candidatos à vereança nas eleições municipais de 2020, em Belo Horizonte. A entrevista aqui publicada nos permite conhecer a candidatura coletiva composta por: Jonatas Arêdes (nome registrado oficialmente), que se apresenta como evangélico, “protestante no sentido literal da palavra”, homossexual e pequeno produtor rural; Fillipe Gibran, que se apresenta como advogado e integrante da Comunidade Evangélica Unidade em Cristo; Djenane Vera, que se apresenta como professora, ceramista, mulher preta e evangélica, nascida na Assembleia de Deus, frequentando hoje a Igreja Cristã Maranata e, por fim, Kenia Vertello, que se apresenta como estudante “evangélica de berço”, membro da Igreja Batista Connet.

Em comum, todos nasceram em berço evangélico e fazem parte do núcleo mineiro da FEED, que tem sido uma referência fundamental em suas trajetórias de vida. Todos fazem o Curso de Formação oferecido pelo núcleo local da Frente. E, de diferentes maneiras, todos participam da “formação de evangélicos” nas periferias e nas ocupações urbanas em Belo Horizonte atuando junto ao MLB (Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas). Movimento esse que logrou assinaturas suficientes para legalizar um partido chamado Unidade Popular (UP), pelo qual registraram sua candidatura coletiva. Segundo Fillipe, foi a UP que “fez uma questão danada de que a gente saísse com uma candidatura evangélica”. E prossegue contando que a grande maioria dos filiados à UP é gente simples, “humilde mesmo”, e que a “maioria esmagadora da população ocupante é evangélica”. A expectativa, segundo Fillipe, é “de que a gente consiga começar a dialogar com os evangélicos” e assim “consiga melhorar a nossa conversa com as ocupações.”

Ao ser indagado sobre a dimensão teológica na Campanha do Coletivo Plural, Fillipe traz à tona um limite: “Impossível a gente falar de teologia dentro de nossa candidatura, a gente tem um presbiteriano, uma maranata, uma batista mais renovada, mais pentecostal, e eu sou batista”; ao afirmar que uma “discussão teológica poderia acabar com a candidatura coletiva”, provocou risos dos demais participantes da entrevista. Continuando sua reflexão, em seguida, identificou um dilema: se a gente comprometer a candidatura com questões teológicas como garantir que “nossa pegada é de estado laico”?

No entanto Jonatas, ao responder sobre a mesma questão sobre a dimensão teológica na Campanha do Coletivo Plural, diz que o grupo tem uma “crítica profunda à esquerda por não dar valor aos ganhos emocionais que a pessoa tem diante de uma teologia que faz com que ela caminhe através da relação mística”. A fé faz parte da vida. “A gente está tentando fazer uma política

enquanto campanha ética dentro dessa relação entre o racional e mística também.” Para ele não se trata de escolher uma só dimensão: “sou de esquerda, sou progressista e sou cristão.”

Kenia contou que vem sendo perseguida em sua igreja por estar nessa candidatura (que engloba questões raciais e de orientação sexual). Conta que não tem apoio da Igreja – que é pequena, de bairro –, mas lá conta com alguns amigos. Pessoalmente, se fortalece no curso (por “ensino remoto”) oferecido pela Frente do qual ela participa. Já Djenane, afirmando que “progressista para mim é quem acompanha as mudanças do seu tempo”, diz que foi “a internet que trouxe conhecimento para a população e nos fez ter a noção dos direitos de uma outra forma”.

Todos também concordam que “progressista é quem defende Jesus para todos”. Para eles, a candidatura – proposta por um Partido nascido de lutas urbanas – se define como “coletiva, evangélica, com paridade de gênero, discutindo racismo”. Entre os apoios à candidatura à pretendida coreografia destacam, entre outros, Comunidades Atos, Fórum político Inter-Religioso, Evangélicas pela Igualdade de Gênero, Evangélicos pela Diversidade. Como personalidades apoiadoras, citam Ariovaldo Ramos (grande referência para todos), Felipe dos Anjos (pastor na Igreja Batista Água Branca/SP) e também Frei Gilvander, católico conhecido pelas lutas populares por moradia e por direito à habitação.

As cinco trajetórias individuais, contidas nas duas últimas entrevistas citadas, trazem muitos pontos para nossa agenda de pesquisa sobre experiências de ativismo entre militantes que se apresentam nos embates públicos por meio de seu pertencimento/condição/identidade religiosa. A rigor, os relatos dos entrevistados da Bancada Evangélica Popular e da Candidatura Coletiva Plural não podem ser compreendidos sem que levemos em conta o que se passa nos movimentos sociais e nos coletivos com diferentes causas que se apresentam no espaço público.

Apresentando uma forma específica de percorrer o espaço social em determinado campo de força religioso, eles se movimentam dentro de um quadro relacional de postos, posições e disposições reservados à sua classe, etnia/raça, gênero e geração. Por isso mesmo, novas pesquisas poderiam se dedicar a mapear e a diferenciar o conjunto de trajetórias possíveis. Quais são os diferentes percursos entre a militância religiosa e o assumir de causas políticas? Importante também seria elencar os tipos de mediações e de mediadores que operam para mudar rumos dessas vidas. Em suas trajetórias, qual o lugar e peso dos grupos de igrejas e pastores; dos professores de ensino médio; de projetos sociais desenvolvidos por organizações não governamentais ou programas governamentais? E/ou, como indicou Djenane – para além do que ocorre nos territórios religiosos ou seculares –, seria a “internet” um especial espaço de socialização para o engajamento supradenominacional e inter-religioso?

“Cristãos contra o Fascismo”: articulações ecumênicas em tempos de internet

Tiago Santos tem 33 anos, é formado em Teologia e faz mestrado em Educação. Foi membro da Igreja Batista, mas conta que, em seu contexto religioso, sempre teve um questionamento em “relação à própria interpretação bíblica”, pois era “uma interpretação mais conservadora, excludente de determinados grupos”. Lembrando que Jesus acolheu grupos marginalizados

de sua época (as crianças, as mulheres, os leprosos), pergunta: por que vamos segregar e excluir marginalizados da nossa época? Segundo ele, a igreja é um espaço “ensimesmado, que está descontextualizada, não se comunica com o contexto social de sua época”.

Em 2015 pediu desligamento da igreja e começou a se reunir com um grupo de amigos que estudavam a Bíblia com outra perspectiva. No início eram um teólogo, um ateu e um punk cristão. “Aos poucos outras pessoas foram chegando”, pessoas oriundas da Igreja Católica, da Assembleia de Deus, Anglicana, Luterana, Batistas... “gente de tudo o que é denominação...” Resolveram se organizar institucionalmente como uma ONG de educação e assistência social. A partir daí, desenvolveram vários projetos de extensão, inclusive de “letramento religioso”, com a ideia de “combater os discursos fundamentalistas religiosos”.

Fazem parte da ONG, “feministas, socialistas, comunistas, pessoas que se identificam com a esquerda, anarquistas”, pessoas excluídas das suas igrejas de origem por conta de questionamentos de cunho político. Essa ONG/Igreja tem um diferencial: além de estudos bíblicos, dos momentos de oração e de meditação, promove debates em diversas áreas. “Temos um grupo de gêneros e sexualidades, um grupo de debate sobre racismo, um grupo de debate sobre temas ecológicos”. Promoveram debates sobre como o governo tem lidado com questões ambientais e sobre a demarcação de territórios indígenas.

No entanto foi durante a Campanha Eleitoral de 2018, quando em apoio ao candidato Jair Bolsonaro se multiplicou o “discurso cristofascista com sua estética religiosa muito forte, caminhando ao lado de apelos armamentistas, violentos e antidemocráticos,” que Tiago criou um evento no Facebook chamado “Cristãos Contra o Fascismo”. Com essa chamada aglutinadora convocava-se para o ato *#elenão*, então organizado por vários movimentos de mulheres. A ideia era mostrar que os cristãos não eram “um bloco monolítico” e que nem todo cristão apoiava Bolsonaro. A repercussão foi além das expectativas. Em muitas cidades pelo Brasil afora criaram-se grupos e eventos com o mesmo nome. Impulsionado por um vídeo na Mídia Ninja, por uma página na internet, por postagens no Facebook e por um grupo no WhatsApp, o movimento Cristãos contra o Fascismo ganhou dimensão nacional.

Paralelamente, para melhor acolher pessoas que foram expulsas ou deixaram suas igrejas que sentiam falta de vínculos emocionais e afetivos, sempre presentes em comunidades de fé, iniciou-se um novo movimento. Articuladas por dentro do “Cristãos Contra o Fascismo”, nasceram as comunidades Liberta, que disseminam “a ideia de igrejas libertárias”. Em Porto Alegre, a comunidade Liberta é liderada por um pastor batista expulso de sua igreja. Em diversas cidades, foram se formando outras. Segundo Tiago, a ideia é evitar que as pessoas questionadoras fiquem “sem igreja”, sem “comunidades de fé”. Fizeram até uma cartilha com a ideia de auxiliar a criação de comunidades semelhantes em outros lugares do país.⁴³

Nas eleições de 2020, Tiago (antes filiado ao PT) integrou uma candidatura coletiva pelo PSOL. Faz parte da candidatura uma professora que traz o tema da educação e – por ser mulher e negra – tem abordado outras questões como raça, gênero, sexualidade. Também faz parte dessa candidatura um indígena Kaingang que aborda questões de territorialidade e cultura indígena. No conjunto, definem a candidatura como “cristã progressista” e colocam a “questão da intolerância religiosa” como “uma pauta central”.

⁴³ A ideia da “cartilha” remete diretamente às CEBs, ver Lesbaupin (1982). Só que desta vez não são as dioceses que as distribuem, mas um grupo de católicos e evangélicos que teve seu reconhecimento via internet.

⁴⁴ Ver análises sobre essas repercussões em Vital da Cunha (2021) e Fonseca (2021).

Apresentando-se como “cristãos”, por vezes, causam estranheza dentro do Partido. Porém, “passa logo, assim que eles percebem o nosso discurso”. Mas o fato de se identificarem como “esquerda” recebeu críticas no jornal *Folha Universal*, da lurd, e no *MBLNews*. “Como assim cristãos de esquerda?”⁴⁴ Nas eleições de 2020, as candidaturas ligadas ao movimento envolveram 67 pessoas em 42 candidaturas.

Perguntado sobre suas relações com a FEED e com a Bancada Evangélica Popular, Tiago expressa sua grande admiração por Ariovaldo Ramos. Mas diz que os dois movimentos citados juntam uma geração que já tem “caminhada política, já é um pouco mais midiático”, e tem gente que já lançou mais de uma vez sua candidatura. Enquanto Cristãos contra o Fascismo reúne pessoas mais jovens e mais anônimas. O apoio a essas pessoas se faz, fundamentalmente, por meio de uma plataforma na internet, de suas redes sociais, da divulgação de vídeos de apoio de personalidades. Destaca ainda a parceria com Advogados contra o Fascismo para resolver questões jurídicas das candidaturas.

Entretanto, talvez a maior diferença esteja no fato de o movimento se definir como “cristão” e, assim, possibilitar diferentes formas de participação condizentes com as trajetórias individuais de evangélicos e católicos que dele se aproximam. Entre os evangélicos, há aqueles que, como Tiago, se desligaram de suas igrejas por conta de pastores conservadoras – e para eles se oferece a alternativa de “igrejas libertárias”. Todavia há também casos inversos. Pastores (da Assembleia de Deus, batistas, adventistas, luteranos) progressistas que enfrentam dificuldades na liderança de suas “comunidades conservadoras” que também encontram espaço para participar pessoalmente do Cristãos contra o Fascismo.

Entre os católicos, “nós temos padres, muitos padres, muitos franciscanos, muitas freiras, muitos religiosos também, não só leigos” que pertencem ao movimento, mas muitos continuam frequentando suas comunidades de fé, suas igrejas. Sobre as correntes da igreja católica que se aproximam, Tiago diz que chegou a ver uma ou outra pessoa no grupo dizendo que era carismático, “mas são só gotinhas no meio do movimento todo”. Em geral, os católicos são pessoas ligadas à Pastoral da Juventude, Pastoral da Terra e outras pastorais que já fazem esse debate.

A partir desse quadro, algumas questões despertam interesse de pesquisa. Quando consideramos os atuais embates entre conservadores e progressistas, como ficam as classificações de evangélicos como históricos, de missão, pentecostais e neopentecostais? Até que ponto podemos dizer que Assembleia de Deus – entre as denominações classificadas como pentecostais – atualmente se destaca no fornecimento de quadros para a “esquerda evangélica”? Ouvindo as muitas histórias contadas pelos entrevistados em relação ao que se passa nas igrejas locais, vale dizer que o conservadorismo (religioso e político) se circunscreve ao “neopentecostalismo” (como está estabelecido em certo “senso comum savant”)? Por outro lado, que mudanças nos modelos e modos de “ser de igreja evangélica” podemos observar nas experiências relatadas? Por fim, o que dizer sobre o “ciberecumenismo” anunciado na presença de católicos e evangélicos no movimento Cristãos contra o Fascismo?

Nota Final

O tempo muda perguntas e exige outras respostas. Por exemplo, se um dos nossos jovens entrevistados evangélicos fizesse hoje a um jovem católico

progressista a mesma pergunta que Ariovaldo Ramos fez, tempos atrás, para Frei Beto sobre como contribuir para o “pensamento ético brasileiro”, a resposta: “não se esqueçam dos pobres, vocês têm que tomar posições ao lado dos pobres” seria suficiente? Ou essa resposta necessitaria ser complementada com outras contradições que retroalimentam a pobreza e ampliam as desigualdades sociais? Nas últimas décadas, vários coletivos e movimentos sociais demonstram que, para tomar posições ao lado dos pobres, é necessário simultaneamente combater os preconceitos e discriminações em relação aos índios, à população afrodescendente, às mulheres, aos grupos LGBTQIA+.

Se é verdade que o peso relativo de cada um desses marcadores de diferença/desigualdade não seja consenso, hoje parece não ser mais aceitável hierarquizar os conflitos e as lutas entre “contradições principais e secundárias” como, por exemplo, rezava a cartilha da esquerda maoísta. Se é verdade que – historicamente falando – diferentes correntes de pensamento sempre estiveram presentes nos processos de configuração das esquerdas (religiosas ou leigas), hoje não é diferente. As controvérsias sobre como articular “questões de classe” e “pautas identitárias” são frequentes, produzem debates que farão parte da história futura das esquerdas contemporâneas.

Nesse sentido, ainda que não possamos desconsiderar as preocupações de Nilza Valéria sobre a especificidade das tensões presentes no campo progressista evangélico, é importante sublinhar que a articulação entre as determinações de classe e as chamadas “pautas identitárias” é um desafio mais geral que envolve hoje todos que se movem em espaços da esquerda no Brasil.

Ao mesmo tempo, é importante atentar para o que se passa no chamado “mundo da participação” (Leite Lopes e Heredia, 2014), onde também há mudanças em curso. Como aponta a literatura (Souza 2017), registra-se hoje um conjunto heterogêneo de formas de engajamento que inclui: meio ambiente, religião, sindicalismo, partidos políticos ou altermundismo. Ou seja, no século XXI, a religião é destacada entre os vetores de engajamento. O pertencimento religioso se mistura com outras características da militância e hoje não precisa (como outrora) ser silenciado nos espaços de classificados como “de esquerda”, em outros tempos significativamente marcados por um desejado ateísmo no âmbito do materialismo histórico.

Nesse sentido, acionar a identidade religiosa para agir no mundo não tem apenas repercussões em diferentes aspectos das histórias de vidas de cada pessoa. Mas também repercute no conjunto das formas de engajamento que compõem o repertório da ação coletiva em dado momento histórico e contexto social. Nas entrevistas, ao articular suas trajetórias individuais aos contextos, às gramáticas e repertórios de militâncias (Souza, 2017), os entrevistados borram as fronteiras entre a identidade religiosa anunciada e as demais causas acionadas para justificar tal engajamento.

Percebe-se menos fronteiras e muito mais conexões com outros tipos de engajamentos registrados na sociedade, seja na sequência de eventos políticos dos quais Samuel participou (manifestações de 2013, ocupações nas escolas, eleições pelo PC do B), seja nas relações dos componentes da Candidatura Plural com as ocupações urbanas e com outros “movimentos identitários”, seja na sequência de acontecimentos que antecedeu a formação de Cristãos contra o Fascismo. Assim, os militantes evangélicos entrevistados não só reproduzem, mas também contribuem para alargar o repertório das militâncias.

Contudo, esse “alargar repertórios de militância” não suprime dilemas específicos da “condição/identidade evangélica”. No Brasil de hoje, não há

como não lembrar, pelas igrejas evangélicas circulam os mais pobres e mais discriminados da sociedade. Assim, e não por acaso, entre os entrevistados também estão presentes as mesmas preocupações de Valéria sobre a capacidade dos evangélicos progressistas “de falar com os irmãos”. Chegar à “base evangélica” é uma quimera. Isso não só nas igrejas locais, como também nas ocupações urbanas, nas redes sociais, nos aplicativos... Nessas buscas, surgem novas experiências de articulação entre racionalidade e mística.

Os caminhos para articular “condição/identidade religiosa” e militância política são diferenciados, assim como os níveis de elaboração teológica são distintos e bastante desiguais. O “ecossocialismo cristão dentro da espiritualidade progressista” proposto por Ariovaldo Ramos expressa uma possibilidade que convive com outras formulações talvez menos elaboradas e mais contextuais. De qualquer forma, o amálgama entre todos são as referências bíblicas, principal fonte de inspiração e terreno fértil constante (re) interpretações.

Ao mesmo tempo, em nosso país, olhando hoje para a esfera pública, não há como não reconhecer uma situação de maior “religiogização da política”. Vivemos um momento em que o “nome de Deus” frequenta sem cerimônia o discurso de políticos que se assumem como “de direita”. Em contrapartida, os atores e movimentos que pudemos conhecer na presente publicação, combinam categorias seculares e religiosas para se contrapor à perda de direitos das camadas populares, à intolerância religiosa, ao machismo, às injúrias raciais e discriminações homofóbicas. Nesse sentido, lembrando que as noções de direita e esquerda, surgidas lá atrás no tempo histórico, só têm sentido como um par relacional, podemos dizer que as experiências aqui relatadas (com seus diferentes adjetivos qualificativos) fazem parte do campo da esquerda (que – como sempre – é feito de controvérsias, de momentos de expansão e de retração.) Por fim, para concluir, só nos resta reafirmar a importância da publicação dessas generosas entrevistas.

Referências

FONSECA, Alexandre Brasil. (2021), “Democracia representativa, democracia participativa e questões identitárias: os evangélicos como um caso bom para pensar”. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 21, nº 39: 137-153.

LEITE LOPES, José Sérgio; HEREDIA, Beatriz. (org.). (2014), *Movimentos sociais e esfera pública. O mundo da participação*. Rio de Janeiro: EdUFRJ.

LESBAUPIN, Ivo. (1982), “As cartilhas políticas diocesanas de 1981-1982”. *Comunicações do ISER*, ano 1, nº 3: 35-42.

Novaes, Regina. “Os crentes e as eleições (I)”. (1982), *Comunicações do ISER – Religião e eleições*, nº 2: 3-10.

NOVAES, Regina; ALVIM, Rosilene. (2014), “Movimentos, redes e novos coletivos juvenis. Um estudo sobre pertencimentos, demandas e políticas públicas de juventude”. In: J. S. Leite Lopes; B. Heredia (org.). *Movimentos sociais e esfera pública. O mundo da participação*. Niterói: EdUFRJ.

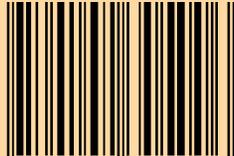
SOUZA, Patricia Lanes. (2017), *Entre becos e ONGs: etnografia sobre engajamento militante, favela e juventude*. Niterói: Tese de Doutorado – PPGA, UFF.

VITAL DA CUNHA, Christina. “Irmãos contra o Império: evangélicos de esquerda nas eleições 2020 no Brasil”. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 21, nº 39: 13-80.



Av. Pres. Vargas, 502
Centro, Rio de Janeiro - RJ
CEP 20071-000

ISSN - 01023055



9 770102 30500 6